



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CCSO




PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA - PPGEEB



# A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA

possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições  
de Ensino Médio no Maranhão.

ANDRÉA MAIA MACIEL



São Luís  
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA (PPGEEB)

**ANDRÉA MAIA MACIEL**

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA:** possibilidades  
para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão.

São Luís  
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA (PPGEEB)

**ANDRÉA MAIA MACIEL**

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA:** possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Hercília Maria de Moura Vituriano

São Luís  
2024

Imagens da Capa: **Design criado por Raimundo Simas Abreu Neto no aplicativo Canva em assinatura privada.**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor (a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Maciel, Andréa Maia.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA:  
possibilidades para o enfrentamento à violência em  
instituições de Ensino Médio no Maranhão / Andréa Maia  
Maciel. - 2024.  
224 f.

Orientador (a): Hercília Maria de Moura Vituriano.  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Gestão de Ensino da Educação Básica/ccso, Universidade  
Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Enfrentamento à violência. 2. Ensino Médio. 3. Formação  
continuada. 4. Violência na escola. I. Vituriano,  
Hercília Maria de Moura. II. Título.

**ANDRÉA MAIA MACIEL**

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA:** possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB), da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Educação – Gestão de Ensino da Educação Básica.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Dra. Hercília Maria de Moura Vituriano** (Orientadora)  
Doutora em Educação (PPGEEB/UFMA)

---

**Profª Dra. Vanja Maria Dominices Coutinho Fernandes** (1ª Examinadora)  
Doutora em Educação (PPGEEB/UFMA)

---

**Profª Dra. Delcineide Maria Ferreira Segadilha** (2ª Examinador)  
Doutora em Educação (PPGE/UFMA)

---

**Profª Dra. Livia da Conceição Costa Zaquieu** (1ª Suplente)  
Doutora em Educação (PPGEEB/UFMA)

---

**Profª Dra. Albiane Oliveira Gomes** (2ª Suplente)  
Doutora em Educação (PPGE/UEMA)

A minha mãe, Maria das Dores, que sempre me inspirou a lutar pelos sonhos com garra, perseverança e com os pés no chão. Ao meu Pai Maciel (*in memoriam*) que acreditava, incentivava e vibrava por cada conquista minha. Obrigada por me ajudarem a enxergar o quão a educação é importante e transforma vidas!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me dar forças todos os dias para seguir a minha jornada de vida, pela oportunidade de ainda enxergar o que há de belo nas pessoas e pela capacidade de sonhar, através da educação, por uma sociedade melhor.

Aos meus pais, Dorinha e Maciel (*in memoriam*), por todos os ensinamentos, amor, carinho, compreensão, puxões de orelha e por ajudarem a construir a minha própria identidade com valores éticos e de respeito para com o outro. A vocês todo o meu amor, respeito e a saudade do meu querido pai.

Ao meu esposo, Willame, que tem sido uma grande força na minha vida durante esses 10 anos juntos, com muitos altos e baixos, aperreios e vitórias. Além da paciência, amizade, ensinamentos, e por estar comigo em qualquer momento; por me dar forças e acreditar também em mim. Agradeço por não ter soltado a minha mão nos momentos mais difíceis de dificuldades da nossa vida, nas minhas crises de ansiedade e nas fases de pico da depressão. A você, todo meu respeito, admiração e amor.

A minha filha, Maria Luiza, que veio iluminar minha vida, trazer alegria e mais uma chance de viver, além das muitas responsabilidades (rs). Você é minha vida. Amo-te!

A minha irmã Adriana, que vibra e torce muito por mim. Apesar das nossas diferenças, admiro-a por ter se tornado essa mulher forte, iluminada e guerreira. Saiba que a amo muito e torço sempre pela sua vitória.

A minha sogra Socorro, que cuida sempre que pode da minha Malu, da nossa casa e de nós. Agradeço por sempre nos mostrar o quanto o caminho de Deus é maravilhoso!

A minha sobrinha Ana Gabriela, minha Gabi, minha primeira “filha” e ao meu sobrinho João Lucas, companheiro de aventuras e jogos da minha Malu. Vocês são os amores da titia.

Aos meus cunhados, Leonardo e Felipe, que torcem e acreditam no meu potencial. Vocês são grandes e ainda vão conquistar mais ainda o mundo!

Às minhas amigas Dânia Rafaela, Paula Ticiane e Walneide Massett pela colaboração na elaboração do meu anteprojeto de pesquisa para adentrar no mestrado, em especial, a Dânia Rafaela, que nos incentivou a ingressar no

mestrado. Vocês foram e são fundamentais por essa conquista, além da amizade que construímos desde a época em que cursávamos Pedagogia na UFMA.

Aos meus amigos conquistados nesse mestrado, Antônio José e Cleane Moraes. Agradeço pela amizade, paciência e pelos momentos que compartilhamos. Espero que possamos fortalecer ainda mais os nossos laços de amizade.

A minha orientadora, a professora Doutora Hercília Maria de Moura Vituriano, pela paciência, atenção, preocupação, competência, pelos conselhos e pelas orientações durante todo o percurso de construção deste estudo.

Aos professores (as) Doutores (as) que compartilharam seus conhecimentos e experiências, com muita dedicação e profissionalismo em suas aulas durante os percursos do mestrado: José Carlos, Hercília, Assis, Lívia, Marileia, Marilda, Elisa, e são vinculados(as) ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB/UFMA.

A Universidade Federal do Maranhão, por meio do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, pela oportunidade de adentrar em um Mestrado, sobretudo em Educação, um sonho desde a graduação, porém o destino me levou antes a outros caminhos, mas nunca havia perdido a esperança de um dia chegar lá.

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em ensino da Leitura, Escrita e Formação Docente – GELEF/UFMA, pelas discussões e reflexões acerca da importância de se pensar a formação docente de maneira crítica e reflexiva. Gratidão e respeito a todos.

A Gestão escolar, professores e colaboradores do Centro Educa Mais Domingos Vieira Filho pelo acolhimento, colaboração e participação nesta pesquisa, possibilitando uma maneira de intervenção nos problemas de violência no ambiente escolar.

À Sexta Turma egressa no PPGEEB, tanto a turma Regular, quanto a da SEDUC (a qual pertenço), pelas constantes trocas de conhecimentos, experiências, apoio e empatia em questões acadêmicas.

E por todos e todas que, de maneira direta ou indireta, cooperaram para a escrita deste projeto de dissertação.



“A escola, por exemplo, não cria violência sozinha, apenas reproduz a violência dentro dela. Mas também pode ser um meio de diminuí-la se atuar com conteúdos que ofereçam sentidos à vida dos alunos (...).”

Mario Sergio Cortella

## RESUMO

A pesquisa intitulada, “**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA**: possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão”, elaborada no âmbito do Mestrado Profissional (UFMA/PPGEEB), parte da seguinte questão problematizadora: quais saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de Ensino Médio podem se constituir como base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores nessa etapa da educação básica? Partindo de tal problematização, este estudo tem como objetivo compreender que saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de ensino médio são necessários para a constituição de uma base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores, com vistas a elaboração de um guia de orientações didático-pedagógicas, para organização do trabalho formativo no contexto de uma instituição de ensino médio em Paço do Lumiar - MA. Sendo assim, as principais referências bibliográficas foram: Abromovay (2002; 2006; 2009), Camacho (2001), Bourdieu (1998; 2006), Imbernón (2011), Nóvoa (1992), entre outros. Os objetivos elucidados caminham para um percurso metodológico organizado da seguinte forma: é uma pesquisa aplicada de natureza qualitativa, que em seus objetivos consubstancia-se como exploratória. Tem seus procedimentos baseados em elementos sistematizados em alguns pressupostos da Intervenção pedagógica; A análise e interpretação dos dados se deu por meio de quadros e tabelas em que as categorias centrais que nortearam este processo são: Violência na escola; Enfrentamento a Violência, Ensino Médio, Formação de Professores. Os resultados da pesquisa obtidos com a construção das seções teóricas apontam que a questão da violência no contexto escolar é uma realidade no Brasil, e por isso precisa ser estudada e problematizada, a fim de compreender as suas bases constituintes, e ao mesmo tempo, as possibilidades para o seu enfrentamento. Constatamos que a escola não pode resolver o problema de forma isolada, mas pode contribuir com a construção de possíveis percursos de enfrentamento. Nesse cenário a formação de professores se apresenta como uma das possibilidades que pode contribuir com o enfrentamento dessa problemática. A partir desta verificação, propomos um Guia de Orientações Teórico-Metodológicas, desenvolvido através das intervenções realizadas na escola pelos colaboradores da pesquisa, para contribuir com professores e gestão na organização de Projetos, atividades e parcerias em busca do enfrentamento à violência nas escolas e a busca de uma cultura de paz.

**Palavras-chaves:** Violência na Escola; Enfrentamento à Violência; Ensino Médio; Formação Docente

## ABSTRACT

The research entitled, "CONTINUED TRAINING OF TEACHERS AT SCHOOL: possibilities for confronting violence in high school institutions in Maranhão", prepared within the scope of the Professional Master's Degree (UFMA/PPGEEB), starts from the following problematizing question: what knowledge/knowledge relating to combating violence in secondary education institutions can constitute a theoretical and methodological basis to promote the process of continuing teacher training at this stage of basic education? Starting from this problematization, this study aims to understand that knowledge related to confronting violence in secondary education institutions is necessary to establish a theoretical and methodological basis to encourage the process of continuing teacher training, with a view to developing of a guide of didactic-pedagogical guidelines, for organizing training work in the context of a secondary education institution in Paço do Lumiar - MA. Therefore, the main bibliographic references were: Abromovay (2002; 2006; 2009), Camacho (2001), Bourdieu (1998; 2006), Imbernón (2011), Nóvoa (1992), among others. The elucidated objectives follow a methodological path organized as follows: it is an applied research of a qualitative nature, which in its objectives is considered exploratory. Its procedures are based on elements systematized in some assumptions of pedagogical intervention; Data analysis and interpretation took place through charts and tables in which the central categories that guided this process are: Violence at school; Confronting Violence, Secondary Education, Teacher Training. The research results obtained with the construction of the theoretical sections indicate that the issue of violence in the school context is a reality in Brazil, and therefore needs to be studied and problematized, in order to understand its constituent bases, and at the same time, the possibilities for coping. We found that the school cannot solve the problem in isolation, but it can contribute to the construction of possible coping paths. In this scenario, teacher training presents itself as one of the possibilities that can contribute to tackling this problem. Based on this verification, we propose a Guide of Theoretical-Methodological Guidelines, developed through interventions carried out at school by research collaborators, to contribute to teachers and management in the organization of Projects, activities and partnerships in search of combating violence in schools and search for a culture of peace.

**Keywords:** Violence at School; Confronting Violence; High school; Teaching Training

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada da escola pesquisada .....	66
Figura 2 - Localização geoespacial do entorno da escola pesquisada .....	69
Figura 3 - Conversa reflexiva sobre Bullying e Cyberbullying .....	88
Figura 4 - Cartaz da atividade proposta sobre Violência nas escolas .....	89
Figura 5 - Campanhas de combate à preconceitos, discriminações e segregações	89
Figura 6 - Alunos assistindo o filme Extraordinário .....	90
Figura 7 - Roda de conversa sobre Bullying e Cyberbullying .....	91
Figura 8 - Distribuição das perguntas.....	91
Figura 9 - Participação dos alunos na roda de conversa .....	92
Figura 10 - Cartaz exposto na parede da escola.....	93
Figura 11 - Cartaz exposto na parede da escola.....	93
Figura 12 - Cartaz exposto na parede da escola.....	94
Figura 13 - Cartaz exposto na parede da escola.....	94
Figura 14 - Cartaz exposto na parede da escola.....	94
Figura 15 - Alunos expondo os cartazes sobre preconceito racial .....	95
Figura 16 - Alunos com panfletos das campanhas.....	96
Figura 17 - Alunos apresentando as campanhas nas salas .....	96
Figura 18 - Alunos distribuindo panfletos .....	97
Figura 19 - Capa do Produto Educacional .....	120
Figura 20 - Sumário do Produto Educacional.....	121

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Etapas da pesquisa, objetivos, procedimentos e sujeitos participantes. .72	72
Quadro 2 - Perfil dos Participantes.....79	79
Quadro 3 - Como você define a violência? .....79	79
Quadro 4 - Você identifica algum tipo de violência no ambiente escolar? Se sim, quais tipos? .....82	82
Quadro 5 - Você consegue identificar possíveis causas de violência no ambiente escolar?.....83	83
Quadro 6 - Na sua opinião, o que tem contribuído para a presença da violência na escola? .....85	85
Quadro 7 - Quais sujeitos devem estar envolvidos diretamente no enfrentamento a violência na escola? .....98	98
Quadro 8 - Qual o papel da escola, do estado e da sociedade civil em relação ao enfrentamento a violência na escola? .....100	100
Quadro 9 - Na sua opinião, qual é o papel do professor/coordenador/ gestor diante da violência e do seu enfrentamento na escola? .....103	103
Quadro 10 - Você considera importante estudar sobre essa questão? Já participou na escola de algum encontro em que o tema da violência foi abordado? .....106	106
Quadro 11 - Você entende, por meio de encontros de formação que abordem esse tema, que os professores e as escolas poderiam abordar de forma consciente a violência no ambiente escolar e seu enfrentamento? .....108	108
Quadro 12 - Como poderia ser organizada essas formações na escola em relação aos seguintes aspectos: tipos de conteúdos a serem abordados? Quem deveria participar? Quem deve se constituir como formador desses espaços? .....110	110
Quadro 13 - Você acha que há possibilidade de dialogar com outros sujeitos exteriores a escola para enfrentamento da violência? Se responder sim, quais seriam? .....114	114

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estrutura Física da escola pesquisada.....	67
Tabela 2 - Quantitativo efetivo da escola pesquisada .....	67

## LISTA DE SIGLAS

COVID 19 – Corona Vírus Disease 2019  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente  
EJA – Educação de Jovens e Adultos  
EJA TEC – Educação de Jovens e Adultos Técnico  
FUNAC – Fundação de Apoio  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IST's – Infecções Sexualmente Transmissíveis  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
MA – Maranhão  
MEC – Ministério da Educação  
MS – Ministério da Saúde  
OMS – Organização Mundial de Saúde  
PCN'S – Parâmetros Curriculares Nacionais  
PeNSE – Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar  
PNE – Plano Nacional de Educação  
PPGEEB – Programa de Pós-graduação em Gestão Escolar do Ensino Básico  
SEDUC – Secretaria Estadual de Educação  
SUPCETI - Supervisão dos Centros de Educação em Tempo Integral  
UFMA – Universidade Federal do Maranhão  
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 A VIOLÊNCIA E SUAS DIFERENTES DEFINIÇÕES</b> .....	27
2.1 Violência: conceitos e significados .....	28
2.2 A violência como fenômeno sociocultural .....	33
2.3 A violência nas diferentes abordagens de estudo: antropológica e sociológica .....	35
2.3.1 Abordagem antropológica .....	35
2.3.2 Abordagem sociológica .....	37
<b>3 A ESCOLA, CURRÍCULO E A VIOLÊNCIA: possíveis relações</b> .....	41
3.1 A escola e sua função .....	42
3.2 A violência em contexto escolar .....	45
3.3 Violência e currículo escolar: relações e intersecção .....	49
<b>4 FORMAÇÃO DOCENTE E A VIOLÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	55
4.1 Formação continuada de professores: por uma concepção crítico-reflexiva para mudanças na escola .....	55
4.2 A violência como conteúdo da formação: possibilidades de enfrentamento e instauração de uma cultura de paz .....	59
<b>5 CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	61
5.1 Os fundamentos da pesquisa .....	62
5.2 Tipo da pesquisa: natureza, abordagem e procedimentos .....	63
5.3 Caracterização do local de pesquisa .....	66
5.4 Sujeitos e objetos de pesquisa .....	69
5.5 Instrumento de coleta de dados .....	69
5.6 Sistematização dos dados da pesquisa .....	73
5.7 Descrição do produto educacional .....	74
<b>6 A PERCEPÇÃO E O ENTENDIMENTO DOS COLABORADORES ACERCA DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DA PESQUISA</b> .....	77
6.1 A concepção dos professores e coordenação pedagógica sobre a violência na escola .....	78
6.2 Constituindo contextos de formação: os diálogos e práticas como recurso significativo dos dados da pesquisa .....	106



<b>6.3 O Guia Didático sobre a violência nas escolas e o seu processo de enfrentamento: uma ferramenta teórica-metodológica para fundamentar a prática docente</b> .....	119
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	123
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	126
<b>APÊNDICES</b> .....	135
<b>APÊNDICES A - QUESTIONÁRIO PARA COLABORADORES DA PESQUISA</b>	136
<b>APÊNDICES B - ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES DA PESQUISA</b> .....	139
<b>APÊNDICES C - O PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	142
<b>ANEXOS</b> .....	205
<b>ANEXO A - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	206
<b>ANEXO B - TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO – TLCE</b> ....	207
<b>ANEXO C - CIRCULAR DA ATIVIDADE PROPOSTA PELA SUPERVISÃO DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL – SUPCETI</b> .....	209
<b>ANEXO D - MANUAL DE ORIENTAÇÕES PARA PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA</b> .....	210

## 1. INTRODUÇÃO

Conforme Maciel (2015), compreender as questões referentes à violência no contexto de instituições de ensino no Brasil, constitui-se como um desafio para toda a comunidade escolar: estudantes, professores, gestores, administrativos, familiares, especialmente na etapa do ensino médio, visto que é uma problemática real que passou a fazer parte do cotidiano escolar, em especial de escolas públicas que em geral atende grande parte de um público em situação de vulnerabilidade social.

Nessa discussão sobre a violência no contexto de escolas de ensino médio, é abordado tal problema a partir de autores da área da Educação, Sociologia e Antropologia, tendo em vista que por ser uma problemática constituída de muitas variáveis, entende-se que abordá-la nessa perspectiva multirreferencial, contribui para ampliar o olhar acerca dessa questão. Assim sendo, busca-se construir um trabalho sobre a existência e a permanência da violência no contexto de uma escola de ensino médio, visando a busca por seu enfrentamento.

Sabe-se que a escola não tem possibilidades de resolver esse agravante de forma isolada, embora sendo uma instituição com uma função social importante, precisa dialogar sobre as diversas questões que fazem parte da vida dos sujeitos que dela fazem parte. Afinal, investigar a questão da violência na escola envolve a compreensão de muitos aspectos e dimensões, sobretudo de entendê-la como um fenômeno complexo e que não se limita a simplesmente definir e categorizar os tipos de violência, mas de situá-la em suas múltiplas origens, e por sua vez as consequências desse processo para a sociedade como um todo.

Sendo assim, Assis e Mariel (2010) descrevem que é preciso fazer uma análise dos diferentes tipos de violências, e sobre aqueles presentes no contexto escolar, bem como o papel da escola e do professor como mediador de conflitos, intervindo nessas situações ocorridas em sala de aula e na escola como um todo. É preciso discutir e ampliar o debate sobre o papel da escola, do professor e dos demais funcionários no processo de enfrentamento à violência na escola. Para tanto, é urgente refletir sobre quais saberes/conhecimentos devem ser mobilizados nesse contexto, a fim de que se pense em perspectivas de enfrentamento a esta problemática.

A intenção nestes escritos não é responsabilizar o professor, tampouco a

escola, por resolver tal problema. Na verdade, compreender é fundamental para situar a função da escola e de seus sujeitos diante dessa questão. O que fazer? Como enfrentar a violência na escola como professor, membro de uma comunidade educativa?

Para isso, a escola é, de acordo com Abromovay (2009), um dos principais ambientes de convivência social de crianças e adolescentes, e ainda um espaço de interação social e de aprendizagem, onde diferentes grupos convivem, ou deveriam conviver de forma humana, cercados pela diversidade cultural e múltiplos contextos, nos quais estão inseridos alunos, gestores, professores, pais e outros grupos, tornando inevitável que surjam divergências de opiniões e conseqüentemente conflitos. Essas discordâncias fazem parte do processo de interação e do convívio em sociedade, porém não podem se constituir como um entrave a boa convivência, implicando em algum tipo de violência. O conceito de violência modifica-se à proporção que a sociedade se reestrutura e avança em termos de garantias e afirmação de direitos sociais (Oliveira; Gomes,2012).

Essas reflexões fizeram-me retomar parte da minha experiência como professora de Sociologia no Ensino Médio, e se percebe que a profissão é permeada por problemas e desafios, os quais precisam ser problematizados constantemente, já que lidamos diretamente com a formação humana em contexto social, e que essa formação passa por modificações sociais frequentemente.

Nesse interim, constatou-se o quanto a educação é permeada por questões vivenciadas pela sociedade, ou seja, a escola é em parte reflexo das vivências sociais e da cultura que permeia os contextos de seus sujeitos. E nesse contexto, vivenciei e vivencio toda complexidade que envolve as relações sociais entre alunos, professores e demais sujeitos da comunidade escolar. São relações, muitas vezes, atravessadas por conflitos, os quais podem concorrer com a presença de atos de violência na escola.

Os desafios da profissão que se fazem presentes no seio da escola passam por muitas questões como, a falta de estrutura física das escolas, a falta de professores para atuar nas diferentes áreas do conhecimento, que por vezes, a formação não coincidia com a atuação, e com certa prevalência, as situações de violência materializadas em suas diversas formas. A saber: na dimensão física,

psicológica e a simbólica<sup>1</sup>. Tais situações instigavam-nos, no sentido de questionar, o que poderia ser feito em relação a essa problemática? O que caberia a comunidade escolar fazer diante de tais situações? Como envolver toda a comunidade escolar, especialmente os professores nesse processo de enfrentamento? Mas tudo isso ficou no nível das inquietações, as quais foram levadas para outro contexto de experiência profissional, quando houve a oportunidade de trabalhar em outras modalidades de ensino.

Trabalhei, a partir de 2015, em duas escolas da rede pública estadual, no município de São Luís, com realidades distintas: uma com características muito específicas e diferente de tudo aquilo que já havia vivenciado como professora, já que se tratava de uma escola Militar, com uma excelente estrutura, funcionamento pedagógico, extremamente organizada, alunos que passaram por processo seletivo para entrar na instituição, composta por estudantes com uma história escolar relativamente boa, do ponto de vista cognitivo, quanto a outra, o meu trabalho direcionou-se para as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA<sup>2</sup>), atendendo um público específico, marcado por várias especificidades: são trabalhadores, que já foram reprovados, ou deixaram a escola anteriormente e têm idade mais avançada, dentre aquela prevista para a etapa, além de outros aspectos que também se percebe o quanto a violência dentro e fora da escola pode influenciar de maneira significativa no processo de ensino aprendizagem.

Por isso, há um entendimento de que tais situações, por fazer parte de uma sociedade, na qual a violência passou a fazer parte do seu cotidiano e ao mesmo tempo naturalizada, necessitam ser elencadas por estudos mais aprofundados, e por compreender que tal tema é um problema que adentrou a escola e como a educação é uma prática social, é o papel da professora pesquisadora, implicada no processo de ensino-aprendizagem de escolas públicas, marcadas por essa problemática, entendendo esse processo e o situando no contexto da escola. Então, qual será o papel da comunidade escolar nesse contexto? Negar? Fazer de conta que não temos relação com essa problemática? O entendimento gira em

---

<sup>1</sup> Essas formas de violência serão explicitadas posteriormente no texto (Ver a SEÇÃO 2);

<sup>2</sup> Educação de jovens e adultos (EJA) é a modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira e adotada por algumas redes particulares que recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada por qualquer motivo (entre os quais é frequente a menção da necessidade de trabalho e participação na renda familiar desde a infância). O segmento é regulamentado pelo artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da educação (a LDB, ou lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996).

torno do estudar, para significar o papel, enquanto educadores e formadores das novas gerações.

Nesse cenário de inquietações e de mudança de instituições em relação a minha lotação no ano de 2020, foi bastante desafiador, pois comecei a atuar no Centro de Juventude Esperança (Unidade Maiobinha, da Fundação da Criança e Adolescente – FUNAC)<sup>3</sup>, na escola anexo do Centro de Ensino Médio Coelho Neto, para trabalhar com alfabetização dos menores infratores. Mais uma vez observei o quanto a desigualdade social pode gerar violências, criminalidades, então surgiram as indagações: qual o papel da educação nesse cenário? Entretanto nesse mesmo ano, iniciei meus trabalhos em escola de tempo integral, no Centro de Ensino Educa Mais Domingos Vieira Filho – escola de minha atuação atual – mas dois dias depois que adentrei a escola, paramos devido a pandemia da COVID-19<sup>4</sup>. Diante das adversas circunstâncias, mal sabíamos o que fazer. Adaptamo-nos a uma nova modalidade de ensino – ensino remoto<sup>5</sup>, e foi nesse contexto que os casos de violência se apresentaram com mais frequência. Os relatos de estudantes eram muitos, os quais relatavam sobre diversas situações que viviam juntos as suas famílias, sendo que entre os professores havia certa preocupação com o agravante, mas não havia conhecimento suficiente sobre como lidar com tais situações dos discentes. Essa percepção de não se ter uma solução, impulsionou a produção do pré-projeto de pesquisa para concorrer ao mestrado com a turma especial, aberta por meio de um edital exclusivo para profissionais da rede estadual. Uma parceria entre UFMA e SEDUC.

Assim, é proposta uma investigação para aliar o conhecimento sobre a violência na escola e o seu processo de enfrentamento, especialmente para que os professores em contexto escolar possam compreender esse fenômeno e, ao mesmo tempo, pensar em perspectivas solucionáveis, e nesse sentido, investir em

---

<sup>3</sup> Fundação da Criança e Adolescente – FUNAC, criada pela Lei Estadual do Maranhão nº 5.650, em 13 de abril de 1993, tem por finalidade garantir o atendimento integral aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas privativas e restritas de liberdade, visando a (re)construção de seu projeto de vida em consonância com os preceitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. Disponível em: <https://www.funac.ma.gov.br/>

<sup>4</sup> A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia em curso de doença por coronavírus 2019 (COVID-19), uma doença respiratória causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia\\_de\\_COVID-19](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19)

<sup>5</sup> Ensino Remoto decretado por meio da Portaria Nº 506, de 30 de março de 2020, publicada pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão.

processos de formação continuada, que se entende como a constituição de uma das formas de enfrentamento, pois promove, além do conhecimento sobre as formas de violência, conscientização do professor sobre aquilo que pode fazer na sua comunidade escolar, ou seja, implicar-se nesse processo.

Diante dessa perspectiva, Vituriano (2008) afirma que a formação docente se torna um dispositivo importante, tendo em vista que pode subsidiar e repertoriar os professores acerca das problemáticas que surgem dentro do contexto escolar. Logo, foi proposto um estudo como possibilidade de contribuir com a constituição de espaços formativos, os quais se tornem um lugar de mobilização de saberes, conhecimentos e práticas de enfrentamento à violência na escola.

Há a compreensão de que a formação deve abordar as questões que fazem parte do dia-a-dia da escola, seus desafios, problemas e perspectivas encontradas. Tem uma dimensão na profissão docente que é institucional, como ressalta Nóvoa (1992) afirmando que a profissão docente tem uma dimensão pessoal, profissional e institucional, por isso a formação deve contemplar tais dimensões. Então, entende-se que no caso da violência na escola, a formação continuada deve contemplar todas essas dimensões.

Para Imbernón (2011), a formação docente vai além do simples fato de atualização científica, pedagógica, ou didática, pois é preciso articular elementos próprios da profissão, por isso a necessidade de uma formação que possa contribuir com a reflexão crítica sobre as práticas docentes, e com isso questões que atravessam o fazer dos professores. Nesses contextos formativos é importante refletir sobre quem é a escola e seus sujeitos, sua cultura, sua história, especialmente quem são seus estudantes. Deve ser um espaço para problematizar e repensar sobre as necessárias mudanças e incertezas que compõe a realidade. Assim, têm-se como consideração um entendimento crítico e reflexivo sobre a concepção de formação sobre a qual situa-se este trabalho.

Dessa forma, destaca-se alguns dos principais argumentos que se coloca diante do interesse de investigar o tema apresentado neste estudo, tais como: as experiências vivenciadas como professora de Sociologia da rede pública estadual, no qual se presenciou inúmeras situações de violência na escola, e na maioria dos casos observou-se que os professores se sentem desamparados e perdidos diante desse problema, o que traz sérias implicações para o trabalho docente e para a prática pedagógica; a ausência/dificuldade de encontrar conhecimentos

sistematizados que possam contribuir para a problematização e tematização dessa questão no contexto escolar, e que para tanto subsidiem a organização de espaços de formação continuada para os docentes, os quais possam contribuir para repertoriar/ampliar seus saberes/conhecimentos acerca da violência na escola, desde as formas de identificação, como também os modos de encaminhar essas situações; a ausência de análise e sistematização do crescente número de conflitos entre os estudantes, educadores e funcionários na escola.

A violência no ambiente escolar pode se expressar de diferentes formas, dentre as mais recorrentes destacam-se: agressões verbais, simbólicas e até mesmo físicas. Em meio a estas formas de expressão, algumas justificativas são apresentadas em grande parte com pouco fundamento, ocasionando que o foco da problemática fique apenas na identificação de suas formas de expressão, sendo muito pouco sistematizado e problematizado, causando assim poucas reflexões sobre os modos de enfrentamento.

Ainda se constata a necessidade de implementar discussões e investigações na comunidade escolar, sobre aspectos que possam contribuir para o enfrentamento dessa problemática. Discutir sobre a diversidade e a inclusão, pode ser um caminho para reforçar medidas de prevenção a inúmeros tipos de violência, a fim de que se estabeleça uma cultura de paz na escola, por meio do reconhecimento da identidade e diferença de cada um.

Diante destes pressupostos ressaltados emergiram como ponto inicial para elaboração da questão problematizadora deste estudo, a saber: Quais saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de Ensino Médio podem se constituir como base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores nessa etapa da educação básica? A partir dessa questão problematizadora, traçamos algumas questões norteadoras, para orientar o percurso do trabalho, dentre as quais destacamos:

- Quais elaborações teóricas e metodológicas situam os estudos sobre violência em instituições escolares, partindo da formação continuada como possibilidade para o seu enfrentamento?
- Quais são as concepções dos professores e coordenadores pedagógicos, colaboradores da pesquisa, sobre violência em instituições de Ensino Médio, bem como, da formação continuada como uma possibilidade para seu enfrentamento?

➤ Como organizar um Guia de Formação Continuada, contendo orientações didático-pedagógicas para subsidiar a formação docente na escola, composto por saberes/conhecimentos teórico/prático, relativos a violência e o seu processo de enfrentamento em uma instituição de Ensino Médio da rede pública estadual de Paço do Lumiar-MA?

A partir dos questionamentos acima descritos, definimos como objetivo geral: Compreender que saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de Ensino Médio podem se constituir como base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores, com vistas a elaboração de Guia de Orientações Didático-pedagógicas para a organização de um trabalho formativo no contexto de uma instituição de Ensino Médio em Paço do Lumiar - MA.

Integram-se como objetivos específicos desta pesquisa:

➤ Situar as bases teóricas e metodológicas sobre as quais a violência na escola e seu processo de enfrentamento vêm se constituindo como campo de estudo, bem como, as implicações da formação continuada frente a este processo;

➤ Identificar as concepções dos professores e coordenadores pedagógicos, colaboradores da pesquisa, sobre violência em instituições de Ensino Médio, bem como, da formação continuada como uma possibilidade para seu enfrentamento;

➤ Realizar junto aos colaboradores da pesquisa, a definição, perspectivas e trajetórias para o desenvolvimento de um produto educacional sobre enfrentamento à violência na escola;

➤ Elaborar um Guia de formação continuada, baseado em saberes/conhecimentos teórico/prático, relativos a violência e o seu processo de enfrentamento na escola, contendo orientações didático-pedagógicas para subsidiar os processos de formação docente em uma instituição de ensino médio de Paço do Lumiar-MA.

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa aplicada de natureza qualitativa, consubstanciando-se como exploratória. Quanto ao tipo de pesquisa, estão sistematizados seguindo os pressupostos da Intervenção pedagógica. Como instrumento de coleta de dados, foram utilizados questionário, entrevista, observação participante e reuniões. Já a análise e interpretação dos dados se deu por meio de quadros e tabelas em que as



categorias centrais que nortearam este processo são: Violência na escola; Enfrentamento a Violência e Formação de Professores.

Contudo, para uma melhor compreensão deste estudo, ele está dividido em 5 seções acompanhadas da introdução, referencial teórico e considerações finais, permanecendo sua estruturação da seguinte forma: a segunda seção faz referência ao conceito de violência, destacando a relevância de se estudar sobre este tema, tendo impacto significativo no ambiente escolar no decorrer dos anos. Assim, evidencia-se que o termo violência tem um amplo significado e diferentes manifestações, temporais e históricas, variando de sociedade para sociedade.

Ainda nesta seção, evidencia-se a análise da violência como um fenômeno sociocultural, a qual é visualizada sob dois pontos de vista, sendo o primeiro, a abordagem feita a partir de visões construídas no cotidiano – do senso comum – que, em parte, expressa que a violência é vista como um ato que advém das relações diárias entre os indivíduos, ou seja, atos violentos justificados apenas com a visão de que ocorre por conta do processo de socialização com diferentes indivíduos. Já o segundo, parte do ponto de vista científico, com técnicas de pesquisa científica, na busca de explicações, ou justificativas para tais atos violentos, considerando aspectos econômicos, sociais e políticos.

Seguindo essa perspectiva, a segunda seção finaliza ao trazer algumas abordagens de conhecimento, baseadas nas Ciências Sociais, mais especificamente nas abordagens antropológica e sociológica. Na primeira, a violência é analisada sob a ótica neurofisiológica, da antropologia pré-histórica e da psicologia, quanto a segunda, baseia-se seu entendimento sobre a violência a partir da formação e desenvolvimento das sociedades.

Na terceira seção, a ênfase perpassa para a escola e a violência que, por ventura, pode ocorrer no ambiente escolar. Assim, destaca-se o papel social, político e cultural que a escola possui, sendo esta um dos meios mais importantes e envolventes do processo de socialização do indivíduo, além de aprimorar o desenvolvimento humano, minimizando as desigualdades, bem como auxilia o indivíduo a ter um pensamento mais crítico, voltado para a busca de melhorias individuais e coletivas.

Nesse sentido, sendo a escola um espaço que deveria agregar as diferenças, é importante analisar como essa questão da violência pode ser problematizada, e os conflitos que têm se materializado em seu espaço, e que cabe

à escola acolher a diversidade de pensamentos, culturas, pessoas e povos. Sem este processo de acolhimento, as questões podem propiciar essas situações. Logo, são relevantes algumas pesquisas recentes sobre a violência escolar, a qual é manifestada de inúmeras formas.

Ainda nessa seção, frisa-se sobre o currículo e a reflexão acerca da violência que a escola exerce sobre os alunos, e esse tipo de violência é a simbólica, a qual se legitima silenciosamente por meio do currículo escolar.

A quarta seção apresenta a Formação Docente, traçando um percurso histórico de desenvolvimento, destacando posteriormente a Formação Continuada como um dispositivo importante para a construção de perspectivas, a qual se elabora a partir do pressuposto de que a formação continuada desenvolvida no contexto escolar com os professores, em uma concepção de reflexão crítica sobre a prática, constitui-se como uma das possibilidades para o enfrentamento à violência no contexto de uma instituição de ensino médio, da rede pública estadual, do município de Paço do Lumiar – MA.

A quinta seção foca as discussões dos Caminhos Metodológicos que esta pesquisa percorreu, assim sendo uma pesquisa aplicada de abordagem qualitativa, fundamentada na Pesquisa do tipo de Intervenção Pedagógica. A geração dos dados foi feita por meio de questionário e entrevista semiestruturada, e a sistematização desses foram organizadas em quadros e tabelas. Ademais, discorre-se sobre os lócus da pesquisa e os colaboradores.

Desta forma, a sexta seção elenca os dados alcançados nesta pesquisa empírica, através de instrumentos utilizados para a geração de dados, bem como da observação participante, a qual possibilitou uma melhor compreensão da realidade do local pesquisado. Assim, o esboço dos dados produzidos é oriundo de materiais pessoais, acadêmicos e advindos de experiências profissionais dos colaboradores da pesquisa, sendo as concepções pessoais sobre a violência enfáticas e que podem ocorrer na escola. Ainda houve debates sobre algumas ideias de atividades e intervenções que a escola poderia realizar, de modo a auxiliar no combate à violência, além de se pensar e indicar parcerias para essa jornada. Ainda na seção, utilizou-se do guia de orientações teórico-metodológicas sobre a violência e o seu processo de enfrentamento.

Em última instância, traçou-se as considerações finais com o êxito no alcance dos objetivos delineados nesta pesquisa. Portanto, espera-se que, através

deste estudo, possa-se contribuir para a ampliação do entendimento da violência, por meio do fortalecimento dos espaços de formação continuada, na escola, que visa garantir um espaço de reflexão e análise crítica, no que diz respeito a temática abordada, e colaborar para o enfrentamento da violência no contexto escolar, a partir de ações formativas com seus pares, atividades e projetos a serem desenvolvidos na escola, e as possibilidades de parcerias a serem firmadas, na busca de combater a violência dentro e fora da escola.

## 2. A VIOLÊNCIA E SUAS DIFERENTES ABORDAGENS

Diversos são os significados do termo violência a serem discutidos, a qual pode ser entendida e conceituada sob diferentes perspectivas. Nesse sentido, faz-se necessário um estudo que perpassasse sobre o seu significado etimológico, determinado a partir de perspectivas históricas, bem como destacar os principais tipos e formas de sua ocorrência no meio social, a exemplo de: a violência física, a violência psicológica, a violência sexual, a privação, a negligência, a violência de gênero, a violência contra a mulher, entre outros. Ademais, o destaque desta temática recairá sobre os tipos de violências mais recorrentes dentro da escola, como: a violência física, a verbal, a psicológica, a institucional, o bullying<sup>6</sup>, o cyberbullying<sup>7</sup> e a simbólica.

Continuamente, a violência e a exclusão social tornaram-se fenômenos que prejudicam os indivíduos a alcançarem uma vida digna, sobretudo de viver saudavelmente. Assim, ela torna-se, aos poucos, parte integrante das relações sociais, o que é preocupante do ponto de vista do entendimento por parte da sociedade, e muitas vezes de aceitá-la como algo natural. Dessa forma, a discussão acerca da violência desenvolve-se considerando duas abordagens, a saber: uma primeira abordagem que relaciona as percepções sobre a violência do ponto de vista do senso comum, baseada nas experiências e vivências cotidianas do indivíduo, e uma segunda perspectiva elaborada a partir de estudos científicos.

A centralidade deste estudo é situar a discussão sobre (a) violência na escola com relevância às elaborações construídas por duas abordagens de conhecimentos, cujo o enfoque se dá nas perspectivas antropológica e sociológica. Ou seja, a violência tornou-se um fenômeno em destaque nas diferentes sociedades, e uma problemática que se inseriu no contexto escolar.

Destaca-se ainda nesta seção, a compreensão acerca da violência, sobretudo daquela que ocorre no ambiente escolar, a qual é complexa devido a inúmeras formas de sua materialização, visto que ela varia de acordo com o

---

<sup>6</sup> *Bullying* é uma palavra de origem inglesa que designa atos de agressão e intimidação repetitivos contra um indivíduo que não é aceito por um grupo, geralmente na escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>

<sup>7</sup> *Cyberbullying* é o bullying realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. É o comportamento repetido, com intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-eh-e-como-para-lo>

momento histórico, a cultura, a ética e os valores de cada grupo social. No contexto atual, este tema vem galgando espaços maiores nos (estudos e pesquisas sobre da sociedade como um todo), sendo compreendido como uma questão importante no que se refere à sua abrangência e complexidade no meio social. De maneira geral, os atos violentos formam-se por meio de agressões físicas, intolerâncias e o desrespeito com o outro, já que surgem da intensa negação às diferenças.

Esta seção organizou-se a partir dos seguintes elementos centrais: os conceitos e as significações da violência; a análise da violência enquanto um fenômeno sociocultural; o estudo das perspectivas sociológica e antropológica sobre a violência nas Ciências Sociais.

## **2.1. Violência: conceitos e significados**

Diante da complexidade das diversas definições de violência, é importante elencar as análises de alguns autores, visto que as reflexões variam de acordo com a sociedade estudada e o tempo histórico, ou seja, deve-se pontuar o estudo da realidade em um comparativo com outras realidades e o seu contexto histórico (Marra, 2007), para que, assim, haja um melhor esclarecimento sobre a temática.

O vocábulo violência vem do latim *violentia*, relacionada a *vis* e *violare*, e em seu sentido etimológico significa *força em ação*, força física, potência, essência, ademais algo que viola, profana, transgrede ou destrói. Dessa forma, *violentia* também pode sugerir uma ideia de vigor, ou força que leva à transgressão, ou à destruição de uma ordem dada, ou mesmo, dita como natural (Michaud, 1989).

Ainda nesse sentido, de acordo com Michaud (1989, p. 7), a violência é definida como “o fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra sua vontade empregando força ou intimidação; (...) ato que exerce violência; (...) expressão brutal dos sentimentos; (...) caráter brutal de uma ação”. Logo, conceituar a violência torna-se uma tarefa árdua, pois se percebe acima que existem diferenças nos sentidos do uso e no significado etimológico do termo.

Quanto a Abramovay, Rua (2002), a violência é um fenômeno em destaque na contemporaneidade, sendo cotidianamente discutido, o que leva à necessidade de se analisar o contexto em que ele se inscreve, ou seja, situá-la nessa perspectiva, da sua contextualização.

Os preceitos sobre a violência chegam à razão de se configurar como um problema social bastante complexo, por suas diversificadas formas de materialização. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), na publicação do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (Krug, 2002), são evidenciadas e caracterizadas algumas das formas de expressão da violência, tais como: a violência física, a violência psicológica, a violência sexual, a privação; a negligência; o abandono; a violência de gênero; a violência contra a mulher, entre outros. A seguir, breve análise sobre algumas das formas de violência consubstanciadas nos estudos de Minayo (2007):

- Violência física – significa o uso da força física para machucar, traumatizar, ferir, causar dores, ou incapacitar outra pessoa;
- Violência psicológica – desenvolve-se por meio de agressões verbais, ou gestuais com o intuito de aterrorizar, rejeitar e diminuir a vítima, limitar a liberdade, ou ainda de a restringir do convívio social;
- Violência sexual – é o ato sexual que pode acontecer nas relações tanto hétero, quanto homossexuais, e tem a pretensão de estimular a vítima, ou usá-la para obter excitação sexual, ou práticas eróticas, pornográficas e sexuais, impostas em forma de aliciação, violência física, ou ameaças. Este tipo de violência também pode ocorrer por meio do abuso sexual, que varia entre relações sexuais, carícias, manipulação dos órgãos genitais, relações sexuais com, ou sem penetração oral, vaginal, ou anal;
- A privação ou negligência (violência) – é a omissão de dispor as necessidades básicas a alguém, tais como; alimentação, moradia, segurança e educação.

Além dessas especificações, destaca-se algumas características das formas de violência apontadas no *Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania* (2009)<sup>8</sup>. No referido documento há uma preocupação relacionada a sua efetivação

---

<sup>8</sup> *Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania* é um Documento Oficial desenvolvido pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo em 2009, cujo o objetivo é estabelecer uma literatura acerca da cidadania, violência e a busca por uma cultura de paz nas escolas, assim, criou-

com crianças e adolescentes. Nesse estudo, a violência se efetiva nas formas de: Negligência, entendida como omissão as necessidades básicas para o crescimento e desenvolvimento, por parte dos pais ou responsáveis; Abandono, como a carência dos pais, ou responsáveis da criança, ou do adolescente, abandonando-o sem moradia e perante a qualquer risco; Física, sendo o uso de força intencional pelo agressor adulto que, geralmente, pode ser o pai, ou o responsável pela criança, ou o adolescente; Sexual, a qual se trata do aproveitamento sexual, prostituição, pornografia infantil.

Ainda no Manual descrito acima, a violência de Gênero é a conduta, ameaça, ou ação que se baseia no gênero, gerando danos físicos, psicológicos, ou sexual. Tal violência pode ser classificada como uma violência interpessoal, ou seja, que ocorre entre indivíduos conhecidos ou não, a qual pode ocorrer tanto no âmbito familiar, quanto em ambientes públicos com pessoas desconhecidas (São Paulo, 2009).

Quanto a violência contra a mulher, bastante discutida atualmente, ela se efetiva mais precisamente nas formas física, sexual e psicológica. Em geral aplicada por parte dos parceiros da vítima. Outras formas mais específicas, e mais efetivadas contra as mulheres são: o estupro, o abuso sexual, o assédio no âmbito do trabalho, contra sua orientação sexual, o tráfico de mulheres, o turismo sexual, contra sua etnia, ou discriminação racial, a omissão ou ação praticada pelo Estado, a mutilação dos órgãos genitais, o estupro em massa (SÃO PAULO, 2009).

Observa-se até então, que a violência é de fato um fenômeno complexo que se manifesta de diferentes formas. Nesse cenário, os desafios de enfrentamento a esse fenômeno constituem-se como algo contestador, por sua natureza, e por se apresentar como parte da cultura de um povo. Entretanto, é necessário analisar tal problematização nos diferentes espaços da sociedade, os quais podem promover uma cultura de paz. Dentre estes, destacamos neste estudo, a escola e suas possibilidades, como um espaço que pode contribuir para o enfrentamento da violência que se impregnou na sociedade.

Por conseguinte, no contexto escolar, a violência pode ser considerada uma construção social, pois ela varia de acordo com a realidade em que a escola e os atores escolares estão inseridos (Abromovay; Rua, 2002). Esta percepção contribui

para entender a escola como um lugar, onde as diferenças se encontram e, conseqüentemente, propício para a ocorrência de conflitos, já que há uma diversidade de pensamentos, valores, religiões, culturas, entre outros. Neste cenário de diferenças, o desafio maior é promover espaços, nos quais as divergências possam se constituir como ponto de encontro e de formação, e da não efetivação da intolerância, e por sua vez da violência. A escola é uma realidade que deve acolher as diferenças, caso contrário, pode se tornar um ambiente de medição de forças, tornando-se frutífero para a instauração da violência, a qual tem se materializado nas suas formas física, verbal, psicológica, *bullying*, institucional e simbólica.

Ressalta-se neste íterim, a questão da violência institucional, por entender que a escola pode se configurar como um espaço, em que este tipo de violência pode ser institucionalizada e naturalizada, por meio da utilização de instrumentos que são relevantes para sua efetivação, tais como: regras de convivência, normas de funcionamento, burocracias e políticas internas, que se mal utilizadas, podem se constituir como formas de materialização da violência institucional. Outro fator a ser contextualizado nesse processo é a privação do acesso às condições para estar e permanecer na escola, como por exemplo, a falta de recursos materiais, físicos e humanos, além da precariedade do ensino público que se molda como uma privação de direitos e, por sua vez, uma forma de violência (Assis, Mariel, 2010).

Outro tipo de violência muito comum no ambiente escolar é o *Bullying*, cujo o conceito, segundo Ristum (2010, p.96) é:

De modo geral, conceitua-se *bullying* como abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimentos de impotência, raiva e medo, por outro. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras.

Esse tipo de violência na escola tem se manifestado de forma crescente e constante, e não somente se materializa por meio de agressões verbais e físicas, com a intencionalidade de intimidação da vítima, mas também por meio de comentários, fofocas, disseminação de rumores, principalmente de natureza preconceituosa, tais como. homofóbicas, sexistas e racistas (RISTUM, 2010). Conseqüentemente, promovendo a exclusão da vítima de um determinado grupo

Em relação a violência simbólica no contexto escolar, ela pode se materializar



de forma mais sutil, segundo Bourdieu. Como afirma Maciel a citar Bourdieu:

[...] é a violência sutil que se encoberta nas relações de poder que regem a sociedade global, pois o poder simbólico é exercido com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem: Para que a dominação simbólica funcione, é necessário que os dominados tenham incorporado às estruturas segundo as quais os dominantes os apreendem; que a submissão não seja um ato de consciência susceptível de ser compreendido na lógica do constrangimento ou na lógica do consentimento. Para o autor, a violência simbólica se apoia na legitimação de imposições determinadas socialmente, baseia-se na reprodução de crenças que situam o indivíduo no espaço social a partir de padrões do discurso dominante, fazendo com que a relação de domínio passe despercebida de tal forma que o dominado não se vê numa relação de força que lhe impõe as regras e normas, não existe a compreensão da origem desta dominação, que se torna aceita como fato inevitável e natural (Bourdieu *apud* Maciel, 2015, p. 25).

Assim, a violência se manifesta de diferentes formas e tem adentrado no âmbito escolar, constituindo-se por vezes como parte da cultura, ganhando espaço e se tornando corriqueiro nos debates acerca dos fenômenos sociais (Charlot, 2001). Nos últimos anos, vê-se crescer de forma acelerada os atos transgressores na sociedade civil, e o envolvimento cada vez maior de crianças e adolescentes, tanto como vítimas, quanto como agressores. Dados do *Mapa da Violência da Secretaria Nacional da Juventude* (2021) mostram que a taxa nacional de homicídio violento entre os jovens, na faixa 15 a 29 anos, tem variado de acordo com o passar dos anos. Logo, com um aumento gradual entre os anos de 2015 a 2016, com ápice nos anos de 2017 a 2018, observou-se na pesquisa uma leve queda nos anos de 2018 e 2019, do número de homicídios entre jovens no país. Mesmo com essa queda, Cerqueira (2021) afirma que as taxas de homicídio na população juvenil (45,8 por 100 mil habitantes) chegam a duplicar, comparadas às taxas da população geral (21,7 por 100 mil habitantes). Já o Maranhão encontra-se no 18º lugar neste ranking, e teve uma porcentagem de 43,1% nas taxas de homicídios na população jovem (Cerqueira, 2021).

Portanto, em relação aos dados nacionais e estadual percebe-se a necessidade de um aprofundamento nos estudos sobre a violência, levando em consideração as suas diferentes definições e formas de materialização, sobretudo, a compreensão de como ela se manifesta no ambiente escolar. Para tanto, é relevante compreender a violência enquanto um fenômeno social e cultural. A seguir os estudos que apontam sobre essa questão.

## 2.2. A violência como fenômeno sociocultural

A violência e a exclusão social são fenômenos da sociedade, resultantes da carência de cidadania e de acesso a condições dignas de vida. Também resulta da desigualdade social decorrente de um modelo econômico dominante, que acaba por impedir uma parcela significativa das pessoas de terem outra possibilidade de existência, senão a da violência, ou como vítimas, ou como autoras principais.

O fenômeno da violência é algo que preocupa a sociedade de maneira generalizada e, nesse contexto, a escola também é alvo ou executora deste, na qual são manifestadas em uma variedade de formas. Logo, ela também é “(...) ‘histórica’, ou seja, cada sociedade, dentro de épocas específicas, apresenta formas particulares de manifestação” (Assis; Mariel, p. 59, 2010). E ainda, “há formas que ‘persistem no tempo e se estendem por quase todas as sociedades’, como a violência de gênero e sob diferentes grupos etários e a discriminação racial” (Idem).

Nesse sentido, ao longo do tempo, a violência obteve vários significados, a qual em boa parte das sociedades se deu pela imposição da dor, padecimento, ou mesmo a morte. Por meio das leituras, um dos motivos da existência, ou persistência da violência, é o medo que o indivíduo desenvolve, desde as sociedades primitivas, recorrendo ao uso da força, da violência física, para sua sobrevivência até nas sociedades contemporâneas, nas quais se observa o fortalecimento das relações de poder, utilizando-se da violência simbólica, que podem variar nas relações em conformidade com a lei, ou não.

A violência tornou-se parte integrante das relações humanas dentro do meio social. Logo, tem-se como consequência, segundo Da Matta (*apud* Gullo, 1998), uma condição de “normalidade”, na qual, no decorrer do desenvolvimento das sociedades, buscou-se maneiras de ser evitada e reprimida. Assim, pondera-se as particularidades e os modos únicos de demonstração de violência em cada sociedade, com suas ideias, valores, regras e normas que foram construídos historicamente (Gullo, 1998).

No entanto, é preciso destacar que a violência, apreciada enquanto um fenômeno sociocultural, é analisada sob duas abordagens: a do senso comum, e a análise científica. No senso comum, ela é vista como uma ação decorrente das vivências diárias das relações de sociabilidades, geralmente atos como luta corporal, ou morte, e as injustiças com os desprovidos e trabalhadores. Algo real, visível,

concreto. Já no campo científico, é crucial a minúcia partindo de dados empíricos criados, escolhidos e verificados por meio de técnicas, que no caso da violência, devido a uma não uniformidade do termo, acaba se tendo uma generalização da análise empírica, porém se parte da verificação em um grupo, ou uma classe social, partindo de critérios econômicos e políticos (Gullo, 1998).

Da Matta (*apud* Rodrigues, 2011, p. 28) “afirma que há uma visão hierárquica da sociedade na qual a complementaridade de posições sociais e a gradação de linhas de poder e riqueza são básicas e essenciais na definição do fenômeno da violência”. Percebe-se que, por mais que as regras e normas, ou dos costumes, ou da moral de uma determinada sociedade busquem evitar ações violentas, o indivíduo é motivado por seus interesses a usar força física, ou outra expressão de violência.

Por isso, entende-se que os estudos que permeiam o fenômeno da violência demonstram que não há um saber universal, logo a compreensão de violência muda de uma sociedade para outra, além das formas de como lidar com ela. No caso do Brasil, Rodrigues (2011) afirma que boa parte dos casos de violência não são reconhecidos como tais, muito menos processados mediante a lei, pois não são denunciados, registrados, julgados e devidamente punidos. Uma das justificativas para essa falta de denúncia é de uma cultura, em parte, enraizada no patriarcalismo da sociedade brasileira, sobretudo, no seio familiar, bem como nas relações sociais e também de trabalho – hierárquico, sexista, racista, excludente (Rodrigues, 2011).

Isso se remete a uma problemática, quando se pensa em políticas públicas de combate a violência, pois devido a história de nosso país, vive-se (ainda) uma cultura que tende a tornar a violência como algo natural, dificultando a percepção da mesma, por não ser identificada, afastada e abortada da sociedade. Ainda também, em outro aspecto, dificulta a da não denúncia por parte dos cidadãos em casos que envolvem a criminalidade urbana, determinada por inúmeros fatores, para que pudesse ser devidamente punida em forma da lei (Rodrigues, 2011).

À vista disso, a violência enquanto um fenômeno social e cultural, bem como econômico e político, prejudica o desenvolvimento de práticas “antiviolença”, justamente pela, segundo Rodrigues (2011), negação, reconhecimento e naturalização da violência. Dessa forma é necessário se debruçar nas colaborações de estudiosos das áreas de conhecimento antropológicos, filosóficos, sociológicos e da educação.

### 2.3. A violência nas diferentes abordagens de estudo: antropológica e sociológica

Para uma melhor compreensão acerca do fenômeno da violência no contexto escolar, recorre-se a abordagem das áreas de pesquisas, tais como a Antropologia e a Sociologia, com a intenção de estudar os significados da violência nessas áreas de estudos, no campo das Ciências Sociais. A colaboração destes acervos de aprendizagem guiará um caminho a percorrer, a fim de alcançar o entendimento do conceito de violência, além de identificá-la no decorrer da história das sociedades, para que assim, consiga-se lançar luz sob o conceito de violência dentro da escola, a partir de diferentes perspectivas.

#### 2.3.1. Abordagem Antropológica

A abordagem antropológica da violência está relacionada com os diferentes aspectos da natureza humana, sobretudo sendo ela pautada em análises que levam em consideração o ponto de vista neurofisiológico, a partir da etiologia<sup>9</sup>, a qual compara a violência humana, a partir das perspectivas comportamentais de animais, à antropologia pré-histórica, que se baseia na evolução do *homo sapiens*, bem como, as suas habilidades, além desses, à do ponto de vista da psicologia.

Do ponto de vista neurofisiológico, a violência humana tem relação com a questão da evolução das espécies, segundo a qual os seres humanos herdam certos comportamentos violentos dos animais. De acordo com uma reportagem do site Terra (2016)<sup>10</sup>, uma pesquisa publicada na revista científica, *Nature*, verificou ações violentas de diversas espécies de mamíferos, além de analisar mais de três mil estudos publicados anteriormente, comparando esses dados com os estudos sobre violência humana desde a ancestralidade até os dias atuais. Goméz (*apud*

---

<sup>9</sup> A **etiologia** (do **grego** αιτία, aítía, "**causa**") é o estudo ou **ciência** das causas. Não há que se falar em "etiologia" como termo restritivo de uma ciência isoladamente. A **biologia**, a **criminologia**, a **psicologia**, a **medicina** e várias outras ciências possuem, em seu campo de atuação, a presença de conhecimento etiológico, visando a busca das causas que deram origem ao seu objeto de estudo. O conceito abrange toda a pesquisa que busca as causas de determinado objeto ou conhecimento. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Etiologia>

<sup>10</sup> Reportagem: O que o comportamento violento dos animais diz sobre os seres humanos. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/o-que-o-comportamento-violento-dos-animais-diz-sobre-os-seres-humanos,4baca65d63201241fd484688fc70be3414efnijx.html>

Terra, 2016) afirma que o comportamento agressivo do indivíduo estaria ligado ao comportamento filogenético, isto é, relaciona-se à história evolutiva das espécies, no caso, dos mamíferos.

Em vista, ainda nessa perspectiva, verifica-se que a herança genética entre as espécies mais parecidas tende a demonstrar ações mais violentas. Logo, segundo Gómez (*apud* Terra, 2016):

"Um certo nível de violência letal nos humanos vem do lugar que ocupamos dentro de um grupo de mamíferos em que a violência está ancestralmente presente. Isso quer dizer que os humanos herdaram a propensão para a violência de forma filogenética".

Já do ponto de vista da antropologia pré-histórica, destaca-se que a violência, como consequência das particularidades do homem primitivo, é parte integrante da evolução humana, biologicamente. Assim, Michaud (1989, p. 75) em seus estudos mostra que “o *homo erectus*, há cerca de 1,7 milhões de anos é carnívoro [...]; é um predador que caça e que caça tanto animais quanto seus semelhantes”.

Nas sociedades primitivas, o homem tinha o comportamento agressivo, pois era uma forma de sobrevivência, como declara Clastres (*apud* Rodrigues, 2011, p.36):

A violência é inerente ao homem como ser natural, a violência determina-se, portanto, como meio de subsistência, [...]. O homem primitivo é, enquanto homem, votado ao comportamento de agressão. Na medida em que é primitivo, encontra-se ao mesmo tempo apto e determinado a sintetizar sua naturalidade e sua humanidade na codificação técnica de uma agressividade desde então útil [...].

A violência, do ponto de vista psicológico para a antropologia, converge com o que vem sendo debatido nestes escritos, sob a ótica de análise da motivação do indivíduo que comete atos violentos, a partir da sociedade, cultura e período histórico, o qual, este, está inserido. Nesse sentido, Martin-Baró (*apud* Silva; Guzzo, 2019) afirma que a violência é um fenômeno múltiplo de expressões, com características que devem ser analisadas a partir do processo histórico, dos interesses sociais e da ideologia, independentemente da motivação do ato violento.

Ademais, os estudos antropológicos sobre a violência atestam que ela aparece em vários períodos históricos e seu entendimento difere de sociedade para sociedade, no entanto, um ponto congruente em todos esses períodos é a manutenção de um certo grau de socialização para obtenção de controle. Assim, Rodrigues (2011) aponta que nas sociedades esse controle se manifestava por meio

de ritos, com o entendimento de que a violência era necessária para a negociação e a socialização. Já nas sociedades tradicionais a violência é presente e constante como uma forma de manutenção de controle dos indivíduos, por meio de guerras, homicídios, na educação (violência formadora) e também na socialização. Quanto as sociedades modernas, a violência mostra-se ligada às condições sociais, culturais e políticas, ampliando a visibilidade, bem como as suas consequências. No entanto, ela torna-se monopolizada, legitimada e institucionalizada, no intuito de naturalizar a ideia de estabilidade de uma paz na vida em sociedade.

Em vista disso, a contribuição da Antropologia para as reflexões a respeito da violência serve para se ampliar melhores conhecimentos, a partir da compreensão da relevância de que a cultura, os costumes e os valores têm sobre as ações (violentas) individuais e coletivas presentes nas sociedades. Ou seja, “A Antropologia ajuda-nos a apreender a visão de mundo proposta, seus códigos culturais, os ritos como dispositivos que poderão compor a verdade social e histórica, os mitos e crenças a respeito da complexidade da violência na sociedade e na cultura dos tempos atuais” (Rodrigues, 2011, p. 39).

### 2.3.2. Abordagem Sociológica

A perspectiva sociológica sobre a violência relaciona-se com a formação e desenvolvimento das sociedades. Logo, a convivência em sociedade é pautada em regras, valores, controle das vontades individuais, em prol de uma harmonia coletiva e uma ordem social, que busca o desenvolvimento, no qual o indivíduo por meio de suas ações casuais, ou pensadas pode produzir alguma ação que seja classificada como violência (Oliveira; Costa, 2016). Para um melhor esclarecimento dessa relação, no campo da Sociologia criou-se uma área específica de estudos sobre a violência, chamada *Sociologia da Violência*.

O fenômeno da violência é retratado pelos sociólogos desde o estabelecimento da sociologia enquanto uma ciência, logo se pode observar nos escritos dos autores clássicos da Sociologia, como Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, sobre tal fato. Nas observações de Durkheim tem-se um estudo de caso, por ele feito e descrito em seu livro, *O Suicídio* (1897), no qual atestava que diferentes sociedades, em cada tempo histórico, estavam predispostas a esse tipo de acontecimento, sendo que ele classificou o suicídio em três tipos: Egoísta,

Altruísta e Anônimo, os quais, por sua vez, tinham como causas sempre questões sociais (Durkheim, 2000). Weber, em seu livro, *A política como Vocação* (1919), destaca o papel do Estado como detentor do monopólio legítimo da força, ou seja, se um indivíduo age de forma violenta no meio social, ele será considerado criminoso, ao mesmo tempo, não incidirá crime se um agente do Estado (Agentes de Segurança Pública), em condições específicas, usar de violência (Weber, 2015). Karl Marx, em seu livro, *Manifesto Comunista* (1848), juntamente com Friedrich Engels, apresentam a violência presente nas lutas de classes existentes em diferentes sociedades e períodos históricos, especialmente na sociedade capitalista com seus mecanismos de exploração dos trabalhadores, além da reprodução das desigualdades sociais (Marx; Engels, 2010).

Além destes clássicos, alguns sociólogos contemporâneos também se dedicaram aos estudos sobre a violência, sobretudo da violência urbana, retratada principalmente pelos sociólogos brasileiros Paulo Sérgio Pinheiro, Michel Misse, Ignácio Caro, João Trajano Santo-Sé, Sérgio Adorno, Nancy Cardia, entre outros.

Todavia, ganha destaque neste estudo o sociólogo francês Pierre Bourdieu e o seu conceito de violência simbólica, como citado anteriormente, é uma forma de violência que é aparentemente consentida por aquele que é vítima, mas que não se percebe desta maneira, já que acaba ocorrendo o inverso, tratando as relações de dominação como naturais e indispensáveis. Para o autor, a violência simbólica é um mecanismo que reproduz socialmente e legitimamente a dominação de uma classe sobre a outra. Logo, Bourdieu e Passeron (1975) oferecem um exemplo clássico de violência simbólica, que é a educação, a qual impõe aos estudantes uma determinada forma de pensar, de se enxergar o mundo, que geralmente é a visão de mundo da classe dominante, com suas ideias, valores e sua cultura. Assim, esse mecanismo é essencial para compreensão da manutenção das estruturas de poder, além do pensamento conservador de uma determinada sociedade (Bourdieu; Passeron, 1975).

A abordagem sociológica sobre a violência contribui para o entendimento dos mecanismos produtores e reprodutores de violência nas diferentes sociedades, com todas as suas manifestações, seja ela física, psicológica, sexual, simbólica, as motivadas por disputas políticas, econômicas de qualquer tipo, as em forma de criminalidade urbana, as geradas pela luta por terras, ou toda forma de opressão, discriminação, intimidação, contra mulheres, maus-tratos contra crianças,

adolescentes e idosos. No entanto, é importante frisar que um dos pontos mais debatidos para se falar sobre a violência, trata sobre a questão da desigualdade social.

A desigualdade social é decorrente da má distribuição de renda e riquezas da sociedade e avança à medida que o sistema capitalista se desenvolve, como Marx (2006) demonstrou no século XIX, que o capitalismo é um sistema essencialmente excludente e não é um fenômeno novo, mas sim inerente ao processo de concentração de capital. Diante disso, a organização da produção capitalista produz cada vez mais indivíduos descartáveis em todas as áreas da vida social, como os trabalhadores que não encontram empregos em suas competências, ou áreas de formação, por conta da robotização e automação. E estes, por sua vez, não têm, ou apresentam pouca qualificação profissional, e estão destinados à informalidade e à discriminação; os jovens ficam limitados de obter uma educação básica de qualidade, ou um primeiro emprego; entre outros (Fontes, 1999).

Nesse sentido, a violência constitui-se como sendo uma das consequências marcantes da desigualdade social. Dessa forma, surgem questionamentos: o que caracteriza esse tipo de desigualdade? Como é percebida pela sociedade? A questão da desigualdade social no Brasil está relacionada também com a falta de cidadania, ou seja, ausência de direitos sociais, civis e políticos aos indivíduos, mesmo que esses direitos estejam instituídos em forma de lei na Constituição Federal.

Como consequência desta ausência, têm-se a precariedade em todos os sentidos da vida desse indivíduo, e ao se reportar à questão do trabalho, observa-se, de acordo como Bourdieu (1998), que se tornou uma coisa rara, desejável a qualquer custo, e que precisa ser mantido. Isso leva a uma competição entre todos, tornando o futuro incerto. Assim, o que resta então ao trabalhador, é tentar conseguir um emprego, que pelo menos ganhe um salário mínimo para sua subsistência, ou adentrar ao mundo da criminalidade e do tráfico de drogas. Entretanto, obviamente que este último não é uma escolha de todos, mas da minoria, pois ainda há pessoas honestas que buscam outros caminhos.

Para se entender como a violência e a criminalidade afeta a vida social, e isso inclui a escola, a Sociologia busca analisar também a estrutura da sociedade, a fim de encontrar as respostas, ou as causas necessárias ao entendimento, englobando os aspectos da violência a partir da sua relação com o capitalismo, com a ausência



de cidadania e as políticas públicas neoliberais. Com relação a este último, Wacquant (1999) relata que, com a chegada do neoliberalismo, isto é, com a falta, ou diminuição de toda a teia de proteção social, tais como escolas, saneamento, hospitais, assistência social, entre outros, não tem outra opção para o Estado, senão a de investir na repressão, tornando-se 'Estado Penitência'. Ou seja, o sociólogo afirma que o Estado acaba se tornando um Estado Penal, pois desiste, por parte, de prestar assistência aos cidadãos, bem como, os seus direitos, ocasionando uma insegurança permanente. Conseqüentemente, opta por violências para investir na repressão, na vigilância, no aumento de penitenciárias e no aparato militar.

Por conseguinte, é importante ressaltar que a violência não pode ser atribuída a uma dimensão pessoal – relativo ao caráter, ou por opção – mas está relacionada sempre ao contexto social, cultural, ou à história de vida de uma pessoa. Então deve ser compreendida, do ponto de vista sociológico, em sua profunda rede de relações sociais existentes nas sociedades, das preferências de grupos e classes sociais, e das desigualdades sociais. Portanto, a partir da produção teórica do campo da Sociologia, e de suas análises, é possível elaborar essa compreensão de como abordar a violência, em uma dimensão sociológica, contribuindo assim para a busca de possibilidades para o seu enfrentamento.

Haja vista que as discussões empreendidas nesta seção buscaram situar a violência, a partir da produção do conhecimento do campo da antropológico e sociológico, entendendo que há outras áreas que investigam esse tema. Contudo, a opção foi de dialogar com essas áreas, por se relacionar diretamente com a formação inicial da pesquisadora, e com o campo de atuação docente nas escolas de ensino médio, na área da Sociologia. Ressalta-se que não há pretensão de esgotar o assunto, nem tão pouco considerar que ambas as abordagens, evidenciadas nesta investigação, podem explicar toda a problemática envolvida na compreensão do fenômeno da violência. Faz-se a opção deste recorte – pelo viés antropológico e sociológico – devido a relação próxima com as realidades sociais.

Retomando as discussões sobre a violência, e suas formas de materialização, destaca-se na seção posterior os demais pontos centrais: a violência como um fenômeno social, histórico e cultural, que adentra o ambiente escolar; a função social que a escola assume, para melhor compreensão da ocorrência do fenômeno da violência escolar; e como a escola também pode reproduzir violência através do currículo escolar.

### 3. A ESCOLA, O CURRÍCULO E A VIOLÊNCIA: POSSÍVEIS RELAÇÕES

Nesta seção será destacado sobre a violência enquanto um fenômeno social, histórico e cultural que reflete na convivência social do indivíduo. Por isso, é preciso verificar suas várias formas de entendimento e atuações. Para tanto, faz-se necessário, a seguir, destacar o seu percurso histórico de definições, e o entendimento de estudos sobre a violência, relacionados ao contexto escolar no Brasil.

Para Galvão et al (2010), as discussões e sistematização em forma de estudos sobre violência na escola brasileira datam dos anos 80, tendo como grupo alvo os alunos e as escolas, onde a segurança começa a ser percebida como algo relacionado diretamente à qualidade de vida e se torna, assim, uma preocupação da sociedade civil. De acordo com Cardoso, Gomes e Santana (2013), nesse momento histórico – anos 80, do século XX – as pesquisas relacionam a violência escolar às seguintes questões: o ataque aos prédios de ensino, ou seja, depredação do patrimônio público, além das invasões, os furtos e os atos de vandalismo ao espaço físico, que eram cometidos por pessoas, que geralmente não pertenciam diretamente à comunidade escolar. Portanto, iniciam-se, a partir de então, os primeiros movimentos da sociedade, pais, alunos e professores reivindicando medidas de proteção às instituições escolares.

Nos anos 90, houve um crescimento do número de pesquisas a respeito do tema, tendo como destaque uma feita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, abordando a violência juvenil nas camadas médias e nas periferias urbanas (Galvão et al, 2010), além de uma grande quantidade de iniciativas públicas voltadas para diminuir os casos de violências nas escolas. Dentre elas, destacam-se ações desenvolvidas pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça, com a campanha de desarmamento, divulgadas tanto na mídia, quanto no contexto escolar, bem como o Programa Paz nas Escolas.

O Observatório de Violências na Escola desenvolvido pela UNESCO, a partir do ano de 1990, no intuito de desenvolver e ampliar as pesquisas sobre violência no âmbito escolar, em parceria com algumas universidades, contribuiu para o aumento destes estudos no Brasil. Ademais, outras instituições nacionais organizaram ações de enfrentamento à violência, sobretudo a partir do ano de

2000. Alguns órgãos governamentais, como o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Fundamental, publicaram materiais didáticos de apoio às escolas para o enfrentamento à violência (Galvão et al, 2010). Nesse contexto foi distribuído, pelo MEC, um kit de apoio aos educadores chamado, *Ética e Cidadania no Convívio Escolar* (Brasil, 2001) e vale destacar a criação do programa, “Brasil sem Homofobia”, do Ministério da Saúde – MS (Brasil, 2004), que ofereceu formação continuada aos professores, com intenção de reformular e reestruturar comportamentos sexistas e homofóbicos no interior das escolas, entre outros.

Em relação aos documentos curriculares destaca-se a implementação no final dos anos 90 e início do ano 2000, dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’S (Brasil, 1997). Tais documentos apresentavam indícios de algumas questões relativas à violência na escola, especialmente quando a cidadania é considerada um produto de vivências dos grupos sociais e sendo formada por diversos tipos de direitos e instituições. Assim, ela se fundamenta na igualdade entre os indivíduos e na aplicabilidade, de fato, dos seus direitos sociais, e é exclusivamente através da educação, como desenvolvimento da autonomia e reflexão, que o indivíduo pode sustentar a ideia de tornar os seus direitos em realidade. Com este pensamento, segundo Fernandes e Paludeto (2010), a discussão acerca da cidadania está hoje ligada ao debate sobre a escola democrática, inclusiva e, portanto, não violenta.

Desta maneira, historicamente, a definição de violência vem se construindo simultaneamente ao processo de democratização e à afirmação dos direitos das minorias e de todos, já que esse deve ser o critério prioritário de todas as discussões sobre a igualdade, os direitos e de tudo aquilo que nos torna iguais – o motivo de sermos humanos.

No entanto, para que haja um entendimento mais assertivo de como a violência é manifestada no contexto escolar, tem-se que pontuar as funções sociais que a escola possui, ou seja, qual o seu papel na sociedade.

### **3.1. A escola e sua função social**

A escola, enquanto uma instituição formal, simboliza um ambiente diverso de

construção e aprendizagem, que engloba uma variedade de funções, ideias, normas, valores e regras que são regadas de diferenças, embates e problemas. Assim, ela não é apenas um lugar físico, fixo, geograficamente localizado, mas também um ambiente social, político e cultural, onde os indivíduos ali inseridos se configuram por meios de práticas desenvolvidas, além das interações possíveis entre os mesmos, dentro e fora da sala de aula. A escola é um ambiente no qual crianças e adolescentes frequentam boa parte de sua vida, estabelecendo as primeiras relações sociais, além das ligações familiares, o que o indica como um lugar também de relações (Soares, 2012).

Logo, compreende-se que a escola vai além da construção e ensino de conhecimentos disciplinares, isto é, ela também serve para a aprendizagem das normas e regras que regem a sociedade, sendo um dos meios mais abrangentes de socialização, pois ali indivíduos convivem em um ambiente de diferenças sociais e culturais, possibilitando uma nova perspectiva de visão de mundo, por meio da criação de novos laços afetivos, o que ajuda muito na construção e formação da identidade individual. “A escola tem a função de formar as novas gerações em termos de acesso à cultura socialmente valorizada, de formação do cidadão, e construção do sujeito social” (Abromovay *apud* Maciel, p.21, 2015).

Ainda, segundo Abromovay (2009), a escola otimiza o desenvolvimento do ser humano, a diminuição das desigualdades, da pobreza e a luta pela não exclusão das minorias. Além desses ela também ajuda na construção de um pensamento mais crítico, logo, esse é necessário inclusive para o processo de formação da identidade do indivíduo. Outra característica importante para destacar é que, hoje a escola é para muitos o único caminho a percorrer, para se ter acesso às oportunidades de crescimento e equidade, pois consequentemente na sociedade é condição crucial para adentrar ao mercado de trabalho, ter um certo nível de escolaridade, ou seja, quanto mais tempo se disponibiliza para a escolarização formal e ao aperfeiçoamento, mais possibilidades o indivíduo terá para alcançar as profissões mais privilegiadas da sociedade.

Diante disso, a construção formal da escola situa-se historicamente marcada, segundo Tigre (2013), por mutações em períodos distintos: primeiro em meados do século XX, no qual a existência da escola tornou-se viável e justa para a ascensão social, embora essa condição tenha sido pensada para a elite, ela correspondeu a uma relação harmônica entre si e o contexto social, político e econômico da época.

No entanto, esse idealismo de justiça e meritocracia somente existiu para uma minoria. Já no segundo momento (posterior à Segunda Guerra Mundial), a escola passa a ser um lugar de promessas, onde se busca a democratização de acesso à escola, com o aumento de políticas públicas para esse fim, todavia com as crises econômicas, esse processo entra em falência, e tão logo essa democratização do ensino não abarcava as diferenças culturais e sociais, gerando assim, o último período da transformação histórica da escola, a qual passa a ser um ambiente de incertezas, promotora de injustiças e aumento de desigualdades.

O desenvolvimento da escolarização dos indivíduos no Brasil, segundo Gouveia (2007), ocorre de uma forma gradativa, embora tenha perpassado por diferentes políticas públicas voltadas a educação ao longo do tempo. E por influências econômicas e sociais, a escola tornou-se parte integrante do desenvolvimento da criança e do adolescente, e nessa relação necessária, converteu-se em um lugar essencial para a formação do indivíduo. Sendo assim, na legislação que rege a escolarização brasileira, tem-se o direito à educação, a qual pertence ao grupo de direitos sociais fundamentais, descritos no Art. 6 da Constituição Federal (Brasil, 2008). Ademais, há a Lei nº 8069/1990, a qual é referente ao Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, que dispõe em seu Art. 53, cap. IV (Brasil, 1990), que toda criança tem direito à educação, além de assegurar no Art. 55, cap. IV (Brasil, 1990), a obrigatoriedade dos pais ou responsáveis de matricular seus filhos na rede ensino regular. Desta forma, toda criança que esteja em idade escolar, tem de estar na escola regularmente, para que seja garantida a ela, o seu desenvolvimento pessoal e o exercício da cidadania.

Para isso, a escola precisa ser um lugar que agrega e inclui diferenças em sua convivência, permitindo o exercício da cidadania por todos, na qual suas normas e formas de organização sejam pensadas para além da formalidade de sua estrutura, facilitando a participação de todos que compõe a comunidade escolar. Segundo Bueno (*apud* Maciel, p.22, 2015):

Para os alunos, se torna um espaço de referência pessoal que marca seu desenvolvimento por estarem naquele ambiente e por vivenciarem determinadas atividades do cotidiano escolar, pois cada escola é única, com características sociais próprias que são fruto de sua organização, de sua história e das relações sociais ali estabelecidas.

Contudo é preciso compreender que a escola é constantemente modificada

para atender as necessidades da sociedade e do tempo na qual está inserida, sendo essas necessidades pautadas nas questões econômicas e políticas. Por isso, a escola, apesar de dispor de finalidades específicas para sua existência, ela ressignifica os conhecimentos produzidos socialmente (de acordo com a cultura, o tempo histórico), afim de possibilitar a construção de conhecimentos pelo aluno, assim como, de o auxiliar na sua forma de pensar e agir, visando encontrar suas habilidades.

Nesse sentido, a escola age não como meramente uma reprodutora de conhecimentos, mas como uma instituição promotora de pensamento crítico, pautada nas concepções ali criadas a partir da visão de mundo do indivíduo e os conhecimentos adquiridos ao longo tempo. Desta maneira, o aluno poderá se integrar como aquele capaz de transformar a sociedade, a partir dessa construção de ideias, com conhecimentos gerados dentro da escola.

Por conseguinte, a escola, mesmo com toda a sua importância no desenvolvimento individual, desde o seu processo de construção da identidade, da formação de pensamento, mais voltado à criticidade, de ser um lugar que inclui e possibilita a prática da cidadania, até como um ‘trampolim’ (grifo meu) para possibilidades de um melhor caminho, a fim de alcançar lugares privilegiados na sociedade, ela ainda enfrenta dificuldades que podem ser justificadas em diferentes formas: a baixa qualidade no ensino, a evasão escolar, a violência dentro e fora da escola, entre outros. Nesse sentido, destaca-se a seguir sobre a violência na instituição escolar.

### **3.2. Violência em contexto escolar**

A violência escolar, nos últimos anos, como afirma Debarbieux (2001), tornou-se mais presente na mídia e nos diálogos cotidianos, bem como alcançou um espaço maior nas pesquisas acadêmicas, tendo em vista que tem se tornado uma presença constante no ambiente escolar, o qual deveria se constituir como um local de socialização e de relações sociais mais humanas.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através do relatório da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE) 2019, que investigou os diversos aspectos da vida do estudante no país, e dentre eles, analisou o percentual de estudantes de 13 a 17 anos que se sentiram humilhados

por provocações de colegas da escola, nos 30 dias anteriores à pesquisa. Assim, no Brasil, 23% afirmaram terem sofrido esse tipo de violência.

De acordo com Souza (2019), o índice de violência nas escolas de São Paulo é alarmante: em 2019, 81% dos estudantes e 90% dos professores tomaram conhecimento acerca de algum caso de violência em escolas que atuam, e em outras da rede pública do estado no último ano. Ocorrências mais frequentes de violência nas escolas estaduais envolveram *bullying*, agressão verbal, agressão física e vandalismo.

A imprensa sempre vem apresentando situações de violência na escola, em especial, aquelas em que alunos costumam agredir os professores em sala de aula e ainda entre os próprios estudantes. Esse tipo de notícia é cada vez mais frequente nos meios de comunicação. O que assusta em especial professores e familiares.

No caso específico do estado do Maranhão, de acordo com dados do IBGE (2021), 1 (um) em cada 5 (cinco) estudantes, ou seja, 20,1% da totalidade de alunos matriculados na rede pública, afirmaram terem sido acometidos por algum tipo de provocação remetendo a agressão. As meninas relataram uma proporção superior, cerca de 24% a mais do que o número de casos registrados por meninos. Desse público masculino, o registro foi de apenas 16,3%. Esses dados remetem a investigar o que, e o porquê dessas questões se fazerem presentes no contexto da escola que se pretende investigar.

Apontam constantemente o *bullying* como uma das formas mais frequentes de ataques e de se sentirem provocados, sendo muitas vezes vítimas de violência. Os estudantes maranhenses responderam que as principais causas foram: aparência do corpo (16%), aparência do rosto (10,6%) e cor, ou raça (9,2%). Esses dados específicos evidenciam-se diante das questões específicas do estado do Maranhão, e apontam perspectivas para se analisar o contexto da escola, a qual se investiga e pensar sobre o que prevalece como violência no seu interior.

Com esses dados, percebe-se que os relatos de violência no interior das escolas tornaram-se frequentes e as justificativas são diversas. No caso, especificamente deste trabalho, aborda-se a questão da violência nas escolas de Ensino Médio, onde os alunos são adolescentes, e para isso é preciso uma reflexão acerca de suas características, além de estudar o modo como eles podem estar envolvidos com as manifestações de violência.

Nesse sentido, quando se pensa em educação, ou mesmo na vida dos adolescentes, em geral são tratados de maneira uniforme, quando na verdade, possuem uma diversidade de pensamentos advindos das diferenças culturais, escolaridade, renda e sexo. Ao passo que, durante essa fase, eles perpassam por muitas mudanças e crises, o que os tornam mais suscetíveis às violências, e assim, requerem uma atenção especial quando se fala em escola, principalmente por parte dos educadores e demais profissionais, em seus comportamentos demonstrados, pois eles podem já terem vivenciado, ou presenciado algum tipo de violência no seio familiar (Priotto, 2011).

Ainda nessa fase, além da violência, segundo Beserra et al. (2008), os adolescentes tornam-se mais expostos ao uso de drogas lícitas e ilícitas, à gravidez indesejada, às infecções sexualmente transmissíveis (IST's) e aos acidentes resultantes de seus comportamentos desafiadores.

No entanto, eles são capazes de vencer tais situações desde que tenham a devida proteção. Para que isso aconteça, é necessário se pensar em ações de enfrentamento aos diferentes tipos de manifestações da violência no ambiente escolar, tais como, a valorização dos adolescentes, encorajando-os a empreenderem e terem a capacidade de agirem por meio de ações responsáveis, respeitando a sua autonomia, bem como, criar espaços de discussões sobre a violência e os casos de conflitos presentes (Ribas & Ribas Júnior, 2004).

Essas discussões são importantes e devem ser ampliadas nos espaços escolares, já que os adolescentes são pertencentes a sociedade e não se pode estudar a violência fora dela, e ela é gerada e desenvolvida por fatores econômicos, políticos, culturais, históricos e sociais. Todavia, Minayo (2003) destaca que a violência se modifica de acordo com as épocas, os locais, as circunstâncias e acaba adquirindo cada vez mais formas complexas, simultaneamente, articuladas e fragmentadas.

Então, a educação é fundamental e auxilia a vida dos adolescentes, com ações que possam intermediar uma possível proteção contra a violência, e a busca de cultura de paz. Mas para que isso aconteça, segundo Priotto (2011), o professor precisa estar preparado para, de certa forma, propiciar condições necessárias a resistência às violências e situações no dia-a-dia dos adolescentes dentro do contexto escolar.

Nessa direção, as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio



(Brasil, 2012) aponta que a escola precisa ser um lugar que possibilite o alcance de conhecimentos sistematizados, construídos ao longo do tempo pela sociedade, no sentido em que ela possa buscar responder aos desafios colocados pelos jovens, criar indivíduos críticos, participativos, problematizadores e preparados para somar com as questões sociais, políticas, culturais e laborais.

Assim, no que se refere à violência nas escolas, sobretudo as de Ensino Médio, seria o momento propício para a inclusão dessa temática, de maneira sistematizada no projeto curricular, bem como nas áreas de conhecimento, relacionando a violência de temas específicos com o desenvolvimento socioemocional do aluno.

Dessa forma, sobre os estudos que envolvem a violência nas escolas, de acordo com Maciel (2015), no ano de 2013 o Ministério da Educação (MEC) realizou um levantamento chamado, *Panorama dos Estudos Sobre Violência nas Escolas no Brasil: 1980 – 2009*, o qual nos dá um mapa dessa realidade dos estudos sobre violência e indisciplina no ambiente escolar brasileiro a partir das produções científicas. Esse estudo ressalta a falta de visibilidade e divulgação da produção já realizada, o que gera desconhecimento da temática por grande parte dos professores e gestores escolares.

Assim, de acordo com Sastre *apud* Maciel (2015, p. 19):

Este Panorama Nacional indicou a Psicologia e a Educação como áreas de maior investimento em pesquisas sobre violência escolar. Afirma ainda, existir pesquisadores que se interessam pelo problema, mas que ainda não alcançaram o respaldo institucional necessário pois não há linhas de financiamento específicas sobre o tema em nenhuma das agências fomentadoras de pesquisa. Este dado também foi indicado por Sposito (2001) que chamava atenção para a necessidade de sistematizar programas de investigação sobre o assunto.

Dessa forma, esse trabalho busca ampliar e contribuir com as discussões sobre a violência na escola e as possibilidades de enfrentamento do problema. E para tanto, propõe-se a fazer um recorte histórico, buscando delimitar alguns aspectos sobre os quais esse trabalho se assenta. Evidenciamos ainda como os sujeitos pertencentes à comunidade escolar podem contribuir com o enfrentamento desse problema, do ponto de vista da identificação das formas de violência que se manifestam na escola, e de como identificar a ocorrência de violência nesse espaço educacional, bem como auxiliar na elucidação deste processo.

Portanto, para fins de estudo e delimitação, retoma-se alguns aspectos

históricos que podem contribuir para uma leitura do contexto social de suas principais mudanças, e ao mesmo tempo de como esse processo, em alguma medida, adentrou a escola.

Partindo para meados do século XIX, com o processo de industrialização brasileira, momento em que ocorreram inúmeras transformações sociais em diferentes setores da sociedade, tais como as estruturas organizacionais, as instituições, os setores da economia, a política, o pluralismo cultural e os padrões de convivência familiar, mudanças contribuíram de forma significativa na maneira dos indivíduos pensarem, sentirem e agirem na sociedade. Assim, os jovens passaram a conviver mais entre si e produziram uma sociedade com suas próprias ideias sobre os valores e regras de convivência, nas quais boa parte discordantes às regras escolares e familiares (Galvão, 2010).

As mudanças sociais e a propagação de novos valores advindos do processo de democratização do ensino, aliada a crescente urbanização das cidades brasileiras, elevou a violência nos centros urbanos e, conseqüentemente, a escola passou a ser uma continuidade desse processo (Abromovay, 2002; Cardoso, 2013; Maciel, 2015). Sendo assim, essas mudanças fizeram com que o aluno frequentasse a escola com alguns desses valores e culturas construídos de modo extra-escolar.

Desta forma, as manifestações de violência podem ser percebidas de distintas maneiras ao se observar o cotidiano da escola, desde a ocorrência de brigas, furtos, agressões físicas ou verbais, o *bullying*, o *cyberbullying*, os abusos de poder por parte da administração escolar, ou mesmo pelo professor, desrespeito, humilhações, descaso, descompromisso dos docentes, o currículo escolar, e até os atos de vandalismo e depredação que ocorrem contra toda a estrutura física que constitui o ambiente escolar.

No que diz respeito à violência que pode ocorrer por meio do currículo escolar, destaca-se a seguir o conceito de currículo, e de seu funcionamento como uma forma de violência perceptível, ou não, por parte da comunidade escolar.

### **3.3. Violência e currículo escolar: relações e intersecção**

Ao se tratar de violência, nota-se que há inúmeros conceitos e formas de atuação, e da mesma forma se dá a definição de Currículo Escolar, que seja de

comum acordo entre os estudiosos, porém, propõe-se a uma reflexão sobre o percurso histórico da discussão sobre o currículo, além dos componentes que devem fazer parte do mesmo:

Para nós, é importante considerar em qualquer conceitualização:

*Primeiro:* o estudo do currículo deve servir para oferecer uma visão da cultura que se dá nas escolas, em sua dimensão oculta e manifesta, levando em conta as condições em que se desenvolve.

*Segundo:* trata-se de um projeto que só pode ser entendido como um processo historicamente condicionado, pertencente a uma sociedade, selecionado de acordo com as forças dominantes nela, mas não apenas com a capacidade de reproduzir, mas também de incidir nessa mesma sociedade.

*Terceiro:* o currículo é um campo no qual interagem ideias e práticas reciprocamente.

*Quarto:* como projeto cultural elaborado, condiciona a profissionalização do docente e é preciso vê-lo como uma pauta com diferente grau de flexibilidade para que os professores (as) intervinham nele (Gimeno Sacristán e Pérez Gómez *apud* Elias, 2009, p. 72).

Então, conceituar o termo currículo de forma equivocada, como se houvesse uma resposta única que pudesse ser aplicada independentemente das circunstâncias históricas, sociais ou culturais, torna-se impossível, pois a sociedade vive em constante transformação e, conseqüentemente o modo de pensar, agir e viver dos indivíduos mudam.

Contudo é possível afirmar que o currículo se tornou uma inquietação do indivíduo desde o momento em que a educação escolar foi apresentada para um grupo específico de pessoas, em algumas sociedades, como a forma mais viável de propagar aos seus membros, conhecimentos que lhes propiciassem melhor cumprir as obrigações sociais que tinham (Elias, 2009).

Observa-se que o termo currículo como uso pedagógico, segundo Hamilton *apud* Giovedi (2013), somente aparecerá na história da educação no século XVI, mais precisamente na Europa Ocidental, utilizado em instituições escolares com forte viés calvinista. Logo, o uso inicial desse termo no contexto educacional, mostra-se vinculado a interesses e demandas de um grupo social específico, no qual se pretendia levar a escolarização ao seu ideal de projeto social, distanciando-se de uma educação mais flexível, que, naquele momento pairava sobre a sociedade da Idade Média.

Com o objetivo de manter o controle no que se deve ocorrer dentro do ambiente escolar, de acordo com Silva (2004), é que surge a teoria curricular, enquanto uma área de estudos que não depende especificamente de outras áreas

pedagógicas. Ainda em sua análise, Silva (2004) nos indica como os primeiros autores que defendem o currículo, tais como Bobbitt e Tyler, motivados pelos princípios da administração científica, buscaram elaborar o currículo de maneira a formarem indivíduos mais adequados às exigências da produção do sistema econômico. Assim, o entendimento sobre o currículo se fortaleceu ainda mais, como sendo a indicação de objetivos e conteúdos prescritos por especialistas a serem aplicados dentro do ambiente escolar.

Com esse entendimento, tradicionalmente a maior parte do professorado compreende o currículo como a junção de matérias e/ou disciplinas a serem trabalhados em sala de aula, ou seja, o pensamento frequente de buscar o que convém a ser ensinado anualmente. Sendo assim, segundo Sacristán e Gómez (2000):

O termo conteúdo nos é apresentado carregado de uma significação antes intelectualista e culturalista, própria da tradição dominante das instituições escolares nos quais foi forjado e utilizado. Ao mencioná-los pensamos em elementos de disciplinas, matérias, informações diversas de coisas assim. (...) E, por outro lado, um conceito que reflete a perspectiva dos que decidem ensinar e dos que ensinam, por isso, quando fizemos alusão aos conteúdos, costumamos nos referir ao que se pretende transmitir ou que outros assimilem (Sacristán e Gómez, 2000, p. 150).

O significado desse termo necessita ser ampliado, para que possa ser inserida as finalidades que o sistema de ensino objetiva, tais como, a formação do cidadão, desenvolvimento integral do aluno, valores, habilidades e resultados nos alunos. Assim, "(...) a ampliação da escolaridade e o aumento de facetas educativas a ser entendida pela escolarização em qualquer etapa originaram a utilização do termo *conteúdo do currículo* com uma concepção mais ampla, englobando todas as finalidades que a escolaridade tem (...)" (Sacristán e Gómez, 2000, p. 150).

Por isso, o currículo pensado de maneira tão restrita, traz consequências desastrosas, como a dificuldade de ver os processos políticos, as intencionalidades e os embates que constituem as ideias dominantes que predominam nos documentos oficiais, os planos de ensino e os intuitos expostos, bem como impossibilita o entendimento real de como o currículo ocorre na sua prática, e o que possivelmente acontece quando o currículo está em ação. Portanto, para quem luta por uma compreensão da educação, a qual possibilite uma sociedade mais humana, ou seja, para quem defende uma postura mais crítica, no que diz respeito à função social que a escola exerce nas diferentes sociedades, no sentido de buscar uma

igualdade de poder econômico, político e social, não é suficiente entender o currículo apenas como uma manifestação de vontades (Giovedi, 2013).

Partindo desse pressuposto, percebe-se a necessidade de se refletir sobre o currículo, levando em consideração a amplitude de modos em que ele age e ocorre na escola, buscando envolver ações que possam ocorrer tanto dentro, quanto fora da escola. Assim, essas ações do currículo vão além das propostas oficiais, sejam políticas públicas, propostas pedagógicas, plano de ensino, sejam regimento interno, materiais didáticos e outros, pois tende a englobar também o contexto, no qual a escola está inserida e os discursos dos sujeitos que dali pertencem.

O tema da violência se situa, oficialmente, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), nos conteúdos relativos ao currículo, quando se trata dos chamados conteúdos transversais, ou nos estudos de cidadania. Entretanto, muitas vezes há dificuldade para a realização de debates desta temática, adequados à realidade da escola, já que não há uma concordância entre os conteúdos propostos com as experiências e vida dos alunos.

Nesse sentido, compreender a abrangência do currículo é pertinente, todavia, por vezes, não é fácil determinar quando começa e acaba o currículo escolar. Apesar da busca por um currículo abrangente, há ainda a problematização de um tipo de violência, chamado por Bourdieu (2006), de violência simbólica, que acaba negando os diferentes modos de pensar e agir dos indivíduos, e ela está dentro da escola, podendo ser praticada, ou mesmo sofrida pelo professor.

A violência simbólica é um tipo de violência pouco conhecida, pouco identificada e muito menos divulgada nas instituições sociais, sobretudo na escola. Pode-se associá-la também à maneira como é organizada as relações hierárquicas dentro do sistema educacional. Logo, segundo Bourdieu (2006), esse conceito parte do pressuposto de que a sociedade é tida como um espaço de dominação e reprodução sutil das desigualdades sociais. Assim, a violência simbólica é uma violência que é exercida de forma suave, imperceptível e por vezes invisível, na qual quem a sofre desconhece:

Para Bourdieu (2002), há uma relação extraordinariamente ordinária que deixa explícita a forma de dominação que é exercida por diferentes meios, tendo como objeto os conjuntos de bens simbólicos: estilo de vida, maneira de agir, pensar, falar, entre outros, que são distintos e se tornam emblemas ou estigmas, dos quais são eficientes simbolicamente, sendo totalmente arbitrária (Bourdieu *apud* Oliveira *et al*, 2017. p.103).

A escola é um espaço que agrega indivíduos com diferentes pensamentos, estruturas familiares, econômica e cultural. Logo, seria necessário levar em consideração todas essas manifestações sociais e culturais, ao elaborar o currículo de cada instituição escolar. Mas o que se observa no âmbito escolar é que esse tipo de violência é evidenciado de diferentes maneiras, que vai desde as propostas curriculares, as estratégias pedagógicas e a linguagem, até a hierarquia existente nas relações sociais, bem como em vários níveis, destacadamente, aos alunos oriundos das classes mais baixas, os quais são inseridos em escolas que não foram pensadas conforme as suas realidades. Pois, “De acordo com Duduque (2006), o ensino proposto pelo sistema educacional brasileiro é ineficiente e antidemocrático, de forma a discriminar e a excluir uma grande parcela da população” (*apud* Ristum, 2010, p. 73-74).

A violência simbólica é usada pela escola como um exercício legítimo do poder por meio da dominação, na qual temos a figura do professor como representante duplo deste papel: ora, como agente dominador, aquele que retrata o poder, ora como agente dominado, aquele que se propõem ao cumprimento das exigências, regras burocráticas já estabelecidas, tais como, cumprir prazos, preencher planilhas, alimentar o sistema de faltas, notas e conteúdo, entre outros. Essas exigências acabam por sobrepôr as práticas administrativas com relação à prática pedagógica (Ristum, 2010).

Nessa perspectiva, observa-se que essa relação de dominação se estabelece por meio do poder simbólico, logo, segundo Bourdieu (1998), este poder é invisível, que só é exercido, se houver uma cumplicidade daqueles que não sabem, dos que não querem saber, ou mesmo dos que exercem. Mesmo que nas sociedades existam paradigmas de que a maioria das pessoas permitem aceitação, mesmo sendo variáveis, conseguem se manter por um longo período de tempo. Portanto, é preciso ter um consenso entre os sujeitos das regras estabelecidas na escola, para que se perceba a ocorrência de violência simbólica no ambiente escolar.

A escola, enquanto uma instituição social, desempenha através do seu currículo, o poder simbólico que impõe uma dominação e uma cultura específica dos dominantes sobre os dominados, visto que a escola oferece uma educação de forma igual, sem levar em conta suas adversidades, quando considera uma única cultura como padrão. Isso, por sua vez, é observado no cotidiano escolar, e o mais agravante é que boa parte dos pertencentes da comunidade escolar não tem

consciência de que estão reproduzindo as ideias dos dominantes, como já dizia Pierre Bourdieu, ao conceituar a violência simbólica. Assim, gestores e professoras, muitas vezes quando adentram o sistema educacional, dão continuidade a essa reprodução, ao efetivar o currículo escolar, tal como foi posto pelo sistema e, portanto, exercem essa dominação de forma disfarçada e escusa dentro da escola.

Pensando o currículo como uma construção social, política e cultural aliadas às experiências escolares, como uma forma de construção da identidade de cada indivíduo inserido no ambiente escolar, para depois a efetivação e a percepção dos saberes assimilados dentro da escola, no seu contexto social, tem-se a análise de Grundy *apud* Sacristán (2008, p. 18), “O currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de fora e previamente experiência humana. É antes um modo de organizar uma série de práticas educativas”; Moreira e Candau (2007, p. 18), “o currículo como as experiências escolares que se dobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos estudantes”, e por fim, Sacristán (2008, p. 15), “não podemos esquecer que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização que se atribui à educação escolarização ou de ajuda ao desenvolvimento”.

Nesse sentido, a escola proporciona (ainda) o cumprimento disfarçado, ou mesmo sabedora disso, e a reprodução de uma cultura baseada nos ideais da classe dominante, por meio do currículo disponibilizado pelo sistema, a fim que seja utilizado em qualquer contexto escolar como uma receita pronta.

Assim, observa-se que essas relações de poder manifestadas no ambiente escolar e a aplicação de um currículo homogêneo, demonstra a ocorrência da violência simbólica reforçando as desigualdades sociais existentes em nossa sociedade, pois “a violência simbólica se manifesta na escola por meio de desigualdades, preconceitos, discriminação, relações de poder, currículos hegemônicos, monoculturais e etnocêntricos” (Pacievitchi e Eyng, 2011, p. 9).

Para tanto, é preciso elevar o debate acerca da violência nas escolas com toda a comunidade escolar, sobretudo para se buscar alternativas, a fim de amenizar todos estes tipos de violência até aqui discutidos neste estudo, que possa ocorrer dentro da escola. Portanto, a seguir, tratar-se-á sobre a contribuição da formação docente, vista como uma possibilidade, ou um caminho a ser percorrido para a transformação dessa realidade.

#### **4. FORMAÇÃO DOCENTE E A VIOLÊNCIA EM CONTEXTO ESCOLAR**

Nesta seção será feita uma abordagem acerca da Formação Docente desde a sua concepção até os estudos atuais. Ademais, será destaque a formação continuada de professores, bem como a sua importância nesta pesquisa.

A Formação Docente é uma das ferramentas mais eficazes para que o professor aprimore e construa novos conhecimentos. Assim, para este estudo é importante a ampliação do universo de conhecimento dos professores e da comunidade escolar, acerca da violência e o seu processo de enfrentamento na escola, a partir da compreensão da cultura, dos valores e das crenças dos grupos que dela fazem parte, especialmente, dos seus alunos. Pois, entende-se que o professor e a escola sozinhos não conseguem resolver questões como a violência, de forma isolada, mas sim a partir de uma rede de colaboração entre todos os seus atores, afinal a violência é um problema que atravessa a sociedade em todos os seus níveis e, sendo a escola um lugar de formação humana, cabe a ela fazer e propor algo.

Dessa forma, estudar as bases sobre as quais a violência se manifesta nas instituições escolares de ensino médio, e de como a comunidade escolar pode contribuir para com o seu processo de enfrentamento, é o nosso desafio, situando de modo específico como professores, coordenadores pedagógicos e estudantes podem trabalhar juntos no enfrentamento da violência na escola, tendo os espaços de formação continuada como contexto de mobilização e envolvimento de todos com a questão.

##### **4.1. Formação continuada de professores: por uma concepção crítico-reflexiva para mudanças na escola**

O entendimento sobre a Formação Docente modifica-se, a medida que se perpassa por períodos históricos, além das contribuições advindas da cultura, da ética e dos valores de cada grupo social presente na sociedade. Desta maneira, de acordo com vários estudiosos sobre o tema, a formação docente é a ação de qualificar o docente, no intuito de lhe propiciar uma prática social crítica e reflexiva acerca da sua práxis profissional (Nóvoa, 1992; Shön, 2000; Pappi, 2005; Imbernón, 2011; André, 2016). Atualmente, a formação docente tem se tornado tema constante



em debates e estudos, visto que ela tem galgado um lugar significativo na sociedade como ponto necessário ao trabalho docente.

Assim, é preciso situar, do ponto de vista histórico, a discussão sobre a constituição formal a respeito da Formação docente. Nesse sentido, em estudos feitos sobre o tema, há relatos de sua prática no Brasil deste o Império brasileiro até a atualidade.

Inicialmente, a abordagem gira em torno da formação inicial de professores no país, e posteriormente da formação continuada. Para tanto, têm-se a referência de Brzeinski e Garrido (2001) e Saviani (2009), a qual trabalham com perspectivas detalhadas sobre esse processo histórico de elaboração de políticas públicas acerca da Formação docente.

Assim, Brzeinski e Garrido (2001) descreve sobre a formação inicial que se dava por meio do Curso Normal, o qual era uma formação a nível de Ensino Médio que habilitava o professor a lecionar na Educação Infantil, depois o Curso de Pedagogia, que é um curso a nível superior do ato de lecionar, com a finalidade de formar professores para atuar na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, então vieram os cursos de Licenciaturas, que habilitam o professor na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, e por último, a Formação Continuada, que é fundamental para que os professores possam ampliar suas práticas pedagógicas, além de fornecer apoio necessário aos estudantes na construção de conhecimentos.

Já Saviani (2009), faz um percurso histórico em seis momentos sobre a Formação docente no Brasil, a destacar: 1. Ensaios intermitentes de formação de professores (1827-1890); 2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932); 3. Organização dos Institutos de Educação (1932-1939); 4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971); 5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996); 6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006).

Os estudos de Tanuri (2000) indicam que durante o Império (1822 – 1889), a escola primária normal, de iniciativa privada, era constituída com base no modelo francês de educação, pois este era mais próximo da tradição colonialista, fundamento da concepção cultural europeia que as elites brasileiras se baseavam.

Esse modelo de formação educacional permaneceu até a primeira República (1889 – 1930), e nesse mesmo tempo a formação docente, que se dava na Escola Normal, dedicou-se em estruturar o currículo embasado em temas científicos, destacando problemas educacionais por meio das enciclopédias.

No período entre 1930 e 1970, a educação e política de formação de professores, motivados por John Dewey e a Escola Nova (movimento a nível mundial de transformação do ensino), começa a abordar sobre os problemas educacionais nas produções técnicas-científicas, no intuito de renovar a escola através da junção entre as perspectivas teóricas e práticas internas e externas à escola.

No Brasil República, entre 1970 e 1980, a escola, segundo Tanuri (2000), foi organizada de acordo com o âmbito privado. Assim, ele relata que houve a reestruturação do Ensino Superior, em uma das reformas feitas durante o regime militar, resultando na Lei 5.540/68 (Brasil, 1968), a qual dispõe da modificação do currículo do curso superior de Pedagogia, segmentando-o em competências técnicas para a formação de especialistas, e os instruindo para a formação através do estudo da Metodologia e Prática de Ensino de 1º Grau, além do professor do curso normal, o professor primário em nível superior.

No entanto, a política de formação docente não foi integralizada e a flexibilização do ensino não se materializou, resultando em muitas críticas, entre os anos de 1980 e 1990. Ainda segundo Tanuri (2000), naquele período, os modelos educacionais foram formulados e amparados por uma abordagem construtivista, dando importância as perspectivas culturais, políticas e sociais, visando auxiliar no processo de construção da história e identidade do aluno. Nessa abordagem, a educação e a formação docente passam a desempenhar um papel importante na vida do aluno.

A partir dos anos de 1990, segundo Vituriano (2008), era crucial dar um norte para a educação brasileira, assim como na formação de professores, pois a sociedade estava se modificando de maneira mais acelerada e precisava acompanhar a realidade externa, bem como a interna, e tão logo era hora de centrar os estudos no trabalho dos próprios docentes, no sentido de solucionar um problema há muito existente na educação brasileira, a fim de diminuir a distância entre a teoria e a prática.

Com essa lacuna ainda no Brasil, no que diz respeito a formação docente, foi pensada e elaborada no Art. 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB, a Lei nº 9394/96 (Brasil, 1996), a qual define ser obrigatória, para a formação inicial do professor e atuação na Educação Básica, a formação em nível Superior, por meio da Licenciatura Plena, contudo a lei ainda não tinha sido promulgada.

No entanto, outras propostas foram elaboradas e documentadas para a formação dos docentes, tais como, o Plano Nacional de Educação (PNE), com orientações para tal, e os Referenciais Nacionais para a Formação de Professores, com orientações de espaços formativos dos docentes (Vituriano, 2008).

Após muitas discussões e embates políticos na Câmara dos Deputados e no Senado brasileiro em 1996, a proposta da Lei nº 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, do Senador Darcy Ribeiro é Promulgada em 20 de dezembro de 1996.

De acordo com Vituriano (2008), houve uma ampliação no entendimento e definição do termo Formação, pois antes era voltada à ideia de que a formação era função e importância somente da escola. No entanto, essa perspectiva se modifica a partir dos anos 2000, passando o professor a ser percebido nesse processo, desde a sua formação até a constituição de uma identidade profissional (Amorim; Marques, 2013).

Nesse sentido, foi refletido um tipo de formação que considerasse o professor pertencente a esse processo, para que, a partir de então, pudesse refletir sobre sua prática, sem deixar de lado a teoria, e logo essa aliança é crucial para um melhor desenvolvimento das suas atividades em sala de aula, até mesmo para que o professor esteja preparado quando houver algo que fuja da rotina por ele organizada.

Com essa tentativa da implantação de um novo tipo de formação acerca do trabalho docente, é que na conjuntura política brasileira foram fortalecidos estudos, discussões e debates voltados ao entendimento sobre a Formação Inicial e Continuada de docentes. Logo, foram impulsionados por pesquisas internacionais de Francisco Imbernon, Antônio Novóia, Shon e outros.

Nesse sentido, foi necessário uma reflexão sobre o que era importante ao docente em sua formação inicial e também continuada, no intuito de formar um professor com uma concepção mais crítica e reflexiva, pois segundo Vituriano (2008); Amorim; Marques (2013), o professor precisa estar preparado e entendido

sobre o seu papel na sociedade, para a escola e para o aluno. Ele precisa estar consciente de que não é mais um simples transmissor de conhecimentos, mas sim, um transformador, construtor e mediador, capaz de lidar com as adversidades que possam ocorrer no ambiente escolar.

Portanto, todo esse entendimento e debates corroboram para o aprimoramento da formação dos docentes, principalmete no nosso país, mas que fique claro que não é um fim último, ao contrário, é apenas um começo para a garantia de qualidade na formação inicial e continuada, além disso, a colaboração de políticas públicas voltadas a esse tema é indispensável para a superação de um modelo que visa apenas a transmissão e ascensão de um modelo que permita a reflexão crítica por parte do professor sobre seu próprio trabalho.

#### **4.2. A violência como conteúdo da Formação: possibilidades de enfrentamento e instauração de uma Cultura de Paz**

Ao buscar sobre a culpabilidade de atos violentos no contexto escolar, verifica-se que pode haver a responsabilidade dos professores, alunos, família, gestão e especialmente do poder público. Como consequência disso, as partes deixam de assumir as parcelas de suas obrigações, e ainda fogem de se inserirem, enquanto coparticipantes nesse processo (Maciel, 2015). Diante desse contexto, a escola, exercendo um papel de função social, pode através de seus atores escolares mediar os conflitos que por ventura possam existir nela.

Contudo, pela existência de diferentes visões sobre o que é violência na escola, é necessário o entendimento das partes sobre o significado do termo, para que possa haver um diálogo, no intuito de se chegar a uma solução construída por todos. Daí a importância de uma formação mais abrangente e que prepare o professor para trabalhar com as diferenças, pois a formação tem uma atribuição importante na preparação do professor, para pensar e lidar com a pluralidade cultural na escola, a partir de um entendimento do âmbito escolar, enquanto um espaço, onde sejam reconhecidas e respeitadas as diversidades.

Dessa forma, é preciso refletir e investir na formação contínua, pautada numa concepção crítico-reflexiva, buscando abranger as demandas dos professores, e também se pensar numa formação que atue como um instrumento

de transformação, propiciando formar um professor autônomo e atuante, mediante ao enfrentamento a realidade do cotidiano escolar, pois, entende-se que na sociedade contemporânea cada vez mais é necessário o seu trabalho, enquanto mediador nos processos escolares:

Formar, portanto, professores em uma concepção crítico-reflexiva exige que as instituições promotoras organizem os processos formativos em perspectivas de continuidade, considerando a experiência dos educadores, suas práticas cotidianas e seu contexto de trabalho como ponto de partida da formação. É fundamental garantir bons formadores, ou seja, formadores crítico-reflexivos, para assim instaurarmos espaços de formação mais condizentes com as discussões e demandas atuais (Vituriano, 2008, p. 38).

Assim, essa reflexão consiste em pensar sobre uma formação que possa acompanhar as demandas sociais surgidas a partir das mudanças constantes na sociedade, visando ao desenvolvimento de uma concepção crítica, no sentido de formar um sujeito que tenha autonomia para atuar como articulador no processo de aprendizagem, e de combate a violência em contexto escolar, bem como para o desenvolvimento de si mesmo, e de outros profissionais que estão ao seu redor, refletindo no desenvolvimento social e cultural do indivíduo.

Para tanto é necessário o estudo a luz de alguns teóricos, tais como, Francisco Imbernón, Marli André, Ilma Passos, Maurice Tardif, Antônio Nóvoa, Selma Garrido Pimenta, Donald Shön, dentre outros, que contribuíram e contribuem de forma significativa para se pensar a formação docente, principalmente numa visão reflexiva e crítica. E assim, a partir desse estudo, objetiva-se a elaboração de um material que contribua de forma relevante para o enfrentamento da violência dentro do contexto escolar.

Logo, quando se discursa acerca da presença da violência nas práticas escolares, Camacho (2001, p. 138) afirma que, ao se desejar uma política de educação democrática, é necessário repensar a escola, verificar o currículo e redirecionar as ações para amenizar a crise da socialização. Portanto, é importante que a sociedade se comprometa na elaboração de uma cultura de paz, baseada na solidariedade, na tolerância e no respeito aos direitos individuais e coletivos, os quais sustentam uma sociedade democrática e cidadã.

A próxima seção destaca sobre os caminhos metodológicos a serem percorridos para atingir os objetivos propostos.

## 5. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Pensar em uma pesquisa científica é submeter-se a um vasto conjunto de recursos que auxiliam encontrar respostas as tantas inquietações, sobretudo àqueles referentes ao cotidiano, a fim de possibilitar uma compreensão acerca do fenômeno pesquisado, neste caso, sobre a violência em contexto escolar. É nesse sentido que se busca responder a seguinte questão norteadora: Quais saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de Ensino Médio podem se constituir como base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores nessa etapa da educação básica?

O propósito da pesquisa científica é realizar um estudo planejado com o objetivo de desvelar respostas para as questões mediante a aplicação de um método científico. Gil (2008, p. 26) afirma que a pesquisa tem um caráter pragmático, é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Pereira (2019, p. 11) refere-se à pesquisa em educação como um “agir intencionalmente, é uma ação social que requer outro tipo de conhecimento, o qual diz respeito à relação e incorporação de teorias e práticas intencionais, com finalidades socialmente definidas”. A metodologia, por sua vez, “[...] não devem ser inventadas, encaixadas ou superficiais, mas vivas e potenciais para agregar pesquisadores das universidades com pesquisadores da educação básica” (Pereira, 2019, p. 11).

Desta forma, compreende-se que o ato de pesquisar se faz presente no cotidiano do professor, pois a todo momento ele está procurando respostas para problemas que surgem no cotidiano da sala de aula. Pedro Demo (1998) declara que o ato de educar “tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja um pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana” (Demo, 1998, p.2).

Com base nesses pensamentos iniciais objetiva-se nesta seção descrever o percurso metodológico para o desenvolvimento desta pesquisa, entendendo-a como uma maneira a se chegar aos propósitos pretendidos, de forma a destacar o passo-a-passo dessa trajetória. A seguir, apresentar-se-á o percurso de

um estudo que tem como objetivo a criação de novos olhares sobre os problemas sociais que adentram os espaços escolares, partindo de ideias e diálogos entre os pares pertencentes à comunidade escolar, resultando na elaboração de um produto educacional.

Inicialmente é destacada a fundamentação da pesquisa, a abordagem, a natureza, os métodos de abordagem, o tipo de pesquisa, os instrumentos de geração de dados, a sistematização dos dados da pesquisa e a descrição do produto educacional. Consequente a isso, caracterizam-se o lócus de pesquisa e os sujeitos participantes da pesquisa.

### **5.1. Os fundamentos da pesquisa**

Considerando o objetivo idealizado para este estudo – compreender que saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de Ensino Médio podem se constituir como base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores, com vistas a elaboração de um guia de orientações didático-pedagógicas, para a organização do trabalho formativo no contexto de uma instituição de ensino médio em Paço do Lumiar - MA.

A pesquisa no campo educacional abrange, de maneira dinâmica, as instituições escolares, os alunos, os professores e as mais diversas relações cotidianas existentes nesse contexto. Com isso, a presente pesquisa tem como características uma relação dialógica, de alteridade e de escuta, pois há uma interrelação entre o pesquisador e o pesquisado:

São importantes as atribuições do tipo de pesquisa que associa teoria e prática, vinculando-se aos contextos sociais. Ressaltamos a relação participativa do pesquisador e pesquisado, bem como as implicações interventivas para resolver situações problemas relacionadas aos ambientes escolares, por vias de transformação participativa. Nesse sentido, as atribuições conceituais de diálogo, alteridade e escuta podem auxiliar nos aspectos mobilizadores da pesquisa-ação. Deste modo, tecer características e definições da pesquisa-ação, evidenciar o fazer investigativo a várias mãos e problematizar os processos de pesquisa a partir dos cotidianos auxiliam na contextualização da complexidade da investigação em Ciências Humana (Silva; Matias; Barros, 2021, p. 491)

Nesse caminho, é preciso destacar a importância do diálogo, pois esse é um fator imprescindível para o processo de desenvolvimento da pesquisa educacional; a alteridade, no sentido de levar em consideração as vivências e diferenças

individuais; e a escuta que é necessária nas discussões e debates. Portanto, apontam-se que essas características estão presentes no desenvolvimento do percurso metodológico desta pesquisa, e por conseguinte entende-se também que a teoria é fundamental para o crescimento profissional, tanto do pesquisador, quanto dos pesquisados (no caso, professores).

## 5.2. Tipo de pesquisa: natureza, abordagem e procedimentos

Entende-se que a escolha de uma metodologia apropriada em consonância com o objeto da pesquisa, e em resposta às inquietações, é uma das premissas para o alcance dos objetivos delineados. Esse processo implica em analisar as circunstâncias reais para abordar a problemática, ao mesmo tempo em que possibilita pensar em alternativas para enfrentá-la.

Desta forma, busca-se uma abordagem e uma metodologia condizentes à problemática elucidada, e levando em consideração as orientações do Mestrado Profissional, instituído pela Portaria/MEC nº 17/2009 (BRASIL, 2009), a investigação insere-se no contexto da Pesquisa Aplicada, pois segundo Prodanov e Freitas (2013), objetiva gerar conhecimentos para a aplicação prática, destinados a resolução de problemas específicos, englobando verdades e interesses locais.

No entanto, seguindo as ideias de Pereira (2019), entende-se que este tipo de pesquisa, juntamente com a elaboração de um produto final no mestrado profissional<sup>11</sup>, possibilita uma “intervenção como objeto de transformação social”

---

<sup>11</sup> Portaria nº 17, de 28 de dezembro de 2009:

Art. 7º A proposta de Mestrado Profissional deverá, necessária e obrigatoriamente:

[...]

VIII - prever a exigência de apresentação de trabalho de conclusão final do curso.

§ 1º O corpo docente do curso deve ser altamente qualificado, conforme demonstrado pela produção intelectual constituída por publicações específicas, produção artística ou produção técnico científica, ou ainda por reconhecida experiência profissional, conforme o caso.

§ 2º A qualificação docente deve ser compatível com a área e a proposta do curso, de modo a oferecer adequadas oportunidades de treinamento para os estudantes e proporcionar temas relevantes para o seu trabalho de mestrado.

§ 3º O trabalho de conclusão final do curso poderá ser apresentado em diferentes formatos, tais como dissertação, revisão sistemática e aprofundada da literatura, artigo, patente, registros de propriedade intelectual, projetos técnicos, publicações tecnológicas; desenvolvimento de aplicativos, de materiais didáticos e instrucionais e de produtos, processos e técnicas; produção de programas de mídia, editoria, composições, concertos, relatórios finais de pesquisa, softwares, estudos de caso, relatório técnico com regras de sigilo, manual de operação técnica, protocolo experimental ou de aplicação em serviços, proposta de intervenção em procedimentos clínicos ou de serviço pertinente, projeto de aplicação ou adequação tecnológica, protótipos para desenvolvimento ou produção de instrumentos, equipamentos e kits, projetos de inovação tecnológica, produção artística, sem prejuízo de outros formatos, de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, desde que previamente



(Pereira, 2019, p. 19), ou seja, os mestrados profissionais inclinam-se, segundo Romão e Mafra (*apud* PEREIRA, 2019), a estimular a educação para desempenhar uma pesquisa aplicada direcionada a solucionar os problemas educacionais, pois é um campo de conhecimento prático, passível de transformação.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é exploratória, descritiva e explicativa: Exploratória, pois visa proporcionar mais informações sobre a temática que será investigada; descritiva, por registrar e descrever os fatos observados, sem a interferência do pesquisador; e por fim explicativa, visando responder as indagações dos objetos e de suas causas.

Em relação a abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, pois existe uma relação entre o mundo real e o sujeito, isto é, o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo, não precisando ser quantificado, nem necessita do uso de métodos e técnicas. Na pesquisa qualitativa, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), o pesquisador tem contato direto com o objeto de estudo.

Contudo, esta pesquisa sendo qualitativa segue a abordagem epistemológica do materialismo dialético que “é a base filosófica do marxismo e como tal realiza a tentativa de buscar explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento” (Triviños, 2007, p. 51), e do materialismo histórico que “é a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade” (Triviños, 2007, p. 51).

A escolha dessa abordagem orientou-se pela ideia de que o tema a ser estudado é decorrente do contexto histórico de mudanças e transformações nas sociedades e dos sujeitos participantes, para que a partir dessa análise possa-se ir ao encontro das respostas, ou soluções dos questionamentos feitos previamente.

No que diz respeito a abordagem metodológica, realiza-se uma pesquisa de Intervenção Educacional, dando seguimento a linha epistemológica proposta aqui neste trabalho, a do materialismo histórico-dialético. Assim como, entende-se que essa modalidade de pesquisa é necessária para este estudo, pois ela propicia a resolução de uma problemática coletiva, partindo de uma reflexão crítica feita

---

propostos e aprovados pela CAPES.

§ 4º Para atender situações relevantes, específicas e esporádicas, serão admitidas proposições de cursos com duração temporária determinada.

com os sujeitos participantes em colaboração com o pesquisador. Logo, segundo as ideias de Damiani *et al.* (p.58, 2013), a pesquisa de intervenção:

São investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências.

A pesquisa de intervenção em educação adota um importante papel na conexão entre a teoria e a prática, pois busca integrar o conhecimento acadêmico à resolução de problemas reais, no caso, do cotidiano escolar. Assim, uma de suas principais características é a sua ênfase na ação e na realização prática de estratégias educacionais. Bogdan e Biklen (1994) ressaltam a importância de transcender os limites teóricos, buscando intervenções concretas que possam gerar impacto real no ambiente educacional.

Esta modalidade de pesquisa frisa, contudo, não apenas uma observação, ou análise de um fenômeno por parte dos pesquisadores, mas também a promoção de ações planejadas e intencionais em busca de melhorias, ou até mesmo a mudança de uma situação a ser estudada. Por isso, a sua relevância no contexto dos mestrados profissionais, pela busca da integração de conhecimentos teóricos com as demandas práticas no cenário educacional. Cervo e Bervian (2002) argumentam que essa abordagem proporciona aos profissionais em formação uma compreensão mais holística e aplicada das questões educacionais.

Sendo assim, o papel do pesquisador e dos sujeitos envolvidos diretamente na pesquisa deve ser prioritariamente de buscar caminhos para a resolução de um dado problema que envolve estes sujeitos. De acordo com Pereira (2019, p. 87), “[...] planejar toda a pesquisa e intervenção, avaliando-a de maneira que possa evidenciar também o conhecimento que foi produzido pela ação determinada”. Portanto, o pesquisador incumbe-se de uma desafiadora tarefa de direcionar o grupo participante da pesquisa, em elaborar, executar e avaliar as ações a serem formuladas para a solução de um problema, ressaltando a importância da participação de todos os envolvidos na pesquisa.

Para tanto, foi realizado um estudo bibliográfico a partir de materiais já publicados, com o objetivo de fazer uma análise de escritos referentes ao assunto investigado, assim possibilitando posteriormente a colaboração das análises e dos dados em futuros trabalhos a serem desenvolvidos sobre este tema.

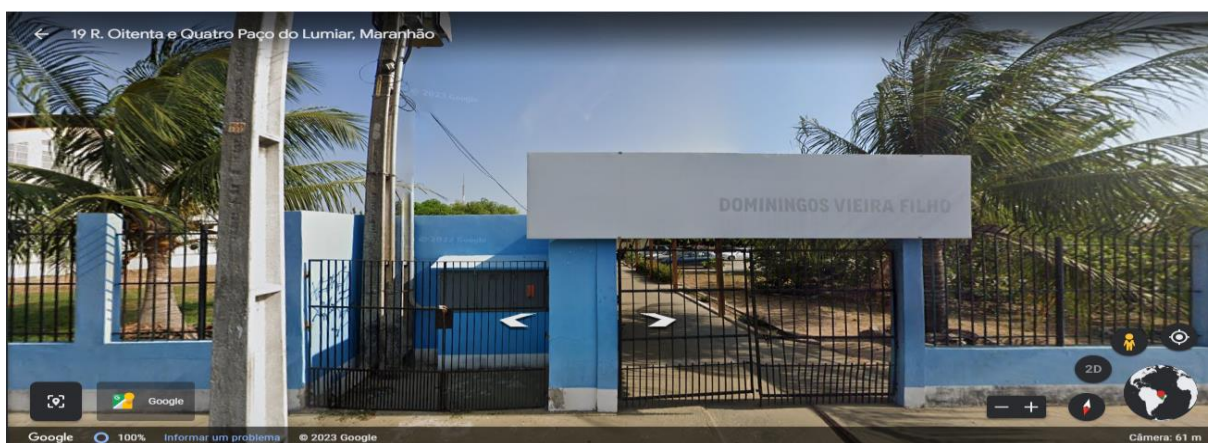
### 5.3. Caracterização do local de pesquisa

A coleta de dados iniciou-se desde o primeiro momento de contato com a escola, onde fora fornecido alguns documentos referentes ao histórico da escola, bem como dados do quadro de pessoas, tanto alunos, quanto funcionários. Os nomes dos gestores e demais participantes serão mantidos em sigilo em respeito às considerações éticas.

Esta pesquisa relaciona-se às escolas públicas de Ensino Médio do Estado do Maranhão, no entanto o lócus de pesquisa versará sob uma escola localizada no município de Paço do Lumiar – MA, a qual oferece ensino de Tempo Integral, contendo 12 turmas em pleno funcionamento, sendo 4 turmas de cada série do Ensino Médio Regular, ou seja, 4 turmas de 1º ano, 4 turmas de 2º ano e 4 turmas de 3º ano, sendo que além dessas funcionará o Programa EJA TEC – Educação de Jovens e Adultos com Técnico no ano corrente, com duas turmas de 1º ano (Ensino Médio).

Abaixo uma imagem do locús que situa a sua localização geoespacial (Figura 1):

**Figura 1** - Fachada da escola pesquisada



Fonte: Extraído da plataforma Google Earth (2023).

No que diz respeito a sua estrutura física, a escola conta com um amplo espaço de 16.474,84 m<sup>2</sup>, sendo deste 2.286,52 m<sup>2</sup> de área construída. Assim, ao todo possui 30 compartimentos, e destes são 15 salas de aula, sendo 12 destinadas as três séries do Ensino Médio, 1 para o Projeto de Vida, 1 para Linguagens e 1 para a parte Esportiva. Ademais, possui 1 laboratório de Informática com 2 banheiros, 1 laboratório de Química e Biologia, 1 laboratório de Física e Matemática,

1 Biblioteca, 1 sala de Professores com 2 banheiros, 1 sala da Gestão Financeira e Gestão Pedagógica, 1 sala da Direção Geral com 1 banheiro, 1 Secretaria, 1 auditório, 1 depósito, 1 banheiro masculino, 1 banheiro feminino, 1 refeitório, 1 cozinha e 1 quadra poliesportiva.

**Tabela 1 - Estrutura Física da escola pesquisada**

<b>ESTRUTURA FÍSICA</b>	
Área Total	16.474,84 m <sup>2</sup>
Área Construída	2.286,52 m <sup>2</sup>
Salas de Aula	15
Laboratórios	3
Biblioteca	1
Gestão (salas)	2
Secretaria	1
Banheiros	9
Cozinha	1
Refeitório	1
Quadra Poliesportiva	1

FONTE: Registro da autora

Na parte do efetivo da escola, ela conta com 484 alunos, 27 professores, sendo destes 20 efetivos do quadro da Secretaria Estadual e 7 são contratados também pela Secretaria Estadual de Educação. Tem-se 18 funcionários na escola, sem estagiários, que trabalham na parte administrativa e com as empresas terceirizadas de limpeza, Martins Reis, R&P e SERVFAZ, das quais participam copeiros, jardinagem e portaria com 16 funcionários.

**Tabela 2 - Quantitativo efetivo da escola pesquisada**

<b>EFETIVO DA ESCOLA</b>	
<b>FUNÇÃO</b>	<b>QUANTITATIVO</b>
Alunos	487
Professores Efetivos	20
Professores Contratados	7

Gestor Geral	1
Gestor Financeiro	1
Gestor Pedagógico	1
Supervisão Pedagógica	2
Funcionários Administrativos	13
Estagiários	-
Funcionários da Limpeza	6
Funcionários Copeiros	6
Funcionários da Portaria	3
Funcionários Volantes (Jardinagem)	1

Fonte: Registros da autora

Nesse primeiro contato houve a oportunidade de conversar com a direção da escola, na qual ocorreram as devidas apresentações, com o documento para a aceitação da pesquisa na escola, que por ventura, foi muito bem aceita. Assim, teve-se uma conversa inicial destacando os pontos e objetivos da minha pesquisa na escola com o Gestor Geral e a Gestora Pedagógica, e posteriormente com 1 professor do Projeto de Vida, 1 professor de História, 1 professor de Geografia, 2 professoras de Português e 1 professora de Química.

Um fator importante para a escolha do local da pesquisa é que a escola é localizada em um ponto central da cidade, podendo acolher alunos de diversos bairros. Além de ser uma escola com a modalidade de Ensino Integral, na qual os alunos e professores convivem durante todo o dia e toda a semana, estes últimos possuem Dedicção Exclusiva, sendo o tempo divididos em aulas, planejamentos e formações continuadas. Tal fato torna-se um aliado importante no decorrer da pesquisa, pois propicia de maneira acessível para a intervenção pedagógica acerca do nosso tema em análise, a violência em contexto escolar.

A seguir, uma imagem geoespacial da localização da escola e o seu entorno (figura 2):

**Figura 2** - Localização geoespacial do entorno da escola pesquisada



Fonte: Extraído da plataforma Google Earth (2023).

#### 5.4. Sujeitos e objetos da pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa são: a Gestora Pedagógica e 4 (quatro) professores, sendo 1 (um) da Área de Humanas, 1 (um) da Área das Ciências da Natureza e 2 (dois) da Área de Linguagens. A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual situada no município de Paço do Lumiar/MA.

#### 5.5. Instrumento de coleta de dados

Mediante a instrução normativa de nº 04/2020/PPGEEB/UFMA (UFMA, 2020), que versa sobre as formas metodológicas de apresentação do produto educacional na dissertação, durante o período de distanciamento social do novo Coronavírus (Sars-Cov-2/COVID-19), e visa certificar a natureza aplicada (natureza de intervenção) da pesquisa, no entanto torna facultativa a aplicabilidade do produto no espaço escolar de forma a assegurar os protocolos de segurança sanitária em vigor.

Em vista disso, durante todo o processo investigativo houve algumas mudanças, as quais inicialmente tinha-se pensado em uma pesquisa do tipo colaborativa. Entretanto, devido as dificuldades de tempo e disponibilidade dos sujeitos da pesquisa, a investigação se reconfigurou sob outro formato, e a partir disso, adotou-se os pressupostos da pesquisa de intervenção pedagógica.

Damiani (2013) ao descrever sobre as implicações durante o processo

investigativo mediante a utilização da pesquisa de intervenção, destaca a sua importância como produtora de conhecimentos, a qual compreende o planejamento das ações de intervenção pedagógica, com a intenção de promover mudanças e aperfeiçoamentos da prática educativa através de uma avaliação sistemática abrangente.

Nesse sentido, os diálogos e a sensibilidade para com o outro, e o respeito, são inerentes a uma ação de intervenção que busca a resolução de um problema, visto que há uma diversidade de pensamentos, histórias e culturas numa coletividade a ser analisada a partir de uma pesquisa científica educacional.

Mediante a esse entendimento, os instrumentos de pesquisa utilizados seguirão as orientações estabelecidas pela pesquisa de intervenção pedagógica, segundo Pereira (2019, p. 107):

[...] identificação do problema da instituição que precisa ser solucionado: demandas trazidas pelos mestrandos ou aplicação de instrumentos para coleta dessas informações como: questionário, entrevista, observação, formulário de inscrição, reuniões temáticas, reuniões de coordenação, dentre outros. A intervenção se dá a partir do desejo do grupo de mudança, solucionando e produzindo conhecimento sobre sua realidade.

Assim, como todo ritual de entrada e construção de uma pesquisa acadêmica, foi entregue a carta de apresentação, havendo assim, um primeiro contato com a escola, local de investigação. Este contato foi realizado com o gestor escolar e nesse momento pedimos a permissão para realizarmos uma pesquisa na área de mestrado. Tão logo, realizou-se uma conversa no próprio ambiente escolar, com o intuito de apresentar o projeto de investigação e os convidar para ampliar o debate acerca da violência escolar, para que se encontrasse caminhos que levassem à uma cultura de paz na escola. Desse modo, explicou-se que durante todo o processo investigativo coletar-se-ia os dados de diferentes formas, tais como observação, questionários e entrevistas à gestão escolar. O convite foi prontamente aceito pela gestão, visando uma oportunidade de sensibilizar toda a comunidade escolar em prol de uma questão que acontece, mas que ainda não sabem como lidar.

Como primeira fase no desenvolvimento da pesquisa de intervenção, teve-se essa conversa inicial, que favoreceu o reconhecimento do espaço, a caracterização da equipe e o levantamento de possíveis ações: primeiramente se solicitou a permissão para o acesso de alguns dados da escola, como a dimensão do espaço escolar, a configuração da escola, o quantitativo de funcionários e alunos, com o

objetivo de idealizar a conjuntura da investigação e gerar os primeiros dados, entre outras informações; logo em seguida, fotografou-se alguns espaços da escola. Posteriormente a isso, pensou-se em convidar oficialmente alguns professores, gestão pedagógica e as supervisoras pedagógicas, a fim de sensibilizar a participação destes, bem como a assinatura do termo de adesão voluntária, para que assim se iniciasse o processo de escutas e diálogos.

No andamento da pesquisa, observou-se a necessidade de uma observação participante, pois o pesquisador não é apenas um espectador do fato, ele se coloca na mesma posição dos outros colaboradores da pesquisa. Dessa forma, esse “pesquisador tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da população investigada” (Richardson, 2008, p 261).

Na segunda fase, pensou-se a escolha/convite aos participantes da pesquisa, no entanto, devido a configuração da escola ser dividido por área de conhecimento, tais como Humanas, Natureza, Exatas e Linguagens, convidou-se 1 (um) professor de cada área, a gestora pedagógica e a gestora financeira. Porém, não se obteve o retorno de todos os convites realizados, mas houve a participação de 4 docentes, sendo dois de uma mesma área e uma pessoa da gestão. Logo após a definição dos participantes (voluntários) da pesquisa, aplicou-se um questionário semi-estruturado com perguntas abertas e fechadas para os mesmos. O formato do questionário desta pesquisa segue a configuração descrita por Bardin (2009), como uma sequência de perguntas, mediante a qual se obtém informações de um sujeito, ou grupo de sujeitos por meio de respostas objetivas e subjetivas, no intuito de averiguar a opinião dos indivíduos aos quais se destina, sobre alguma temática específica.

Para se identificar os conhecimentos prévios e as carências formativas, usou-se a entrevista focalizada, pois “a entrevista focalizada possibilita ao pesquisador elaborar um roteiro com tópicos para orientar a conversa” (Andrade, 2009, p 139). Assim, possibilitou a sondagem acerca da história de vida, ideias e entendimentos sobre a violência na percepção dos professores participantes. Além desses, foi realizada uma entrevista com uma funcionária da parte pedagógica da escola.

Na terceira fase, depois da observação do cotidiano escolar com o projeto de pesquisa, passou-se para a fase de intervenção e de pesquisa, sobre a qual foram feitas reflexões críticas a partir da questão problematizadora deste trabalho, utilizando como ferramenta básica neste processo, a comunicação. Logo, Pereira



(2019, p.106) explicita que durante essa fase:

Executa-se a intervenção ou pela via de sessões de discursos, ou oficinas didáticas, ou aula dialógica, dentre outras. Nesse processo, a presença dos monitores de pesquisa será imprescindível para a execução da pesquisa, anotando, gravando, observando detalhadamente todo o processo da intervenção.

Posteriormente, segue-se para a avaliação de todo esse processo, a partir de ações práticas, como a descrição e a análise feita através da intervenção, que se deu por meio dos questionários e entrevistas feitas durante todo o processo. Assim, foi possível produzir um relatório de pesquisa, explicitando as divergências e as possibilidades de mudanças de práticas, bem como a construção de conhecimentos. Tais ações, baseadas por pressupostos teóricos que contribuem acerca da violência escolar e a busca de uma cultura de paz, foram incorporadas ao produto final desta pesquisa.

Suscintamente, apresenta-se a seguir um quadro referente as etapas desta pesquisa, partindo das ideias da pesquisa de intervenção (**Quadro 1**):

**Quadro 1** - Etapas da pesquisa, objetivos, procedimentos e sujeitos participantes.

<b>ETAPAS DA PESQUISA</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>PROCEDIMENTOS</b>	<b>SUJEITOS PARTICIPANTES</b>
Acesso ao local da pesquisa e conversa com a direção da escola.	Solicitar a autorização para realizar a pesquisa na escola em questão.	- Apresentação da proposta de pesquisa ao gestor escolar; - Entrega da carta de apresentação; - Possibilidade de acesso à alguns dados da escola referentes aos quadros de alunos e funcionários da escola.	Pesquisadora e Gestor Escolar.
Apresentação do Projeto de Pesquisa.	Nesse momento, o objetivo foi apresentar o projeto de pesquisa, a fim de que houvesse a identificação com a problemática, bem	Realizamos uma conversa com os PCI's (Professores Coordenadores de Itinerário) de cada área de conhecimento, que nos indicaram	Pesquisadora, Gestora Pedagógica e os Professores Coordenadores de Itinerário.

	como a sensibilização de participação.	alguns professores a participarem.	
Geração de dados da pesquisa.	Buscar dados empíricos para a pesquisa. Nessa etapa, realizou-se observações, questionários e entrevistas com os sujeitos da pesquisa.	- Observação Participante; - Questionário semi-estruturado; - Entrevistas.	Pesquisadora, Gestora Pedagógica e Professores participantes.
Avaliação do processo de pesquisa.	Descrever e analisar a intervenção, por meio da análise de dados coletados, além dos diálogos reflexivos.	- Relatório; - Análise de dados coletados; - Diálogos reflexivos.	Pesquisadora, Gestora Pedagógica e Professores participantes.
Elaboração do Produto Educacional.	Elaboração de um Guia de orientações didático-pedagógicas, baseada na intervenção feita no percurso formativo.	A partir da observação do cotidiano escolar do local pesquisado, das discussões e dados gerados na pesquisa.	Pesquisadora, Gestora Pedagógica e Professores participantes.

FONTE: Elaborado pela autora

Diante disso, a seguir será apresentado a análise e sistematização dos dados coletados.

## 5.6. Análise e interpretação de dados da pesquisa

A análise dos dados e de todas as informações coletadas durante a produção da pesquisa têm a intenção de responder o problema proposto. Logo:

Tal investigação compreende a organização, interpretação, inferências e outros aspectos, os quais em pesquisa de intervenção precisam ser feitos de maneira mais aberta, não rígida, mas necessariamente rigorosa, demonstrando as relações entre a pesquisa e a prática pedagógica (Pereira, 2019, p. 138).

Assim, todo o desenvolvimento da pesquisa constituiu-se com diálogos, os quais foram feitos de modo a ter um olhar mais cuidadoso, respeitando as diferenças históricas, culturais, econômicas e sociais, pois segundo Freitas (2002), o indivíduo deve ser compreendido como pertencente àquele momento dialógico e não apenas ser visto como objeto de uma explicação. Por conseguinte, os dados serão analisados, seguindo uma minuciosa descrição, interpretação e um olhar crítico para a compreensão do fenômeno estudado, de acordo com a apresentação a seguir:

- Encaminhou-se um questionário inicial às professoras e coordenadora pedagógica, no intuito de se obter alguns dados das trajetórias pessoais e profissionais. Este questionário foi crucial para que se pudesse compreender que o fenômeno a ser estudado era relevante para àquela realidade pesquisada.
- Após algumas observações, realizou-se as entrevistas. Logo em seguida, houve a transcrição para o Word, de maneira organizada, de todas as falas, ou seja, organizando conforme as perguntas elaboradas referentes à possibilidade de violência na escola, bem como seus conhecimentos prévios sobre o tema.
- Mais adiante, realizou-se a análise dos dados, dialogando com o referencial teórico que fundamenta esta pesquisa, encontrando as congruências, discordâncias e afastamentos. Nesse momento, organizou-se a descrição e a interpretação dos dados coletados.
- Posteriormente, ocorreram os diálogos com os sujeitos participantes, sobre o processo de investigação e os seus apontamentos sobre o tema, bem como se os mesmos gostariam de acrescentar algo na pesquisa.

Os resultados deste caminho estão detalhados e especificados na seção que aborda os dados empíricos desta pesquisa.

### **5.7. Descrição do produto da pesquisa**

A construção de um produto educacional é uma das exigências do Mestrado Profissional em Educação que, por ser produzido a partir da sequência de uma

investigação, necessita ter como ponto norteador a relação entre teoria e prática (Pereira, 2019).

Dessa forma, para a obtenção do título de Mestre, o Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB) exige a criação de um produto educacional, que segundo o REGIMENTO nº 04/2019, de 28 de maio de 2019 (UFMA, 2019), deve vir como apêndice no texto dissertativo:

Parágrafo Único: A Dissertação deverá conter o produto da pesquisa como Apêndice, assim como deve estar descrito e explicado no corpo do texto dissertativo. Caso, não cumpram essas exigências, a Dissertação deverá ser devolvida para o(a) discente regularizar essa situação, antes da defesa (Art. 23).

Permeando de acordo com as exigências, o produto desta pesquisa deu-se em formato de um guia propositivo, contendo recomendações didático-pedagógicas, em formato on-line. No referido guia consta saberes/conhecimentos relativos ao processo de enfrentamento a violência na escola. Esse material servirá de base para a formação dos professores acerca do tema, pois ampliará a compreensão dos docentes sobre o problema em discussão, apontando ainda possibilidades para enfrentar uma questão tão complexa e presente em escolas de todo o Brasil.

Em consequência disto, foram inseridos dados atualizados sobre violência na escola, sobretudo nas de Ensino Médio, no intuito de compreender que a violência existe de maneira implícita, ou explícita nos mais diferentes ambientes em que os adolescentes estão inseridos.

Também foram incorporados elementos legais e subsídios sobre o processo de violência, para que, a partir do seu entendimento legalizado, as partes que de certa maneira estão envolvidas, possam buscar soluções para o seu enfrentamento, visando amenizar os indicadores de existência de violência nas escolas.

Assim como contem modelos demonstrativos de situações-problema sobre o tema e possibilidades de parcerias, para que seja ampliado o olhar sensível em outras perspectivas do tema em questão, logo ele não apenas envolve o chão da escola, mas perpassa por outras instâncias da sociedade.

Por fim, foi elaborado sequências didáticas voltadas para este tema, nas quais podem se inspirar o corpo docente e a supervisão escolar, a fim de que promovam encontros formativos na escola para discussão do problema. Porém,

todas essas possibilidades serão pensadas juntamente com o(a) Coordenador(a) Pedagógico(a) e os professores.

## **6. A PERCEPÇÃO E O ENTENDIMENTO DOS COLABORADORES ACERCA DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DA PESQUISA**

Esta seção compreende os dados empíricos da pesquisa. Para tanto, elaborou-se algumas questões que conduziram para tal discussão, tais como: o que os professores entendem sobre violência? No contexto escolar, é possível distinguir os diferentes tipos de violência? Quais as concepções teóricas e metodológicas sobre violência que subsidiam o trabalho de seu enfrentamento na escola? Quais atividades são pensadas para a busca de uma cultura de paz? Elas têm favorecido o enfrentamento à violência na escola?

A partir dos questionamentos acima, organizou-se as análises realizadas nesta seção, subsidiada por um dos objetivos desta pesquisa, a saber: identificar as concepções dos professores e coordenadores pedagógicos, colaboradores da pesquisa, sobre a violência em instituições de Ensino Médio, bem como da formação continuada como uma possibilidade para seu enfrentamento.

Destaca-se que os meios empregados para a obtenção dos dados compreenderam o questionário semi-estruturado (Apêndice A) e a entrevista (Apêndice B), conduzidos por meio de um processo de constante diálogo, que se deu ao longo da pesquisa, além da observação participante durante algumas atividades desenvolvidas pelos professores.

As análises serão conduzidas de maneira qualitativa, focalizando as seguintes perspectivas: violência, violência nas escolas, processos de enfrentamento à violência e a busca por cultura de paz. Assim, partiu-se da ideia de que essas perspectivas são essenciais para a compreensão de que a violência perpassa os muros da escola e ela precisa ser entendida e estudada, logo precisa-se pensar em maneiras de lidar, ou mesmo combatê-la, sendo uma dessas maneiras através de formações que ampliem esse debate.

Assim, para uma melhor compreensão, sistematizou-se as análises por diferentes categorias pensadas a partir dos questionamentos feitos aos colaboradores da pesquisa, além de algumas imagens recolhidas durante as observações. Tais análises coadunam com os pensamentos teóricos e metodológicos que se utilizou nesta pesquisa.

Desta forma, esta seção foi organizada de modo a verificar as concepções dos professores e coordenação pedagógica em busca de entendimento do que é

violência e como ela é manifestada em uma escola pública de Paço do Lumiar, Maranhão. Apresentar-se-á as possíveis manifestações de violência na escola, os pontos de vistas dos colaboradores pesquisados acerca das possibilidades de enfrentamento à violência na escola, e por último os dados sistematizados através de um guia didático em busca de fundamentar a prática docente para a prevenção e combate da violência no ambiente escolar.

### **6.1. A concepção dos professores e coordenação pedagógica sobre a violência na escola**

Optou-se por utilizar o questionário e a entrevista, visto que se acredita serem instrumentos que melhor se adequam a metodologia e a realidade da pesquisa, sendo esta de Intervenção. Assim, o processo de diálogos com os colaboradores da pesquisa se deu forma harmoniosa, porém de forma gradual, devido à dificuldade de se encontrar tempo dentro da agenda de atividades dos participantes. Desta forma, entregou-se previamente o questionário e o roteiro da entrevista, para que se ambientassem antes do encontro, porém nem todos retornaram, ou tiveram tempo para respondê-los. Sendo assim, trabalhou-se com os dados dentro das possibilidades cabíveis de coletar.

Os dados recolhidos mostram semelhanças e discordâncias na maneira como os professores e a coordenação pedagógica entendem sobre a violência na escola. Ela é por eles demonstrada como agressão física, seguida da psicológica, verbal e emocional. Quando perguntados sobre a ocorrência e identificação de violência no ambiente escolar, a maioria dos participantes afirmaram ser física e verbal.

Com o objetivo de organizar um perfil dos colaboradores participantes desta pesquisa, pediu-se a eles, tanto no questionário, quanto na entrevista, que respondessem sobre os seus dados pessoais, tais como: nome, faixa etária, escolaridade, tempo de serviço como professor, ou coordenador e tempo de serviço na escola. Estes estão organizados a seguir no **Quadro 2**.

Todos os colaboradores participantes responderam a pesquisa, sem omissão de dados pessoais. Além disso, quanto à escolaridade, apenas 1 (um) dos entrevistados não possui pós-graduação.

**Quadro 2 - Perfil dos Participantes**

<b>Cargo</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Sexo</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Tempo de serviço</b>	<b>Tempo de serviço na escola</b>
<b>Professor</b>	34 a 50 anos	2 homens e 2 mulheres	Instituição pública/ Língua Portuguesa (2), História e Física.	10 a 20 anos	3 a 6 anos
<b>Coordenador Pedagógico</b>	45 anos	1 mulher	Língua Portuguesa	12 anos	5 anos

FONTE: Registro da autora

Observa-se um desvio de função com relação a Gestão escolar, no caso, da gestão pedagógica. Por exemplo, professor formado em Letras – Licenciatura, exercendo a função de coordenador pedagógico, função essa que necessita da formação específica em Pedagogia, ou uma pós-graduação em Gestão Escolar.

No que diz respeito ao tempo de serviço, os professores possuem entre 10 a 20 anos de carreira e a coordenação 12 anos, sendo 1 ano nessa função, o que evidencia um conhecimento relevante do fazer docente. Já o tempo ativo de serviço na escola fica em torno de 3 a 6 anos, visto que a escola tem 6 anos, enquanto escola integral, a maioria dos pesquisados têm um tempo de trabalho considerável, o que possibilita uma melhor visão e conhecimento da realidade da escola pesquisada.

Com relação aos conhecimentos prévios sobre violência apresentados pelos entrevistados, é possível identificar pontos de convergência e divergência que refletem a complexidade e a subjetividade associadas ao conceito de violência (**Quadro 3**).

**Quadro 3 - Como você define a violência?**

<b>Percepções</b>	<b>Definição da violência</b>	<b>Professor</b>	<b>Coordenador</b>
<b>Consenso na Multidimensionalidade da Violência</b>	“Uma consequência de forma física, verbal ou de forma psicológica”; “Não é só aquela violência psicológica, ela não é só a violência física”;	04	01



	<p>“Quando penso nessa palavra, eu penso logo na violência física, né? Na questão do machucar fisicamente”;</p> <p>“Físico, verbal, psicológico ou emocional”;</p> <p>“Sobre a definição de violência, ela é um atentado contra alguém”.</p>		
<b>Ênfase na Falta de Empatia e Instrução Formal</b>	<p>“Eu defino a violência como a falta de empatia, a falta de instrução formal, ou a ausência, né? De sentimentos que a pessoa não adquire no decorrer da infância”.</p>	01	—
<b>Amplitude da Violência Além do Aspecto Físico</b>	<p>“Ela é uma violência que ela pode ser de uma palavra, de um gesto, de um olhar”;</p> <p>“A violência não é só isso, ela pode ocorrer de diversas formas, através de uma agressão, de uma ameaça, de uma humilhação”.</p>	01	01
<b>Associação da Violência com Maltrato e Desrespeito</b>	<p>“Violência, eu acredito que seja o maltrato ou o distrato, né? Físico, verbal, o psicológico, ou emocional que as pessoas realizam umas com as outras”.</p>	01	—
<b>Visão da Violência como Atentado e Desrespeito aos Direitos</b>	<p>“Nós também não podemos deixar de pensar que é quando há um desrespeito aos direitos de uma pessoa”.</p>	01	—

FONTE: Registro da autora

Todos os colaboradores participantes da pesquisa evidenciaram a compreensão de que a violência não se limita a uma única forma, seja física, verbal ou psicológica. Além disso, os participantes reconhecem a diversidade de manifestações, incluindo gestos, olhares, palavras e ações, ou seja, aspectos emocionais, simbólicos e éticos que causam mal, ou danos as outras pessoas. As narrativas podem ser situadas a partir do referencial teórico, no qual Michaud (1989) destaca que a violência é o agir contra alguém, ou fazê-lo agir contra sua vontade,

bem como, mais recentemente, há o acréscimo de outras modalidades de violência, pela OMS (Organização Mundial da Saúde), tais como, além da violência física, a psicológica, a sexual, contra a mulher, o abandono, a negligência, entre outros.

Um aspecto mencionado na pesquisa é a falta de empatia e instrução formal como elementos associados à violência. Essa perspectiva ressalta a importância de fatores educacionais, familiares e emocionais na formação de comportamentos violentos, como afirma Silva; Salles (p. 224):

[...] estudos têm apontado para a importância do contexto familiar na produção da violência no âmbito escolar. Ao enfocarem o contexto familiar os estudos destacam uma relação entre violência infantil e/ ou juvenil e problemas nas relações familiares sejam estas entre o próprio casal ou entre os pais e seus filhos. As investigações evidenciam uma relação entre conduta violenta e ruptura da estrutura familiar (como a separação dos pais), existência de relacionamentos familiares conflitivos, pouca habilidade dos pais em lidar com as crianças e a permissividade deles

No que diz respeito à ampliação da definição de violência para além do aspecto físico, obteve-se duas respostas relacionadas nessa categoria, que incluem gestos, olhares e palavras. Essa abordagem, de acordo com Bourdieu (2001), destaca a importância de reconhecer formas mais sutis de violência, como a violência simbólica, que pode ser tão impactante, quanto a violência física ou verbal.

Outro fator constatado é a associação da violência com maltrato e desrespeito, enfatizando não apenas a presença de ações violentas, mas também o impacto negativo nas relações interpessoais. Além disso, na pesquisa também foi destacada a ideia de violência como um atentado contra alguém, e como um desrespeito aos direitos da pessoa. Essa definição alinha-se a perspectivas éticas que consideram a violência como uma transgressão aos direitos e à dignidade das pessoas:

É preciso a busca de uma paz social assentada em parâmetros diferentes dessa ordem econômica profundamente injusta. Uma ordem econômica capaz de produzir paz deve ser assentada no respeito à vida e na dignidade humana. Os instrumentos geradores de paz perpassa o caminho da tolerância, da aproximação, da inclusão. É preciso criar um ambiente em que todos possam viver de forma partícipe, em comunhão, pelo simples fato de ser um ser humano, a igualdade não fundamenta na diferença (Pinheiro, p. 7, 2018).

No que se refere à pergunta sobre a identificação de tipos de violência no ambiente escolar (**Quadro 4**), a maioria dos sujeitos participantes disse que sim, uns de maneiras mais explícita citando exemplos, e outros de maneira mais generalizada. Dentre as formas de violências citadas pelos entrevistados, observou-

se a predominância da violência física, psicológica e verbal, seguidamente das violências profissional, patrimonial, emocional e o bullying.

**Quadro 4** - Você identifica algum tipo de violência no ambiente escolar? Se sim, quais tipos?

	<b>Você identifica algum tipo de violência no ambiente escolar? se sim, quais tipos?</b>	<b>Frequência de Apontamento</b>
<b>Professor</b>	<p>“Sim, eu consigo identificar os tipos de violência, os quais eu notei são eh violência institucional, assédio moral, violência física, psicológica e constrangimento”;</p> <p>“Sim. Eu observo vários tipos de violência e como eu te falei, pode ser de uma palavra, pode ser de um professor, né? Que te trate mal, que te trate como uma forma ruim, que te deixe triste”;</p> <p>“No ambiente escolar acho que a gente consegue identificar visivelmente vários tipos de violência: violência verbal, Violência física, como já foi presenciado em alguns momentos, a violência profissional, (...) preconceito até mesmo com relação as áreas de atuação de determinado professor, de atuação profissional de outros funcionários dentro da escola”;</p> <p>“Infelizmente sim, a violência no ambiente escolar, ela tem se expressado em diferentes formas, principalmente quando a gente fala sobre o assunto do bullying.”</p>	04
<b>Coordenador</b>	<p>“Sim, no ambiente escolar, recentemente tivemos a violência física”.</p>	01

FONTE: Elaborado pela autora

Nesse contexto, percebe-se que há uma diversidade de manifestações violentas, na percepção dos sujeitos participantes. Assim, as respostas sugerem que a violência, naquele contexto escolar, não se limita a uma única forma, mas abrange uma ampla gama de comportamentos que podem contribuir para ações que prejudiquem o cotidiano na escola.

Observa-se também a inclusão de formas de violência pouco exploradas na questão anterior, tais como: a violência institucional, o assédio moral, a violência patrimonial (tanto na esfera pública, quanto na esfera privada), o preconceito, a discriminação e o bullying, bem como é notória a preocupação da maioria dos sujeitos participantes sobre o impacto psicológico que pode se gerar por meio da

violência verbalizada e de todas essas citadas anteriormente.

Dentre as principais causas e situações que levam a ocorrência de violência dentro do ambiente escolar (**Quadro 5**), foram citados diferentes aspectos: causas estruturais e interpessoais, as dinâmicas das relações de poder, a transferência de responsabilidades dos pais à escola, entre outros.

Percebe-se ao analisar as falas dos entrevistados, que a estrutura social tem grande influência no comportamento violento, visto que a violência perpassa os muros da escola e se faz constante no dia-a-dia, seja ela, no lidar com o outro, ou na não aceitação das diferenças. Essas questões podem ser identificadas como elementos que podem atuar como mitigadores da violência.

Outro fator que se observa é a relação de poder, que ocorre em diferentes níveis na escola, seja ele entre os próprios alunos, em que existe a intenção de ter alguém mais influente dentre os demais, ocasionando rivalidade entre os pares, seja ainda, as relações de poder entre os funcionários da escola, com falas preconceituosas sobre as áreas de atuação profissional, ou mesmo de um nível de formação ser inferior, ou superior ao outro. Assim, de acordo com Gilberto Velho (2000), a violência pode ser associada a uma ideia de poder, a partir do momento em que ela não está associada apenas ao uso da força física, mas também a ameaça de a usar. Logo, esse fato corrobora com a ideia de poder quando há a imposição de vontade sobre o outro.

Ainda nesse aspecto, as respostas destacam a necessidade de uma abordagem mais abrangente, no que diz respeito à violência, visto que é preciso ampliar o debate acerca do tema na escola. E as causas vão além das interações diretas no contexto escolar, envolvendo questões da estrutura social, familiares e culturais. Essa compreensão mais ampla é essencial para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

**Quadro 5** - Você consegue identificar possíveis causas de violência no ambiente escolar?

<b>Percepções</b>	<b>Possíveis causas de violência no ambiente escolar</b>	<b>Professor</b>	<b>Coordenador</b>
<b>Causas Estruturais e Interpessoais</b>	“Eu consigo identificar as possíveis causas dentre as quais são racismo, identidade, gênero, xenofobia, status social e problemas familiares que inclui também alcoolismo, abandono dos pais”.	01	—

<p><b>Importância do Tratamento e da Gentileza</b></p>	<p>“Então uma das causas que eu acho é o tratar, né? É você tratar o outro. Saber tratar o outro. Se você tratar bem a pessoa, a pessoa também te trata. Se você trata a pessoa de forma autoritária, de forma grosseira, a outra pessoa também vem daquele jeito, então eu acho que essa é uma das causas, né? É o tratamento, é você não ser gentil, é você ser grosseiro. Eu acho que tudo isso atíça a violência, né? É tratar, é humilhar o outro, rechaçar, ridicularizar, então são formas que tem a causa da violência.”</p>	<p>01</p>	<p>–</p>
<p><b>Dinâmicas de Poder e Liderança</b></p>	<p>“No caso da violência física foi a questão mesmo de marcar o território, de estar no centro das atenções e demonstrar que é o líder, que quer ser, ou queria ser o líder da situação”.</p>	<p>–</p>	<p>01</p>
<p><b>Transferência de Problemas Familiares para a Escola</b></p>	<p>“Eu acho que num ambiente escolar a gente consegue identificar várias causas, né? Desde do que vem de fora da escola, né? Que é questão de base familiar né? E aí você já encontra muitos estudantes, né? Muitos familiares mesmo com falta de respeito entre pais e filhos né? E demais responsáveis dentro da própria casa e infelizmente, eles acabam levando esses problemas pra dentro da própria escola e infelizmente dentro da escola, a gente acaba transferindo esse comportamento entre o indivíduo e o outro. É quase como se fosse um ciclo vicioso e parece que vai contaminando todos naquele ambiente. E daí não se tem políticas públicas pra poder impedir que essa violência se instale né? Acho que ainda falta muito isso, né? Tanto com relação ao Estado, né? Como a relação a gestão, né?”.</p>	<p>01</p>	<p>–</p>
<p><b>Variedade de</b></p>	<p>“Eu vejo que há um conjunto de</p>		

<b>Motivos Dependendo do Contexto</b>	motivos que pode tá justificando essa violência na escola, contudo essas causas ainda são variadas e depende do contexto na qual as escolas estão inseridas”.	01	—
---------------------------------------	---	----	---

FONTE: Registro da autora

A verificação feita à luz da questão sobre os fatores que contribuem para a presença da violência na escola (**Quadro 6**) destaca uma grande quantidade de aspectos que inclui questões ambientais, familiares, sociais e estruturais, ou seja, tem predominância os fatores externos à escola, pois os professores afirmam que a desestruturação da família tem contribuído de forma relevante para comportamentos inadequados na escola, seja como vítima, seja como agressor. Essa ideia pode ter relação com Erik Erikson e a sua teoria do desenvolvimento humano, o qual aborda que a falta de suporte emocional durante a infância pode afetar o desenvolvimento da identidade e da autonomia do indivíduo, possivelmente contribuindo para comportamentos violentos (Erickson, 1976).

**Quadro 6** - Na sua opinião, o que tem contribuído para a presença da violência na escola?

<b>Categorias</b>	<b>O que tem contribuído para a presença da violência na escola</b>	<b>Professor</b>	<b>Coordenador</b>
<b>Falta de Acolhimento Familiar e Estrutura</b>	“(…)é a falta de acolhimento dos pais e a inexistência da estrutura familiar que o aluno precisa na sua vida de estudante do fundamental ao ensino médio. Por parte dos professores é a questão da empatia, da consciência coletiva e do apoio a colegas que tem problemas pessoais, né? Por parte do Estado é o excesso de carga de trabalho exigido, devido ao novo ensino médio e a gestão de cobrança excessiva por funções e coisas que estão fora da nossa experiência profissional”.	01	—
<b>Influência do Ambiente Familiar</b>	“Eu acho que o que tem que ter que contribuir para as causas da violência na escola primeiro é o que vem de fora, né? Como ele vem de casa? Como é a vida desse aluno em casa, né? E aí ele chega na	01	—

	escola, ele já chega de uma forma diferente, ele já chega um menino, vazio, um menino bruto, e eu acho que aí, se você encontra um ambiente hostil, você também vai se tornar violento, então é isso aí, eu acho que uma das causas”.		
<b>Envolvimento em Atividades Desviantes de Conduta</b>	“O que tem contribuído para que a violência adentre o nosso espaço, acredito que seja o envolvimento dos nossos estudantes com coisas erradas, como facção criminosa, uso de drogas, entorpecentes, então isso aí tem contribuído pra mudança de comportamento e para que haja violência”.	–	01
<b>Falta de Respeito e Ausência de Valores</b>	“Eu acho que o que mais contribui pra propagação dessa violência do ambiente escolar é exatamente a falta de respeito, né? É infelizmente a ausência de valores, com relação a questão social mesmo, né? Valores entre as pessoas no dia-a-dia, no próprio diálogo que as pessoas não conseguem mais dialogar, né? Então é exatamente o que vem contribuindo pra essa violência na escola. A gente não consegue mais escutar o outro, não consegue mais perdoar o outro, né? Não consegue mais conviver com as diferenças, né? E a gente acaba criando limitações e afins”.	01	–
<b>Falta de Responsabilidade e Ausência de Políticas Públicas</b>	“Eu acho que ainda há uma falta de responsabilidade, em alguns casos, porque existe uma transferência de responsabilidade da família para a escola e acaba acumulando as funções. Outro fator, eu penso que seria programas de conscientização, de prevenção, de combate, e que deveria existir mais políticas públicas, ou seja, há falta de políticas públicas efetivas”.	01	–

FONTE: Elaborado pela autora

Ainda em evidência na análise, a forte influência que o ambiente familiar exerce no comportamento do indivíduo tem alguns estudos psicológicos e

educacionais que sugerem que as crianças modelam seu comportamento com base na sua vivência com o meio em que vive. Nesse sentido, Castro (*apud* Burzi; Sell, 2021) em sua análise, observa a maior incidência de comportamentos violentos na escola, onde pais possuem comportamentos insatisfatórios, sugerindo que o convívio entre a família pode ser um fator de risco, dependendo da desestruturação familiar. Nesse sentido, ela evidencia a importância das relações familiares no desenvolvimento psicológico, emocional e interpessoal dos estudantes dentro e fora do contexto familiar.

Outro ponto que chama a atenção é o envolvimento de alguns alunos com o uso de drogas e gangues, que de acordo com os sujeitos participantes, repercute em comportamentos desviantes na escola, além da forte influência que exerce sobre outros estudantes:

A lógica da criminalidade se faz presente em todos os espaços sociais, principalmente, nos espaços periféricos das grandes capitais urbanas. Nas comunidades de periferia é que acabam por eclodir as principais mazelas sociais, além de poder ser visualizado nesses espaços onde reinam a pobreza e a desigualdade, a noção concreta do descaso social praticado pelo Estado (*Brandão apud* Lima; Ferro, 2016).

Com o crescimento desordenado dos grandes centros urbanos, observa-se a violação de direitos básicos à população, que vão desde a falta de infraestrutura, de saneamento básico, até as péssimas condições de habitações e os elevados índices de violência. E é nesse contexto que o tráfico de drogas, as facções criminosas, ganham espaços e atuam recrutando jovens, e até mesmo crianças, para adentrarem nesse universo, ou como usuários, ou como atuantes diretos do tráfico.

Reportando-se agora à escola, o que ela tem a ver com isso? Infelizmente, a criminalidade está presente em todos os ambientes da sociedade e a escola não está blindada a essas situações. A violência “de fora” ultrapassa os muros da escola e se torna presença constante, tornando-se uma realidade a que todos estão expostos. Dessa forma, os alunos envolvidos nessas situações reproduzem comportamentos violentos, reafirmando a influência que o meio social pode exercer no desenvolvimento humano, e com isso transforma um espaço de sociabilidades e construção de conhecimentos em um ambiente de conflitos e caos.

Ao se refletir sobre essa realidade, elenca-se outra questão abordada pelos sujeitos participantes, que é a deficiência e/ou ausência de políticas públicas efetivas de combate e prevenção da violência. Esse fato parte da sensação de impunidade



diante da criminalidade na sociedade, contudo, por mais que existam políticas públicas e sociais, muitas vezes não chegam na escola, ou se chegam, não condiz com aquela realidade, pois afinal, cada escola possui suas particularidades.

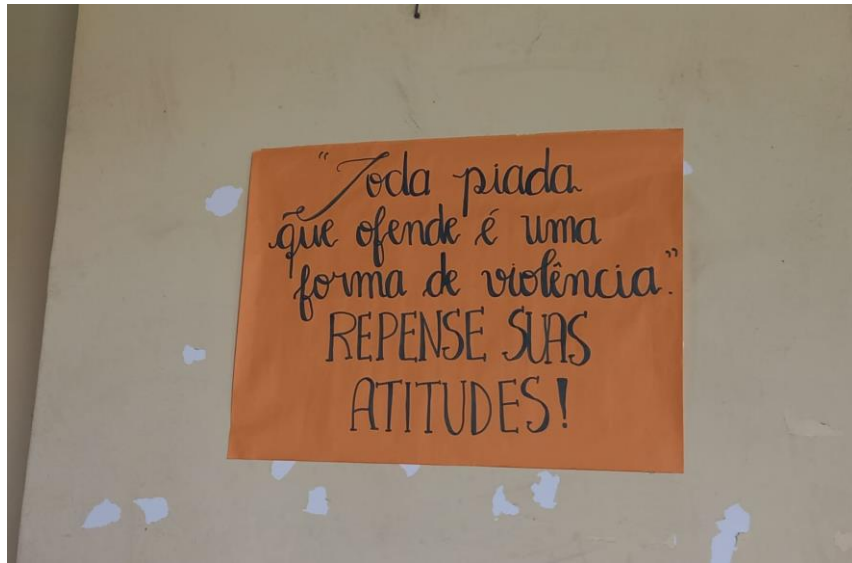
Nesse sentido, é pertinente pensar na criação de projetos de combate à violência dentro da própria escola que visem suprir as necessidades únicas daquele lugar. Assim, nas observações feitas sobre os participantes na escola, pode-se vivenciar três atividades, ao longo do ano de 2023, referentes à conscientização e prevenção ao bullying, cyberbullying (**Figura 3 e 4**), e aos diferentes tipos de preconceitos, discriminações e segregações (**Figura 5**).

**Figura 3 - Conversa reflexiva sobre Bullying e Cyberbullying**



Fonte: Registro da autora

**Figura 4** - Cartaz da atividade proposta sobre Violência nas escolas



Fonte: Registro da autora

**Figura 5** - Campanhas de combate à preconceitos, discriminações e segregações



Fonte: Registro da autora

A primeira atividade foi elaborada e realizada por dois participantes da nossa pesquisa com todos os alunos do 3º ano do Ensino Médio. Sendo 4 turmas, essa atividade foi feita em dois dias, sendo no primeiro dia com as turmas 300 e 302, e no

segundo dia a 301 e a 303, nas quais foi exibido o Filme, *Extraordinário*<sup>12</sup> (**Figura 6**), o qual conta a história de um garoto de 10 anos, que nasceu com uma deformidade no rosto. Depois de muito tempo sendo educado em casa, pela mãe, opta por frequentar uma escola. Porém, a fase de adaptação tornou-se difícil e desafiadora diante das discriminações que o garoto sofreu por conta de sua aparência, mas que deu a volta por cima, diante das dificuldades enfrentadas.

**Figura 6** - Alunos assistindo o filme *Extraordinário*



Fonte: Registro da autora

Logo após a exibição do filme, foi feita uma roda de conversa (**Figura 7**) com os alunos sobre os impactos que o bullying e o cyberbullying podem gerar dentro do ambiente escolar. Nesse debate, os professores fizeram umas perguntas<sup>13</sup> pontuais em papéis e distribuíram de forma aleatória (**Figura 8**), para que se desse início às discussões.

---

<sup>12</sup> Filme: **Extraordinário**

Direção: Stephen Chbosky | Roteiro Steve Conrad, Jack Thorne

Elenco: Julia Roberts, Jacob Tremblay, Owen Wilson

Título original Wonder

**Sinopse:**

Não recomendado para menores de 10 anos

Auggie Pullman (Jacob Tremblay) é um garoto que nasceu com uma deformação facial, o que fez com que passasse por 27 cirurgias plásticas. Aos 10 anos, ele pela primeira vez frequentará uma escola regular, como qualquer outra criança. Lá, precisa lidar com a sensação constante de ser sempre observado e avaliado por todos à sua volta.

Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-232132/>

<sup>13</sup> As perguntas feitas pelos professores foram: 1. O que você sentiu ao assistir o filme? 2. Você sabe o que é bullying? 3. Você acredita que no filme, existe bullying? 4. Qual seria sua reação ao vivenciar essa situação? 5. Você já presenciou ou sofreu bullying?

**Figura 7** - Roda de conversa sobre Bullying e Cyberbullying



Fonte: Registro da autora

**Figura 8** - Distribuição das perguntas



Fonte: Registro da autora

Dessa forma, os alunos sentiram-se à vontade para discutir o tema (**Figura 9**), com depoimentos marcantes e emocionantes de suas experiências de vida e relatos dessas violências e de outras que sofriram. Ainda nesse debate, houve a oportunidade de falar sobre a violência e suas manifestações dentro do ambiente escolar, a pedido dos participantes da pesquisa, assim contribuindo com o excelente trabalho desenvolvido por eles.

**Figura 9** - Participação dos alunos na roda de conversa



Fonte: Registro da autora

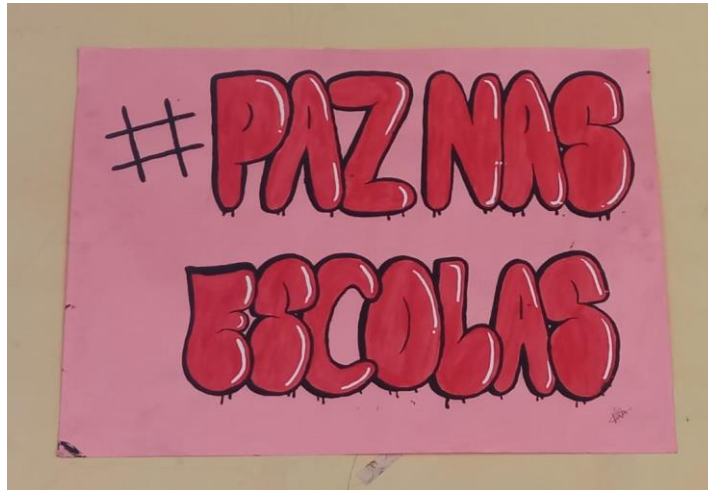
Diante do exposto sobre a violência e suas diferentes manifestações na escola, inclusive sobre o bullying, seguiu-se com o debate franco e sincero com muitas reflexões sobre as atitudes do sujeito-aluno para com os colegas, com professores, funcionários e família. Ao final, os alunos muito emocionados, abraçaram-se e concordaram com as mudanças de comportamentos e tratamentos com os que estão ao seu redor.

A segunda atividade realizada foi proposta pela Supervisão dos Centros de Educação em Tempo Integral – SUPCETI, por meio de uma circular (Anexo C) enviada aos gestores das escolas de tempo integral do Estado, propondo uma reunião, na qual foi deliberada que cada centro realizasse uma atividade para o fortalecimento da cultura de paz nas escolas integrais, além disso foi enviado um MANUAL DE ORIENTAÇÕES PARA PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA (Anexo D), elaborada nesse mesmo ano (2023) pela equipe socioemocional da Secretaria Estadual de Educação do Maranhão – SEDUC e a SUPCETI, devido a onda de violência nas escolas do país que se alastrou entre os meses de março e abril.

Logo, as atividades promovidas foram as rodas de conversas sobre bullying, nas quais os alunos tiveram como tarefa proposta a elaboração de cartazes (**Figuras 10, 11, 12, 13 e 14**) e encenações nas salas de aulas (**Figura 15**). Essa

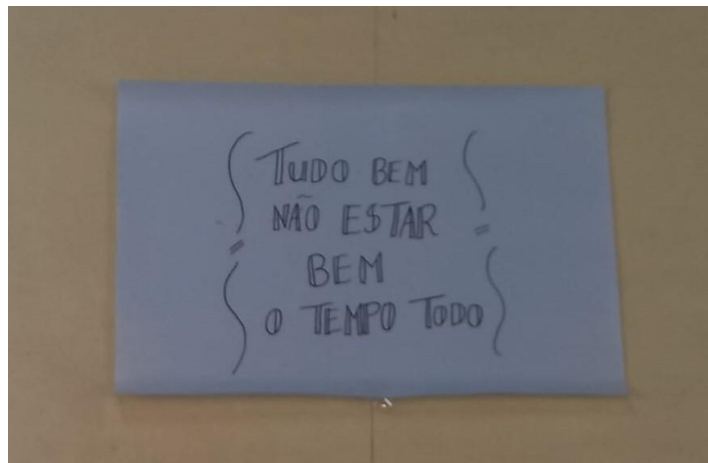
atividade foi pensada e elaborada conjuntamente entre a gestão pedagógica e alguns professores da escola, como medida protetiva à ocorrências e ameaças de violência nas escolas naquele momento.

**Figura 10** - Cartaz exposto na parede da escola



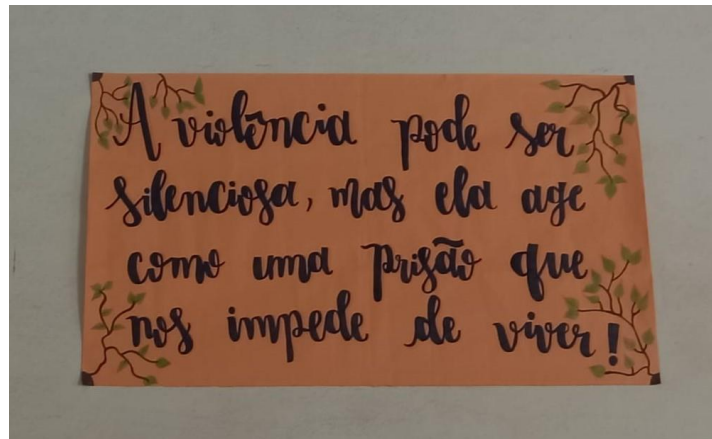
Fonte: Registro da autora

**Figura 11** - Cartaz exposto na parede da escola



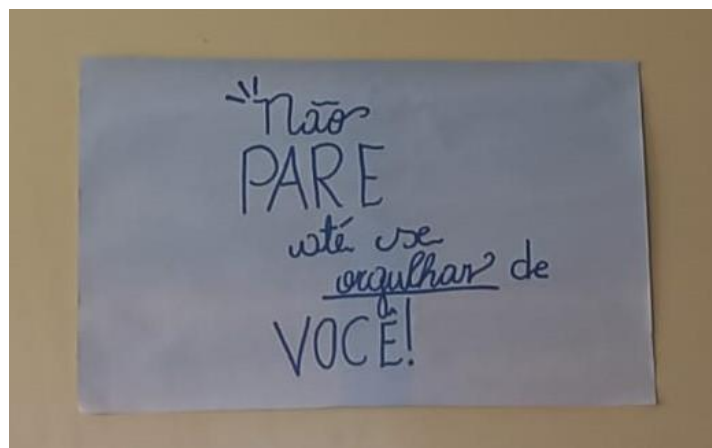
Fonte: Registro da autora

**Figura 12** - Cartaz exposto na parede da escola



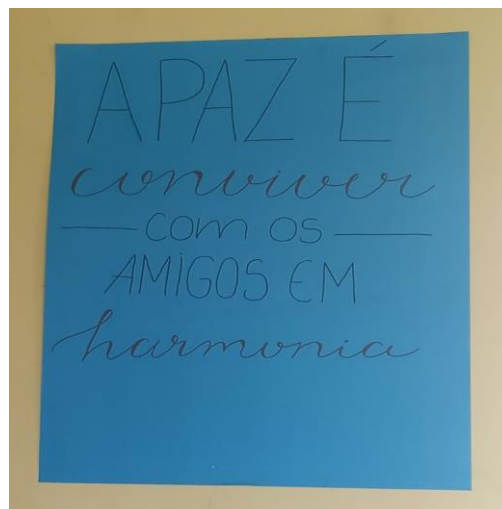
Fonte: Registro da autora

**Figura 13** - Cartaz exposto na parede da escola



Fonte: Registro da autora

**Figura 14** - Cartaz exposto na parede da escola



Fonte: Registro da autora

Nessa segunda atividade ocorreu certa perda de controle, devido alguns alunos em suas atuações assustarem os outros estudantes, pois eles encenaram um ataque na escola e não seguiram o que havia sido planejado com os professores. Com isso, o ambiente escolar fora prejudicado com várias pessoas passando mal, os pais preocupados com a situação e até a veiculação desse ocorrido nas mídias sociais (Instagram e WhatsApp). Assim, observa-se que qualquer atividade que envolva o socioemocional, como essa temática sobre a violência, precisa ter uma boa elaboração, planejamento e execução.

Quanto a terceira atividade, foi desenvolvida por um professor que não fez parte da pesquisa, mas o trabalho feito merece destaque por ter relação com a pesquisa realizada. Essa atividade foi desenvolvida com os alunos de todas as turmas do 1º ano do Ensino Médio, as quais estavam trabalhando, dentro do componente curricular, temas sobre preconceito, discriminação e segregação. As turmas foram divididas em equipes, e cada equipe era responsável por criar uma campanha publicitária (**Figura 15**) de combate aos seguintes preconceitos: racial, religioso, orientação sexual, social, cultural, linguístico, de gênero e de pessoas com deficiências. Em seguida (dado um tempo de 15 dias), as equipes apresentaram suas campanhas em todas as turmas da escola e no intervalo do lanche.

**Figura 15** - Alunos expondo os cartazes sobre preconceito racial



Fonte: Registro da autora

A dinâmica de apresentação não foi igual para todas as equipes, pois ficaram



livres para criar a sua campanha, mas havia a exigência de que fosse apresentada por toda a escola, por isso alguns distribuíram panfletos (**Figura 16**), outros apresentaram nas turmas (**Figura 17**) e outros saíam abordando os colegas para falarem sobre o tema (**Figura 18**).

**Figura 16** - Alunos com panfletos das campanhas



Fonte: Registro da autora

**Figura 17** - Alunos apresentando as campanhas nas salas



Fonte: Registro da autora

**Figura 18** - Alunos distribuindo panfletos



Fonte: Registro da autora

Logo após as apresentações, distribuição de panfletos e os cartazes expostos pela escola, conversou-se com alguns alunos e o professor envolvido nessa atividade, na qual os alunos relataram que o trabalho é importante, pois acontecem muitos preconceitos como estes na sociedade e também na escola. Já o professor, informou que essa intervenção é necessária e precisa se tornar uma rotina praticada não só por ele, mas por todo o corpo docente, pois é uma realidade presente no dia-a-dia, que afeta o convívio em sociedade. Acrescentou ainda que ficou surpreso com o envolvimento dos alunos nessa atividade, que além de agregar conhecimentos, foi importante ouvir relatos dos alunos sobre preconceitos já sofridos e isso trouxe um sentimento de empatia pelos outros, além de ser uma maneira daquele aluno que estava em sofrimento, expor o que o magoava.

Assim, entende-se que intervir pedagogicamente é interessante e mostra resultados positivos, pois à medida que se insere atividades que abordem o tema e que toda a escola possa participar, tornando parte integrante da rotina daqueles alunos, melhor serão os resultados esperados. Nesse sentido, os pesquisados foram questionados sobre quem poderia estar diretamente envolvido no enfrentamento à violência dentro do ambiente escolar (**Quadro 7**), e a maioria respondeu que a escola, a família e o poder público podem conjuntamente estarem envolvidos nesse

processo.

**Quadro 7** - Quais sujeitos devem estar envolvidos diretamente no enfrentamento a violência na escola?

Percepção	Sujeitos que devem estar envolvidos no enfrentamento à violência	Professor	Coordenador
<p><b>Envolvimento dos Pais, Gestão Escolar, Professores e Estado</b></p>	<p>“(…) são os pais primeiramente e principalmente, a gestão escolar, os professores, a equipe pedagógica e principalmente o estado que deve fornecer um profissional qualificado para poder dar assistência e auxílio a todos da escola”;</p> <p>“(…) um conjunto de uma obra, então acho que tanto estudantes, professores, gestores e demais profissionais, acredito que todo mundo tá envolvido diretamente nesse enfrentamento a violência e não deve ser descartado ninguém, já que todo mundo faz parte daquele ambiente, já que todo mundo convive junto nesse ambiente. Então, não tem porque descartar fulano ou ciclano, né? Acho que todo mundo faz parte do todo, né? Claro que cada um com suas limitações, né? Cada um com as suas atividades a serem, a serem realizadas, né? Com suas atividades a serem propostas, mas acredito que todo mundo participa desse ambiente escolar de uma forma ou de outra, ele precisa se envolver nessas questões de enfrentamento com relação a violência”;</p> <p>“(…) acredito que seja um trabalho que envolva todos da escola, a família, a sociedade e o poder público nesse combate à violência nas escolas”;</p> <p>“(…) eu acho que a escola e a família. Elas têm que andar juntas, elas têm que ser alinhadas, né? Elas têm que andar alinhadas, não adianta só a escola fazer a parte dela e a família não fazer. Tem que estar junto os dois. Tem que se unir e trabalhar pra</p>	03	01

	que acabe”;		
<b>Necessidade de Profissionais Especializados</b>	“Eu penso que o poder público deveria dar mais atenção especial para as escolas, no sentido de que as escolas tivessem um profissional, um psicólogo pra tá acompanhando aqueles alunos de forma mais efetiva, já que muitos casos de violência partem, por conta de alguns fatores, como o bullying, a depressão e isso acaba acarretando esses tipos de violência. Então, acho que deveria ser desenvolvido políticas públicas onde pudessem melhorar esse atendimento dentro da comunidade escolar, com objetivo de mitigar aqueles problemas psicológicos que os alunos passam”.	01	—

FONTE: Elaborado pela autora

Partindo dessas respostas, entende-se que o enfrentamento à violência nas escolas requer a colaboração de toda a comunidade escolar, bem como do poder público através da criação de políticas públicas que fomentem o combate e a prevenção desse fenômeno. Essas narrativas podem ser situadas a partir do referencial teórico, no qual Ribas e Ribas Júnior (p.17, 2004) afirmam que:

A abertura e o fortalecimento de caminhos para a prevenção da violência dependem da participação de todos os agentes escolares – diretores, professores, alunos, funcionários e pais – na construção de relações sociais mais solidárias, cooperativas e prazerosas. Ao mesmo tempo, as ações das escolas precisam ser apoiadas por todas as instâncias do governo, dos poderes legislativo e judiciário, e da sociedade civil.

Além disso, outra fala analisada é a preocupação em se trabalhar com o socioemocional dos estudantes através de profissionais da área da saúde, como psicólogos, pois os problemas de ordem psicológica têm atingido com muita frequência os adolescentes e jovens. Segundo notícia veiculada na Nações Unidas Brasil (2018), a Organização Mundial da Saúde – OMS afirma que entre os adolescentes, a maioria dos transtornos mentais não é diagnosticada, muito menos tratada. A depressão é uma das principais causas de adoecimento e deficiência entre os jovens. Ela estima que o suicídio é a segunda maior causa de morte entre indivíduos de 15 a 29 anos de idade.

Nessa perspectiva, reitera-se a importância de se buscar alternativas em

parceria com a escola, a família e o poder público no enfrentamento da violência no ambiente escolar, e conseqüentemente haverá a promoção da saúde e a prevenção de ações violentas nesses espaços, corroborando com a seguinte afirmação de Avanci; Ferreira (p. 193-194, 2010):

A 'promoção da saúde e da qualidade de vida' nas escolas está muito relacionada à ideia de prevenção da violência. No entanto, ultrapassa essa proposta, pois visa, principalmente, a fortalecer os fatores de proteção perante as adversidades da vida, a estimular as potencialidades de cada estudante e a promover o autocuidado e a ajuda mútua. Requer que os indivíduos, as famílias, os grupos e a sociedade se responsabilizem e se comprometam em adotar um estilo de vida saudável, um comportamento de responsabilidade e cuidado mútuo entre si e com o meio ambiente.

Seguindo com essa linha de pensamento sobre o enfrentamento à violência, questiona-se os colaboradores da pesquisa sobre o papel da Escola, do Estado e da Sociedade Civil (**Quadro 8**) na prevenção e combate dessas ações. Os professores enfatizam a importância de ações práticas de conscientização que envolvam a escola, a família e o Estado, a motivação crítica acerca da realidade, a estimulação do protagonismo juvenil entre os estudantes e a promoção de atividades lúdicas e esportivas. Também destacam a elaboração e aplicabilidade de políticas públicas voltadas para este fenômeno recorrente na sociedade, principalmente na escola. Além desses, é relevante também a valorização do profissional da educação e de todos os funcionários da escola, como também a melhoria na estrutura escolar.

**Quadro 8** - Qual o papel da escola, do estado e da sociedade civil em relação ao enfrentamento a violência na escola?

<b>Percepção</b>	<b>Papel da Escola, do Estado e da Sociedade Civil</b>	<b>Professor</b>	<b>Coordenador</b>
<b>Ênfase na Ação Prática</b>	<p>“O papel da sociedade, da escola, eu acho que é acabar com a violência, né? (...). Então só colocar no papel, só fazer uma palestra, alguma coisa não adianta, tem que ter uma coisa mais energética”;</p> <p>“Eu acredito que trazendo, fazendo esse jovem ser mais reflexivo, trazendo debates, criando campanhas, assembleias (...).”;</p> <p>“(...) através de passeatas, né? Através de abaixo assinado vai conseguir tentar mudar alguma coisa”;</p> <p>“(...) proporcionar atividades</p>	<b>04</b>	—

	esportivas, lúdicas e técnicas para o aluno ficar mais ligado a escola e desenvolver projetos que ajuda ele na carreira pessoal e profissional, para tentar diminuir esses índices de violência”.		
<b>Envolvimento e Contribuição de Múltiplos Atores (Escola, Família, Estado e Sociedade Civil)</b>	<p>“Eu acredito que a escola, família e Estado podem trabalhar juntos pra combater a violência”;</p> <p>“(…) assembleias envolvendo pais e alunos, eu penso que poderia sim diminuir, ou então, melhorar a questão da violência na escolar”;</p> <p>“(…) eu acho que o corpo docente como o todo, gestão, todos têm que tá unidos, de mãos dadas para que possam resolver, seja através de palestras, seja através de formações, (...) e a sociedade civil precisa dar apoio para que a lei seja cumprida (...)”;</p> <p>“(…) a sociedade civil, que ela possa contribuir através de apoio à escola, participando das ações quando for convidada e de fazer propagandas de combate, conversas e também se oferecer na montagem de grupos de apoios em diversas áreas que precisam de muita atenção”.</p>	<b>04</b>	<b>01</b>
<b>Ênfase na Conscientização</b>	“(…) conscientizar os alunos, motivar o aluno a ser mais crítico em relação a essa temática, fomentar aquele protagonismo estudantil com o objetivo de ensinar como reagir diante dessas situações, eu acho que é nesse sentido”.	<b>01</b>	—
<b>Importância de Políticas Públicas</b>	“Com relação ao papel do estado no enfrentamento a violência escolar, eu acredito que precisa é ter políticas públicas melhores e mais efetivas, para que possam auxiliar na questão de formação da base familiar, ir lá na origem mesmo do problema. Na minha opinião, conseguir "corrigir" essa questão da violência na escola, então o Estado precisa elaborar políticas públicas melhores, leis melhores, que	<b>01</b>	—

	possam dar base, né? E proteger tanto o profissional de educação, quanto todos que participam dessa comunidade que infelizmente tá muito em falta”.		
<b>Enfoque Financeiro</b>	“O papel do estado para enfrentamento da violência escolar é o financiamento pesado com recursos para melhorar a estrutura da escola e o pagamento digno do salário dos professores e dos demais colaboradores da escola, como serventes, a própria vigilância e também as cozinheiras. (...) necessita de apoio financeiro do estado e também do governo federal”.	<b>01</b>	—

Fonte: Elaborado pela autora

A maioria dos colaboradores da pesquisa enfatizam que são necessárias diferentes ações, em parceria entre a Escola, Família e Estado no enfrentamento à violência. Essas narrativas remetem ao referencial teórico desta pesquisa, quando se aborda sobre a função social da escola, onde simboliza um ambiente diversificado socialmente, politicamente e culturalmente, que vai além da construção de conhecimentos, tornando-se um local de socialização e compreensão de mundo. Conforme as ideias de Abromovay (2009), as quais afirmam que a escola é um local de formação do cidadão, de construção de um sujeito social.

Com essa perspectiva, entende-se que é preciso alinhar essas instâncias socializadoras às mudanças sociais que buscam a prevenção da violência nas escolas, no sentido de que cada uma entenda a sua função, o seu papel dentro dessa luta. Assim, Abromovay (p. 153, 2009) considera que “a aproximação dos familiares com a instituição escolar pode derivar no fortalecimento de uma ação conjunta para tratar das eventualidades cotidianas, as quais muitas vezes atingem as duas esferas e a elas imprime uma série de dificuldades”. Logo, percebe-se a importância dessa conexão Família, Escola e Estado (através das políticas públicas), e da sociedade para a elaboração de ações mais eficazes para a conscientização e a efetivação das eventuais providências ao enfrentamento à violência.

Outra questão abordada nas respostas dos pesquisados foi o investimento

financeiro nas instituições de ensino, bem como na melhoria salarial dos professores e funcionários da escola. Esse investimento, de fato, ajuda até na aplicabilidade de ações que possibilitem uma maior interação entre os alunos dentro e fora da escola, e também o acesso da sociedade à escola, como mencionado por um dos entrevistados: “por meio desses investimentos poder proporcionar atividades esportivas, lúdicas e técnicas para o aluno ficar mais ligado a escola e desenvolver projetos que ajuda ele na carreira pessoal e profissional, para tentar diminuir esses índices de violência” (Colaborador 2)<sup>14</sup>.

Assim, compreende-se que é necessária uma rede de apoio familiar, escolar, financeiro e legal para a prevenção e combate à violência nas escolas. Mas esfera da realidade, em casos de ocorrências, ou percepções de violência nesse espaço, qual seria o papel do professor, do coordenador e do gestor? (**Quadro 9**). Esse foi o questionamento seguinte aos entrevistados, no sentido, de entendermos quais as dimensões de seu lugar e do lugar do outro dentro desse contexto.

**Quadro 9** - Na sua opinião, qual é o papel do professor/coordenador/ gestor diante da violência e do seu enfrentamento na escola?

<b>Percepção</b>	<b>Papel do professor/ coordenador/ gestor diante da violência e do seu enfrentamento</b>	<b>Professor</b>	<b>Coordenador</b>
<b>Papel do Professor</b>	“(...) ele tem que ter um olhar diferenciado, ele não pode simplesmente dar aula dele e sair. Ele tem que observar se está acontecendo alguma coisa ali, se tem algum aluno, é triste se ter um aluno cabisbaixo. Se tem um aluno que está, a gente não pode fazer ouvido de mercador. A primeira coisa é você cortar o mal pela raiz, observou alguma coisa, um falar estranho, você é tentar reverter aquela situação, se notar alguma coisa mais séria”; “(...) é o primeiro que irá agir, ele tem que ser um profissional neutro, isento de qualquer lado e tentar harmonizar e encontrar uma possível saída, dependendo do	<b>04</b>	—

<sup>14</sup> Para facilitar a escrita da análise dos dados desta dissertação, nomeamos os colaboradores da pesquisa em: os professores são Colaboradores 1, 2, 3 e 4, já o coordenador é o colaborador 5.



	<p>problema, porque tem problema que ele só vai reagir pra tentar salvar, ou evitar qualquer ação contra ele e contra os demais alunos”;</p> <p>“O professor, acho que ele vai exatamente conseguir ser o primeiro a observar o que está acontecendo eventualmente dentro da sua sala de aula, já que ele é que passa a maior parte do tempo ali, junto àqueles estudantes. Então, se ele for observador, se ele estiver disposto a acompanhar essa questão de sala de aula, ele vai conseguir observar os estudantes que estão, ou não com problemas com relação a essa questão de violência, tanto dentro da escola, quanto fora dela, que acaba levando também, levando para o ambiente escolar”;</p> <p>“(…) conscientizar juntamente com o professor, porque ele sabe que dentro desse ambiente escolar há diversos tipos de violência”.</p>		
<b>Papel do Coordenador</b>	<p>“(…) chamar os pais, conversar com os pais (...)”;</p> <p>“(…) o do Coordenador é tentar agir mais rápido sabendo identificar as consequências e a ação da agressão à vítima e o agressor, e tentar mediar o diálogo entre eles e tentar resolver, e tentar ajudar ambas as partes da melhor maneira possível”;</p> <p>“(…) coordenador vai o quê? Vai exatamente começar a fazer um link entre escola e família, né? (...) E de tudo que tá acontecendo com esse estudante, é poder trazer o familiar para uma conversa”.</p>	<b>03</b>	—
<b>Papel do Gestor</b>	<p>“(…) e a direção geral, né? é que saiba punir, né? Das diversas formas”;</p> <p>“(…) e o gestor seria tentar resolver de forma aplicando os regulamentos do Estado e da escola de forma eficiente e efetiva, sem deixar</p>	<b>03</b>	<b>01</b>

	<p>nenhuma margem dúbia, para que não possa ocorrer novamente”;</p> <p>“(…) e ao gestor, porque querendo ou não, ele precisa seguir as diretrizes e normas da própria escola, ele vai fazer o link até se essa denúncia precisar ser feita do conselho tutelar (…) E cumprir o regimento escolar que ele deveria saber muito bem do que se trata, né? E dos principais objetivos do mesmo pra que melhore o ambiente aqui dentro da escola”;</p> <p>“Em nossa escola, quando nós tivemos essa situação de violência física, o aluno envolvido foi chamado pela gestão, logo em seguida nós entramos em contato com a família, (…) depois disso, solicitamos a presença dela na escola, após isso, nós reunimos o trio gestor para, a partir daquele momento, tomar as providências necessárias para resolver aquela situação específica. Além disso, nós chamamos a ronda escolar (…)”.</p>		
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

Nas narrativas citadas acima, percebe-se que todos reconhecem, ou pelo menos pensam como deveria ser o seu papel em ocorrência de violência na escola e o enfrentamento à violência, assim como a maioria também aponta como deveria ser o olhar do outro, pautado em cada função específica. Assim, entende-se que a percepção dos professores, estão pautados, neste estudo, nas ideias de Priotto (2011), o qual afirma que o professor precisa estar atento e preparado para esses tipos de situações.

Já com relação ao papel do coordenador e do gestor, observa-se que é mais voltado à aplicação da legislação vigente e às tratativas com a família, cabendo a eles intermediação de conflitos internos e externos à escola. Além disso, foram mencionadas a busca por parcerias, como a ronda escolar, de modo que seja uma alternativa viável de combate e prevenção da violência por meio de ações, tais como palestras e fiscalização no ambiente escolar.

Diante das colocações dos colaboradores em relação ao seu papel e dos

demais atores escolares, entende-se que é pertinente se caminhar para o aprofundamento desses conhecimentos acerca da violência, por meio de formações internas e externas, com o auxílio de parcerias firmadas em busca do combate e o cultivo da cultura de paz nas escolas.

## 6.2. Constituindo contextos de formação: os diálogos e práticas como recurso significativo dos dados da pesquisa

Com a intenção de reflexão sobre o processo de formação docente, neste momento se inicia os questionamentos voltados para essa análise, logo se acredita que a formação pautada na criticidade e na reflexão, garantem condições essenciais para qualificar a prática docente. Assim, alcança-se mais uma parte desta pesquisa, a qual através das informações obtidas e a ajuda prestada pelos colaboradores da pesquisa, poder-se-á pensar em uma intervenção desejada e aplicada pela escola.

Desse modo, a fim de entender melhor a percepção dos entrevistados acerca da importância de se trabalhar o tema violência e o enfrentamento da mesma, foram realizados questionamentos, propositalmente sobre a relevância de estudar o tema, e ademais, perguntas sobre se já participaram na escola de algum encontro que abordasse a questão da violência (**Quadro 10**).

**Quadro 10** - Você considera importante estudar sobre essa questão? Já participou na escola de algum encontro em que o tema da violência foi abordado?

Colaborador	Considera importante estudar sobre a violência/ Já participou de algum encontro sobre o tema?	Frequência de Apontamentos
<b>Professor</b>	<p>“Sim, considero importantíssimo estudar e abordar sobre a violência. (...) já participei de uma passeata em outra escola.”;</p> <p>“Sim, eu considero importante estudar sobre o tema. (...) participei de uma caminhada de Combate à Violência contra a Mulher, no ano de 2019, na qual a escola foi convidada a participar.”;</p> <p>“É importante, a gente deve estudar a respeito desse tema. (...) já participei de uma palestra sobre a Lei Maria da Penha em 2016, mas em outra escola.”;</p> <p>“Sim! (...) Já participei, mas a escola precisa atuar mais, ela realmente precisa desenvolver mais ações”.</p>	04

<b>Coordenador</b>	“Sim! Eu acredito que eu não tenho formação suficiente para lidar com os vários tipos de violência que existe, e gostaria de ter uma formação nesse sentido para conhecer um pouco mais.	01
--------------------	--	----

FONTE: elaborado pela autora

Todos os entrevistados expressam a relevância de estudar sobre a violência na escola. Essa consciência da importância sugere um reconhecimento da necessidade de compreensão e uma maior abordagem sobre a questão, bem como mais ações no ambiente escolar. Assim, ao se perguntar sobre a participação dos colaboradores da pesquisa em atividades/ações sobre a violência, a maior parte deles já participaram de atividades relacionadas à violência, como passeatas, caminhadas e palestras. Porém, por mais que essa participação ativa seja um engajamento pessoal no combate à violência, constata-se que não há ações feitas propriamente pela escola, tanto internamente, quanto externamente. Apenas um entrevistado relata ter participado de uma passeata, em que a escola foi convidada, já os demais participaram de atividades desenvolvidas por outras escolas.

É importante destacar a fala de um dos colaboradores ao discorrer sobre a necessidade de acrescentar no currículo escolar ações que envolvem a temática, principalmente sobre o *bullying*:

**C4:** [...] a escola precisa atuar mais, ela realmente precisa desenvolver mais ações, é, conscientizar o aluno, pois trabalha ali só por um determinado período, não é algo que ele é recorrente durante o ano, né? Principalmente a questão de bullying, colocar mais cartazes, enfatizar, ressaltando para que os alunos, estar aquilo ali visível, e o aluno possa tá tendo uma consciência, lendo aqueles informativos.

Reitera-se que essa temática se situa nos conteúdos transversais relativos ao currículo escolar, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1997), mais precisamente quando aborda o tema da cidadania. No entanto, percebe-se nos diálogos, que as ações feitas para trabalhar o tema com os alunos não são feitas de forma sistemática e constante, como uma ação desenvolvida pela escola, mas sim de trabalhos pontuais de alguns professores, ou como tarefa a ser cumprida a pedido da Secretaria de Educação.

Outro ponto de destaque é a explanação de outro colaborador sobre a consciência da necessidade de estudo mais constante e abrangente, não apenas da

violência, mas também sobre outras questões:

**C3:** [...] é importante, a gente deve estudar a respeito desse tema, né? Não só desse como de tantos outros que acabam fazendo parte ali do mesmo conjunto, né? Então a gente precisa estudar respeito dessa questão de violência na escola, sobre preconceito, né? Sobre direitos e deveres e por aí vai.

Além deste, observa-se no relato de outro participante, a falta de confiança em abordar essa questão e reconhece a necessidade de uma formação para lidar com os vários tipos de violência. Isso evidencia o que se propõe neste estudo, como uma das possibilidades na busca ao enfrentamento à violência, que é a formação docente.

A formação docente figura como um instrumento eficaz, para que os professores possam aprimorar e construir novos saberes. Desse modo, indagou-se os entrevistados acerca da formação docente sobre o fenômeno da violência (**Quadro 11**), a fim de que se construa uma proposta de intervenção que se adeque à realidade da escola.

**Quadro 11** - Você entende, por meio de encontros de formação que abordem esse tema, que os professores e as escolas poderiam abordar de forma consciente a violência no ambiente escolar e seu enfrentamento?

Percepção	Encontros de Formação sobre Violência Escolar	Professor	Coordenador
<b>Importância da Formação em Diferentes Abordagens</b>	“(...) eu acho que não tem que ser só o encontro de formação, (...) tem que ter rodas de conversa, tem que ter formação, tem que ter um bate-papo. A pessoa tem que saber é o que é aquilo em primeiro lugar, né? Entender aquilo, entender o outro, né? Ser mais empático com relação ao outro, então eu acho que antes de ter qualquer coisa, a gente tem que se informar daquele assunto.”; “Eu considero importante os encontros formativos realizados dentro da escola para os professores e a gestão a lidar e a identificar os possíveis e variados casos de violência escolar (...).”; “Eu acho que a formação, ela é fundamental sobre diversos temas, né? Pra você conseguir debater a respeito, pra você aprender é sobre aquilo que tá sendo a formação,	04	01

	<p>estudar nunca vai ser de menos, acho que sempre vai ser importante, e quanto mais você aprende, mais você se torna uma pessoa melhor, um profissional melhor, traz experiências que você pode utilizar no seu dia-a-dia.”;</p> <p>“Desde que tenha uma formação, tenha um conhecimento, mas seria muito válido ter uma pessoa (...);”</p> <p>“De certa forma sim, as formações sempre nos ajudam, trazem algum conhecimento a mais, mas assim, quando a gente passa pela situação, vivencia aquele momento é que a gente vai saber como lidar (...).”</p>		
<b>Auxílio de Um Profissional Especializado</b>	<p>“(...) só que não é possível tratar, isso requer um profissional qualificado e que tenha experiência na área.”;</p> <p>“(...) uma pessoa, né? Com bastante propriedade para debater essa questão.”;</p> <p>“(...) se a gente não tem formação suficiente, a gente busca as pessoas especializadas que tem esses conhecimentos, até para que elas nos auxiliem”.</p>	02	01

FONTE: elaborado pela autora

Todos os entrevistados relatam a importância de formações continuadas, e além destas outras abordagens que possam auxiliar no (re) conhecimento e aprofundamento sobre a temática aqui abordada. Consubstanciando com a defesa teórica de Imbernón (2011), Nóvoa (1992), Shõn (2000), Pappi (2005) e André (2016), os quais afirmam que a formação docente é a ação de qualificar o docente, no sentido de lhe propiciar uma prática social crítica e reflexiva acerca do seu fazer docente. Nesse sentido, entende-se que a formação continuada é um requisito essencial para a ampliação de conhecimentos do professor, e ainda pode auxiliar nesse processo de enfrentamento à violência.

Além disso, a formação continuada também é importante para a adaptação e o aprimoramento dos profissionais da educação, pois ao longo do tempo, o processo de formação docente perpassou por diferentes entendimentos, devido as

modificações históricas e sociais, a qual atualmente sobre o seu entendimento, está mais voltada para o professor com uma visão crítica e reflexiva acerca de sua prática. Assim, Tardif (2002) aborda sobre a complexidade da formação docente, destacando a importância de se ter uma relação entre teoria e prática desde a formação inicial, bem como de uma formação contínua que promova a autonomia e a adaptação do professor diante das demandas que possam ocorrer no contexto educacional, como por exemplo a violência.

Nesse entendimento, algumas narrativas dos colaboradores da pesquisa apontam para a necessidade de profissionais especializados para lidar com determinados temas, que muitos não têm propriedade para lidar, como a temática em questão nesta pesquisa. Isso se relaciona com o entendimento de que o professor e a escola sozinhos não são capazes de solucionar determinadas questões, como a da violência de maneira isolada, mas com uma teia de colaboração, tanto com os membros pertencentes à escola, quanto com os parceiros que a escola pode ter, ou alcançar ao longo das trajetórias e necessidades da mesma.

Assim, dialogando especialmente com a visão de uma formação docente pautada numa concepção crítico-reflexiva, compreende-se que através da observação acerca de seu trabalho e do cotidiano escolar, o professor pode deliberar algumas necessidades a serem trabalhadas nesses encontros. Nesse sentido, indagou-se sobre a organização de uma formação, no que diz respeito à violência, tais como: quais conteúdos podem ser trabalhados? Quem deveria participar? E quem poderia ser o formador? (**Quadro 12**), para ampliar o repertório e a compreensão da realidade, por meio das narrativas dos sujeitos pesquisados.

**Quadro 12** - Como poderia ser organizada essas formações na escola em relação aos seguintes aspectos: tipos de conteúdos a serem abordados? Quem deveria participar? Quem deve se constituir como formador desses espaços?

<b>Percepções</b>	<b>Organização de Uma Formação sobre A Violência</b>	<b>Professor</b>	<b>Coordenador</b>
<b>Tipos de Conteúdos</b>	“Acho que vários assuntos poderiam ser abordados. Com relação a todo tipo de violência, bullying, é acho que, né? Sobre valores, respeito, gentileza. Eu acho que respeito é o maior de todos, esses têm que ser os	04	—

	<p>mais abordados (...);</p> <p>“(...) tipos de violência, a inexistência de estrutura familiar, a falta de acolhimento familiar, respeito, empatia, drogas, sexualidade, ansiedade, depressão, a relação entre professor e também, não poderia deixar faltar, a relação do aluno com a tecnologia e as redes sociais.”;</p> <p>“(...) os temas da violência nas escolas, questão de identidade, gênero, direitos humanos, sexualidade, combate à depressão e ansiedade, síndrome do pânico, são os males do século 21, problemas juntos as redes sociais, seus benefícios e malefícios.”;</p> <p>“(...) os conteúdos que seriam abordados, seriam os tipos de violência escolar (...)”.</p>		
<b>Participação</b>	<p>“(...) todos deveriam participar na escola (...);</p> <p>“(...) quem deveria participar são os alunos, o principal foco da formação, os professores, a gestão e também os demais colaboradores (...);</p> <p>“(...) acho que deveria ser aberto aos profissionais de educação, comunidade tanto dentro da escola, quanto fora da escola. Acho que não é uma questão que não se individualiza somente na escola, mas com toda comunidade que faz parte da sociedade, precisamos ser que entendam do assunto (...);</p> <p>“(...) penso que todas as pessoas deveriam tá participando, e assim, por exemplo, selecionar um grupo de professores, alunos, toda a comunidade escolar teriam a oportunidade de participar desses encontros (...).”.</p>	04	—
	<p>“(...) quem deveria dar é, ou o psicólogo, ou psicopedagogo (...);</p> <p>“O formador deve ser um profissional qualificado, um psiquiatra, um psicólogo e um pedagogo que tenha</p>		



<b>Formador</b>	<p>experiência de conflitos entre família, na escola e também da violência da sociedade em geral. E também a participação de uma parte da polícia civil, militar e federal.”;</p> <p>“(…) os profissionais que fariam essa formação. São profissionais que entenderiam do assunto, como psicólogos e até mesmo professores que já tenham formação dentro dessas áreas, e palestrantes que experienciaram esses momentos e que possam compartilhar essas experiências, e podemos compreender por meios das experiências que o outro passou, as formas que ele utilizou para superar aqueles problemas e com relação a participação (…);</p> <p>“(…) eles deveriam ser ali ministrados por uma pessoa que tivesse uma bagagem, um conhecimento, uma propriedade daquele tema para ministrar aquela formação, e penso que é algo que precisa ser realmente efetivado pra que aquele aluno, ele estar diante daquelas informações e aquilo ali possa tá penetrando na mente dele, o quanto é importante nós sabermos nos comportar diante de uma situação dessa”.</p>	04	—
-----------------	---	----	---

**FONTE:** Elaborado pela autora

A partir das falas dos professores, constata-se que há uma necessidade de aprofundamento a respeito de temas pouco debatidos na escola, que são considerados temas delicados de se trabalhar, porém necessários. Por isso, eles optaram por citar alguns conteúdos para aperfeiçoamento, como os diferentes tipos de violência, dando ênfase ao bullying, direitos e deveres, valores, sexualidade, gênero, ansiedade, depressão, entre outros.

Essas narrativas levam ao nosso referencial teórico, ao se destacar que uma das possibilidades de enfrentamento à violência é uma formação relacionada a essa temática, pois é preciso que os professores se apropriem de pautas mais abrangentes, pois estão inseridos em um ambiente diverso culturalmente, socialmente e economicamente, e que precisa haver respeito e valorização de

todos.

Por conseguinte, em suas falas percebe-se que debater esses temas é uma carência no cotidiano escolar, visto que houve um crescimento de casos e/ou melhorou a percepção dos professores com relação ao aluno, e aos tratamentos entre os alunos. Entretanto, necessitam de mais compreensão, para que possam lidar com as ocorrências de casos que envolvam qualquer tipo de violência na escola.

Nessa concepção, entende-se que a formação continuada precisa ser pensada, elaborada, levando em consideração as realidades de cada local, para que se possa utilizar como uma ferramenta que possibilite uma transformação do professor, e possibilite formar um ser autônomo e atuante. Consubstanciando com a defesa teórica, Vituriano (p.38, 2008) afirma que “(...) as instituições promotoras organizem os processos formativos em perspectivas de continuidade, considerando a experiência dos educadores, suas práticas cotidianas e seu contexto de trabalho como ponto de partida da formação”.

Outro ponto questionado foi com relação à participação, quem deve participar das formações? Diante disso, a maioria dos colaboradores da pesquisa responderam que toda comunidade escolar deveria participar, incluindo as famílias nesse contexto, bem como deixaram claro que os estudantes também devem fazer parte dessa formação, em busca de um melhor entendimento e análise da questão investigada.

Isso remete a uma reflexão, que é preciso trazer para o foco da investigação, o aluno, pois ele faz parte desse processo, ou como autor, ou como vítima. A esse respeito, Lima (p.90, 2012) discorre que “atualmente, nas pesquisas acadêmicas, há uma preocupação de se ouvir o que os alunos têm a dizer sobre violência e não somente dando ênfase ao olhar do professor”. No entanto, durante as observações e abordagens, os casos mais recorrentes de violência na escola é o bullying. Com isso, entende-se que formar os professores é ampliar conhecimentos, pois “(...) é fundamental garantir bons formadores” (Vituriano, p. 38, 2008), para que eles sejam autônomos e atuantes mediante as adversidades do cotidiano escolar.

Nesse sentido, quem poderia, para os colaboradores da pesquisa, se constituir como formador? Em suas falas citam psicólogos, psiquiatras, pedagogos, psicopedagogos, policiais de diferentes instancias e outros professores que tenham formação dentro da área. Assim, percebe-se que os professores se inserem nesse

contexto, desde que tenham propriedade para trabalhar com o tema. Isso aponta um aspecto positivo, pois não se opõem a discutir e resolver situações que possam ocorrer na escola, divergindo parcialmente de uma das autoras mencionadas no referencial teórico, no qual Maciel (2015) aponta que em ocorrências de atos violentos, as partes pertencentes à comunidade escolar, deixam de assumir as parcelas de suas obrigações e ainda não se reconhecem enquanto coparticipantes nesse processo.

Por outro lado, quando os entrevistados citam outras possibilidades de formadores não pertencentes à escola, entende-se que é preciso se pensar em parcerias, pois a escola sozinha não consegue resolver todas as demandas relacionadas aos casos de violência. Em consequência disso, perguntou-se aos participantes se eles acreditam que poderia haver diálogos com outros profissionais e instituições fora da escola para trabalhar acerca do tema (**Quadro 13**), e logo se pontuou que as parcerias são relevantes na busca do combate à violência escolar.

**Quadro 13** - Você acha que há possibilidade de dialogar com outros sujeitos exteriores a escola para enfrentamento da violência? Se responder sim, quais seriam?

Colaborador	Possibilidade de dialogar com outros sujeitos externos à escola para o enfrentamento à violência	Frequência de Apontamentos
Professor	<p>“Sim! (...) exemplo das palestras de policiais, (...) falar também das drogas, né? Que elas, a violência e as drogas andam juntas, eu acho que palestras de psicólogos, psiquiatras também podem ser interessantes, psicopedagogos também seriam interessantes”;</p> <p>“Sim, (...) a própria polícia municipal, a polícia militar, a polícia federal, a comunicação do estado com a escola no setor de marketing, e também a participação do setor de saúde da rede pública municipal e estadual”;</p> <p>“Sim! (...) psicólogos, psiquiatras, né? Profissionais da segurança pública e até mesmo professores universitários, que muitas vezes a gente esquece, os profissionais da medicina também poderiam participar perfeitamente disso. E o pessoal da assistência social que trabalha com isso diariamente, né? Principalmente junto a questão de relações públicas e por aí vai, né?”</p> <p>“Sim! (...) Os órgãos competentes dar suporte para que os professores possam tá trabalhando dentro do ambiente interno, ações essas,</p>	04

	efetivas, plausíveis e que tenha resultados”.	
<b>Coordenador</b>	“Sim! Eu acredito que quem possa falar sobre violência e trabalhar com essa temática sejam os psicólogos. Eu acredito que eles são os profissionais capacitados e preparados pra essa formação”.	01

**FONTE:** Elaborado pela autora

As narrativas dos colaboradores da pesquisa, de modo geral, evidenciam que há a aceitação e a necessidade de dialogar com outros atores externos à escola, logo eles não se sentem apropriados suficientemente para lidar, ou mediar situações que envolvam qualquer tipo de violência que pode ocorrer na escola. Essas falas remetem a de haver formações específicas, logo:

[...] a formação possui um papel relevante na preparação dos professores para refletir e trabalhar com a diversidade cultural no contexto escolar, a partir da criação de espaços que permitam a efetivação da escola como um local em que as diferentes identidades são respeitadas, valorizadas e consideradas (Maciel, p, 33-34, 2015).

Além das formações continuadas, compreende-se que as parcerias externas à escola efetivam uma função essencial em busca do enfrentamento à violência, pois nos ofertam recursos adicionais, como por exemplo, parcerias com as instituições governamentais, com as ONGs (Organizações Não Governamentais), com órgãos que podem auxiliar com recursos financeiros, materiais e humanos, para serem utilizados na construção de conhecimentos e elaboração de Programas de prevenção; também diferentes experiências, tais como profissionais que lidam diariamente com questões que envolvem casos de violência, como os assistentes sociais, psicólogos e profissionais da segurança pública; e outras perspectivas podem ser o desenvolvimento de campanhas e programas que envolvam toda a comunidade escolar em busca de uma cultura de paz nas escolas.

Outra perspectiva evidenciada na pesquisa é acerca do tipo de parcerias, sobre as quais os entrevistados pontuam a necessidade de trazer psicólogos para lidar, ou auxiliar nessas abordagens, pois fica em voga a noção de que a ocorrência de atos violentos tem haver como o socioemocional dos alunos, professores, família e outros atores. Esse fato foi notado em diversos momentos, durante a presença dos pesquisadores na escola, tanto nas observações das atividades realizadas, quanto nas conversas e entrevistas, em que os pesquisados citavam constantemente que

era primordial a presença desses profissionais na escola, visto que há muitos alunos passando por situações de vulnerabilidade, inclusive com casos de violência, citado pelo colaborador 5:

**C5:** [...] nós tivemos algumas situações de estudantes que sofreram algum tipo de violência e aí numa roda de conversa com o psicólogo, elas conseguiram se abrir, falar sobre esse trauma causados sobre esse tipo de violência e a profissional ela sabe lidar muito bem, ela acolhe, ela escuta, ela já tem a vivência e a experiência nesse sentido e aí ela sabe fazer os encaminhamentos, as abordagens pra esse tipo de situações. Eu acredito que o psicólogo seja o profissional capacitado pra isso, lógico que a escola, nesse tipo de violência que tô falando específico das meninas que foram abusadas, a escola acolhe, a escola escuta, mas nós não temos a capacitação pra saber lidar com essas situações, mesmo porque quando a gente ouve, muitas vezes ficamos sensibilizadas e até sem saber o que fazer nesse tipo de situação.

Outra parceria citada foi a presença da polícia na escola, não de forma repressiva, mas através da oferta de palestras sobre o tema e sobre as drogas. Essa é uma problemática mencionada anteriormente pelos entrevistados, mas pouco aprofundada por eles. No entanto, à luz do referencial teórico, alguns estudos apontam que a violência escolar, segundo Priotto; Boneti (2009), pode ocorrer devido a diferentes fatores como exclusão social, tráfico de drogas, a ausência de oportunidades, a exposição midiática, a ocasionalidade e a falta de perspectivas de futuro daquele jovem.

Desta forma, entende-se que enfrentar a violência e buscar uma cultura de paz nas escolas, perpassa por uma colaboração de todos, seja da escola, da família, do entorno e das parcerias em diversas instâncias. Assim, reconhece-se que os professores, nesta pesquisa, são cruciais para as mudanças necessárias, pois mostram que esse caminho pode ser possível, por meio de atividades já implementadas na escola, como demonstrado aqui no resultado, porém necessita de apoio de toda a escola e da família, para que essas atividades tenham a efetividade necessária, além das possibilidades de parcerias com psicólogos, assistentes sociais, pesquisadores, segurança pública, dentre outros.

A partir dessas reflexões, finaliza-se as entrevistas com a seguinte pergunta: “Gostaria de acrescentar algo a mais sobre a violência na escola e o seu processo de enfrentamento?”, para que os entrevistados ficassem livres para discorrer sobre suas perspectivas e opiniões. Todavia, dos cinco colaboradores da pesquisa, apenas três responderam este questionamento.

O colaborador 1 destacou a importância de agregar ao currículo atividades

com essa temática para serem trabalhadas anualmente, pois de acordo com a sua experiência, os casos de violência só aumentam: “A violência na escola seja trabalhada rotineiramente todos os anos e que não seja só um ano específico, né? Que seja todos os anos, porque uma coisa que só aumenta (...)”. Essa narrativa nos remete ao referencial teórico, ao se abordar a importância da construção do currículo escolar condizente à realidade de cada localidade, para além das propostas oficiais, mas vale ressaltar que, dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), já existe a proposta de se trabalhar com o tema Cidadania, podendo incluir na discussão a temática da violência. Porém, nota-se que ainda não é suficiente para a realidade.

Ainda relatou sobre uma atividade realizada em sala de aula, no que diz respeito à violência contra mulheres pretas, por meio da tertúlia sobre o livro, *Olhos d'água*<sup>15</sup>, no qual foi debatido e refletido sobre a temática, sob forte sensibilização de todos, e o colaborador 1 ainda chama a atenção para que essas discussões precisam ser feitas constantemente:

**C1:** Por exemplo, eles leram agora esse livro Olhos d'água, e eles ficaram impactados, foi um livro que trouxe tanta coisa boa. Tem muita violência no livro com relação as mulheres pretas e como eles ficaram sensibilizados com isso, então isso é legal! Eles choraram lendo o livro e eles viram que é triste essa situação da violência. Nele era mais referente as mulheres pretas, mas tem que ter essas coisas, por exemplo, uma tertúlia dessa foi um momento em que eles se propuseram a pensar, a refletir. Então, sempre tem que ter discussões todos os anos e isso não pode ser esquecido e jogado para debaixo do tapete.

O colaborador 2 pontua a necessidade de incluir na pesquisa que a inexistência da estrutura familiar contribui para os casos de violência na escola, além da influência de drogas, principalmente das mais atuais. Por isso, ele chama a atenção para que é necessário, para enfrentar esse fenômeno, o acompanhamento psicossocial, tanto para os alunos, quanto para os professores, visto que esses também passam por vários problemas:

**C2:** Sim, eu tenho algo a acrescentar que gostaria que fosse mencionado,

---

<sup>15</sup> Livro Olhos d'água escrito por Conceição de Evaristo.

Resumo: Publicada em 2014, a obra é composta por quinze contos que abordam a história de personagens negras silenciadas pelo racismo, pelas imposições econômicas, por condições degradantes de trabalho e pelas questões de gênero. São narrativas curtas sobre crianças, homens e, sobretudo, mulheres. Personagens femininas – mães, idosas, crianças, ex-prostitutas, domésticas – estão sempre no centro do processo de escrita da autora.

Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/olhos-dagua-resumo-e-analise-da-obra-de-conceicao-evaristo/>

comentado ou discorrido no projeto atual, que seria a falta de acolhimento familiar, a inexistência da estrutura familiar, a figura do pai, da mãe, do pai, do avô, da avó, da tia, do tio, em relação a nova configuração atual que é mostrada pra ele nesse mundo tão diverso. Também a influência das drogas atuais também, como exemplo a K9, e também o acompanhamento psicossocial, o psiquiatra, o professor que precisa, por estar com bastante estresse, ansiedade e excesso de carga de trabalho.

Já o colaborador 3 demonstra a sua insatisfação com as mudanças curriculares atualmente, pois retiraram disciplinas específicas que trabalhavam sobre ética, e logo na sua concepção, existe um déficit na ocorrência de debates que envolvam essas questões, as quais levam o jovem a refletir sobre as relações sociais, sobre o seu papel na sociedade:

**C3:** Eu acho que tínhamos boas disciplinas que trabalhavam bem com isso antes, mas elas foram incluídas em outras, então foram esquecidas. Eram disciplinas específicas dentro da própria escola, né? Que eram relações humanas, e depois ética e cidadania, né? Que foram simplesmente arrancadas da grade curricular, né? Mas eu acho que faz falta hoje em dia dentro da escola, né? As pessoas hoje, não vou dizer que todas, mas a grande maioria nem consciência tem do que é ética e muito menos do que é ser cidadão, então poderia retornar de novo pra fazer parte dessa grade curricular. Acho que vai ser importante pra formação desses estudantes, dos próprios profissionais de educação mesmo.

Outro ponto discorrido foi o perigo das redes sociais na propagação do bullying:

**C3:** Outra coisa que poderia ser feita acho que é uma atenção um pouco maior com relação as redes sociais, né? A gente ainda não tem leis suficientes pra poder abarcar essas redes, muitas pessoas ainda sofrem bullying, ainda sofrem diversos tipos de violência junto as redes sociais, e infelizmente não acontece absolutamente nada.

Sabe-se que as redes sociais vêm desempenhando um papel crucial na sociedade moderna, pois propicia a conectividade, a comunicação e a propagação de informações, contudo, estão relacionadas também aos desafios, como por exemplo, o cyberbullying, que é “o bullying realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. No intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas” (Unicef Brasil, [s.d]).

O colaborador 3 finaliza sua fala com a reflexão sobre a importância da criação de projetos junto a escola, e com a participação de todos os seus membros, objetivando trabalhar diversos temas, além da violência, a fim de difundir essas temáticas em busca do enfrentamento à violência:

**C3:** [...] E acho que mais projetos mesmo, né? Não só junto a escola, mas acho pra comunidade como como um todo, projetos que possam falar sobre lei Maria da Penha, né? Projetos que possa falar sobre questão da própria violência na escola, né? Sobre a questão de o que é identidade, o que é gênero, as questões de sexualidade, preconceito, né? Então, projetos que possam tratar a respeito disso e não atender públicos alvos, mas atender a todos aqueles que tiverem interesse e assim propagar essa ideia, até mesmo para aqueles que não querem aprender a respeito. Então que seja passado adiante.

Portanto, todas essas representações evidenciadas levaram a uma reflexão acerca desse fenômeno, e no projeto de construção de guia de orientações sobre o enfrentamento à violência nas escolas, que consubstancie com os referenciais teóricos aqui debatidos, bem como levando em consideração as experiências vivenciadas pelos colaboradores desta pesquisa.

### **6.3. O guia didático sobre a violência nas escolas e o seu processo de enfrentamento: uma ferramenta teórica-metodológica para fundamentar a prática docente**

No mestrado profissional, ao final da trajetória investigativa, requer o desenvolvimento de uma produção intelectual em formato de um Produto Educacional, de modo a atender as determinações da Portaria Normativa 17 (28 de dezembro de 2009), a qual dispõe, especificamente, no campo da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, sobre o Mestrado Profissional, orientando esta modalidade de pós-graduação strictu sensu, a elaboração de atividades e trabalhos científicos de relevância ao interesse do público. Nessa perspectiva, este produto necessita ser baseado nas reflexões realizadas, a partir da utilização de referências teórico-metodológicas e possível de ser praticado em sala de aula e/ou na escola. Assim, o Produto Educacional poderá ser formulado de diversas formas, tais como, aplicativos educacionais, projetos teóricos, sequências didáticas, vídeo-aulas, cadernos didáticos e instrucionais, um equipamento, entre outros. (Brasil, 2019)

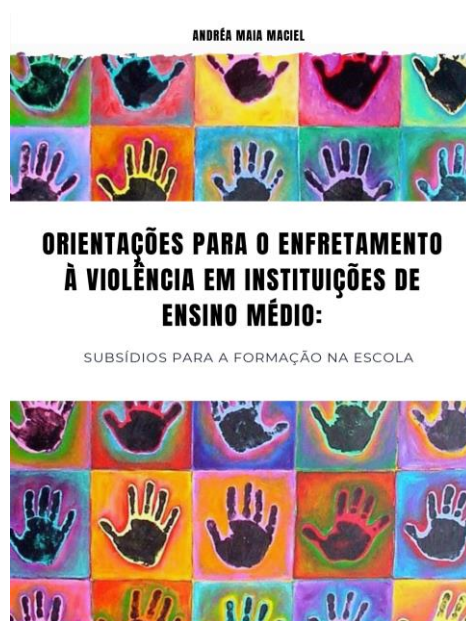
Para a modalidade de Mestrado Profissional a CAPES determina a elaboração de um Produto Técnico Tecnológico (PTT). A área de Ensino entende como PTT o resultado de um processo criativo gerado a partir de uma atividade de pesquisa, com vistas a responder a uma pergunta ou a um problema ou, ainda, a uma necessidade concreta associados ao campo de prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. Pode ser produzido de modo individual (discente ou docente) ou coletivo. A apresentação de descrição e de especificações técnicas contribui



para que o produto ou processo possa ser compartilhável ou registrado. (Brasil, p. 16, 2019)

Diante desse contexto, o Produto Educacional desta pesquisa foi desenvolvido pautado no seguinte objetivo específico: Elaborar um Guia de formação continuada, baseado em saberes/conhecimentos teórico/prático, relativos a violência e o seu processo de enfrentamento na escola, contendo orientações didático-pedagógicas para subsidiar os processos de formação docente em uma instituição de ensino médio de Paço do Lumiar-MA. Com esse propósito, permeamos pelos pressupostos da intervenção pedagógica e, por meio da análise de dados produzimos este Guia, destinado à escola, professores, coordenadores, gestores e alunos, como mostra a figura abaixo:

**Figura 19** - Capa do Produto Educacional



Fonte: Elaborado por Simas Abreu (2024)

No decorrer do processo investigativo, realizado durante um ano na instituição de ensino (lócus da pesquisa), através das observações, questionários, entrevistas e conversas sobre violência e o seu processo de enfrentamento, foram cruciais para que pudéssemos pensar nas necessidades específicas dos colaboradores da pesquisa, bem como, da escola, em busca da criação desse material.

Nesse sentido, elencamos algumas questões a serem melhor discutidas e/ou aprofundadas para que houvesse uma compreensão mais ampla, por parte da escola acerca das ocorrências de violência no ambiente escolar e a maneira como

lidar com essa questão, de modo a auxiliar no processo de enfrentamento. Assim, entendemos que os elementos teóricos-metodológicos que podem ajudar o professor/coordenador/gestor no planejamento de eventos didáticos que envolvam a temática violência são:

- As dimensões da violência na sociedade e na escola, bem como, identificar os seus tipos;
- De que forma podemos pensar em estratégias para o processo de enfrentamento à violência;
- Como pensar e desenvolver uma Cultura de Paz nas escolas;
- Organizações de Formações Continuidas sobre a temática em questão;
- Planejamento de aulas para a modalidade de Ensino Médio relacionadas com as temáticas voltadas para a violência.

Por conseguinte, organizamos nosso guia pautado nestes pressupostos citados anteriormente, sendo sua estrutura disposta da seguinte maneira:

**Figura 20 - Sumário do Produto Educacional**

SUMÁRIO	
1 APRESENTAÇÃO	7
2 INTRODUÇÃO	10
3 MULTIDIMENSIONALIDADE DA VIOLÊNCIA	13
3.1 O QUE É VIOLÊNCIA	14
3.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE	15
3.3 OUTRAS FORMAS ESPECÍFICAS DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE	19
3.4 VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	21
3.4.1 Mapeamento dos diferentes tipo de violência nas escolas	22
4 ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA	25
4.1 O QUE É ENFRENTAMENTO?	26
4.2 ESTRATÉGIAS PARA O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA	27
5 CULTURA DE PAZ	29
5.1 O QUE É CULTURA DE PAZ?	30
5.2. PRÁTICAS PARA A PROMOÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ NAS ESCOLAS	31
6 OUTRAS POSSIBILIDADES	33
6.1 FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA	34
6.1.1 Porque formação continuada nesse contexto?	34
6.1.2 Qual o conteúdo de formação nesse contexto?	36
6.1.3 Quem são os formadores nesse contexto?	38
6.2 ATIVIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO: ABORDANDO O TEMA VIOLÊNCIA NAS AULAS	39
6.2.1 Aula 1	39
6.2.2 Aula 2	43
6.2.3 Aula 3	50
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
SOBRE A AUTORA E ORIENTADORA	63

Fonte: Elaborado pela autora

Assim, a organização do guia apresenta a “Introdução”, como segundo capítulo, contendo os objetivos e a estruturação. No terceiro capítulo, “Multidimensionalidade da violência”, contém uma revisão teórica acerca da

violência, bem como, ela se manifesta no contexto escolar. Além disso, pontuamos os tipos de violências mais recorrentes na sociedade e na escola. No quarto capítulo, “Enfrentamento à violência” buscamos analisar o conceito de enfrentamento e traçamos algumas estratégias de como alcançarmos esse processo. No quinto capítulo, “Cultura de Paz” analisamos essa ideia como uma meta a ser conquistada para a diminuição de casos de violência nas instituições de ensino.

No sexto capítulo, “Outras possibilidades”, traçamos alternativas em prol do combate e prevenção da violência nas escolas, tais como, pensarmos a formação continuada como uma dessas possibilidades e sequências didáticas, elaboradas e organizadas conjuntamente com os colaboradores da pesquisa, com a intenção de aplicar nas turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Por fim, o último capítulo apresenta as “Considerações Finais”, as referências e as informações sobre autora e a orientadora da pesquisa.

Esperamos contribuir, significativamente com este material para propiciar e/ou ampliar o debate acerca desta temática, bem como, lançar possibilidades para o combate e prevenção a violências nas escolas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo desenvolvido discute-se as diferentes formas de expressões da violência no ambiente escolar, no entanto não se tem a intenção de esgotar a explanação acerca desse fenômeno, mas mostrar os elementos que proporcionam o seu entendimento relacionado à realidade de Paço do Lumiar, no Estado do Maranhão. Desse modo, busca-se demonstrar as inúmeras facetas que a violência pode assumir, inclusive as que podem ser manifestadas na escola, bem como as possibilidades de intervenção a partir dos conhecimentos adquiridos por meio do referencial teórico.

Na intenção de aprofundar conhecimentos e sanar algumas inquietações da prática docente, buscou-se investigar sobre a violência, a fim de que se pudesse entender e alcançar alternativas para a sua prevenção na escola, além de desenvolver habilidades sociais, empatia e conscientização. Assim, considera-se que a utilização de formações continuadas, atividades e projetos sejam relevantes na busca de medidas para não ocorrência desse fenômeno, e ainda apoiar o professor e a gestão na diversificação de suas práticas, buscando um melhor entendimento a partir dos conhecimentos adquiridos, da realidade escolar e dos estudantes, no tocante a temática em questão, garantindo uma compreensão reflexiva e crítica.

Para isso, fora necessário ingressar no campo de pesquisa, mais especificamente em uma escola de Ensino Médio, do município de Paço do Lumiar-MA, com a intenção de se desenvolver, conjuntamente, saberes, ideias e propostas baseadas na intervenção pedagógica, a fim de conquistar o objetivo geral desta pesquisa: *Compreender que saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de Ensino Médio podem se constituir como base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores, com vistas a elaboração de Guia de Orientações Didático-pedagógicas, para a organização de um trabalho formativo no contexto de uma instituição de Ensino Médio em Paço do Lumiar - MA.* Nesse sentido, esta dissertação foi elaborada com as seções voltadas para a temática da violência, de modo geral e também específico, como a violência na escola e da escola (por meio do currículo escolar), além de possibilidades de formações docentes.

Assim, propõe-se a quatro objetivos específicos, a saber: o primeiro é *situar*

*as bases teóricas e metodológicas sobre as quais a violência na escola e seu processo de enfrentamento vêm se constituindo como campo de estudo, bem como as implicações da formação continuada frente a esse processo.* Tal objetivo originou provocações que proporcionaram os estudos de teóricos e estudiosos, que inicialmente, busca entender os diferentes significados do termo *violência*, adquirido ao longo do tempo, assim como identificar e pontuar os diferentes tipos de sua ocorrência. Além disso, elaborou-se uma discussão sobre a violência no senso comum e do ponto de vista científico, destacando duas abordagens de conhecimento, a sociológica e a antropológica, e também a violência que pode ser gerada por meio da implantação de um currículo que não leva em consideração as diferenças e o contexto em que a escola está inserida.

Para atender ao segundo objetivo desta pesquisa, procurou-se *identificar as concepções dos professores e coordenadores pedagógicos, sujeitos da pesquisa, sobre a violência em instituições de Ensino Médio, bem como da formação continuada como uma possibilidade para seu enfrentamento.* Utilizou-se o questionário e a entrevista para a geração de dados, através dos quais os colaboradores da pesquisa apresentaram suas concepções e entendimentos sobre o tema, apresentando algumas atividades organizadas de combate ao bullying realizadas naquele ano (2023).

Verifica-se dentre os entrevistados desta pesquisa, que os seus entendimentos acerca da violência, em sua maioria, são concepções voltadas para o senso comum, necessitando de uma melhor compreensão do ponto de vista científico. Para tanto, entende-se que a formação docente seja uma das possibilidades para essa compreensão mais ampla desse fenômeno.

Por conseguinte, houve alguns encontros para dialogar sobre o tema, gerando uma atividade com a nossa participação. Esse caminho possibilitou viabilizar nosso terceiro objetivo, que é *intervir junto aos colaboradores da pesquisa, para definir perspectivas e trajetórias para o desenvolvimento de um produto educacional sobre o enfrentamento à violência na escola.* As entrevistas permitiram alcançar elementos relevantes para esta pesquisa e apontou que os professores estão dispostos a contribuir de forma significativa, em busca do enfrentamento à violência, desde que tenham orientações específicas para isso, além do auxílio de outros profissionais que atuam nesse contexto.

Partindo dessa averiguação, desenvolveu-se o quarto e último objetivo desta

pesquisa, que foi *Elaborar um Guia de Formação Continuada, baseado em saberes/conhecimentos teórico/prático, relativos a violência e o seu processo de enfrentamento na escola, contendo orientações didático-pedagógicas para subsidiar os processos de formação docente em uma instituição de Ensino Médio, do município de Paço do Lumiar – MA*. Desse modo, este guia/caderno foi construído tomando por base os entendimentos e vivências dos professores, e atividades já desenvolvidas na escola. Além disso, foi pensado em outras propostas de projetos, atividades e parcerias que podem ser utilizadas e adaptadas em diferentes contextos escolares na busca do enfrentamento à violência.

Logo, entende-se que a escola tem um importante papel na prevenção e no combate à violência dentro do ambiente escolar, no sentido educativo. E por isso, ela não tem unicamente um fator causador, mas pode ser manifestada de diferentes formas, causando grandes tensões. Portanto, este guia possibilita que os professores, a coordenação e a escola, como um todo, utilizem essas sugestões, ou mesmo criem novas ideias que possam ser relevantes nesse processo de prevenção, bem como buscar parcerias em diferentes instâncias.

Diante do que fora exposto, não se tem a intenção de responsabilizar a escola, o professor, a coordenação, ou a família para a criação de ações que visem o combate à violência, mas sim, contribuir juntamente ao poder público nesse processo, pois se entende que criar políticas públicas voltadas ao enfrentamento desse fenômeno é crucial, no entanto não se pode esperar somente por essas ações públicas, já que a violência na sociedade é uma realidade presente em nosso dia-a-dia. Então, acredita-se que é possível criar alternativas que possam amenizar esse problema.

Portanto, espera-se que esta pesquisa possa colaborar para o fortalecimento das discussões acerca da violência, sobretudo daquelas que possam adentrar os muros da escola, além de despertar o interesse de novos pesquisadores na área.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M; RUA, M.G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ABRAMOVAY, M (Coord.); VALVERDE, D.O; BARBOSA, D.T; AVANCINI, M. M. P.; CASTRO, M. **Cotidiano das escolas: entre Violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2006.

ABROMOVAY, Mirian (Coord.); CUNHA, A. L; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2.ed. 496p. Brasília, 2009. Disponível em: [https://www.mprj.mp.br/documents/20184/237993/Publicacao\\_Revelando\\_tramas.p\\_d\\_f](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/237993/Publicacao_Revelando_tramas.p_d_f) Acesso em: julho de 2022

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: Elaboração de trabalhos na graduação/ Maria Margarida de Andrade.-9.-2.reimpr.- São Paulo: Atlas, 2009.**

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso (Org.) **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2016.

AMORIM, Ana Carla de; MARQUES, Gisela de Moura Bluma. **A formação docente e a prática pedagógica do professor iniciante**. Publicação de Anais do IV Seminário Internacional De Sobre Profissionalização Docente. ISSN 2176-1396. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25078\\_11999.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25078_11999.pdf) Acesso em: 12 mai. 2022.

ASSIS, Simone G. de & AVANCI, Joviana. É possível prevenir a violência? Refletindo sobre risco, proteção, prevenção e promoção da saúde. In: NJAINE, K.; ASSIS, Simone & CONSTANTINO, P. (Org.). **Impactos da Violência na Saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Educação à Distância da Escola Nacional de Saúde Pública, 2009.

ASSIS, Simone G; MARRIEL, Nelson de S. M. **Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola**. IN: Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. / Organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf> Acesso em: julho de 2022.

AVANCI, Joviana Q.; FERRERA, Ana L. **Reflexões sobre promoção da saúde e Prevenção da Violência na escola**. IN: Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. / Organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf> Acesso em: janeiro de 2024.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BESERRA, A. P; et al. **Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis**: uma pesquisa documental. *Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Rio de Janeiro, v. 20, nº 1, p.32-35, 2008. Disponível em: <https://www.bjstd.org/revista> Acesso em: janeiro de 2023

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5. ed. Trad. S. Micheli et al. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zaluar, 1998.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm) Acesso em: dezembro de 2021

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm) Acesso em: novembro de 2021

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Ética e cidadania no convívio escolar**: uma proposta de trabalho. 50 p. Brasília. 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual. 32 p. Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 56/2007 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Portaria Normativa/MEC nº 17, de 28 de dezembro de 2009**. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/CNE, 2012<sup>a</sup>. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acesso em: 03/03/2023



BOGDAN, Roberto C., BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRZEZINSKI, I., & GARRIDO, E. Análise dos trabalhos do GT Formação de Professores: **O que revelam as pesquisas do período 1992-1998**. Revista Brasileira de Educação, s./v.,(18), 82-101, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782001000300008> Acesso em: junho de 2022

BURZI, Elli L. B; SELL, Jorge A. **Violência na escola**: conceitos e atitudes na prevenção de atitudes violentas. Repositório Institucional da IFSC. Florianópolis, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufsc.br/> Acesso em: dezembro de 2023.

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa, São Paulo, vol.27, nº 1, p. 123-140. jan/jun. 2001.

CARDOSO, João. C; GOMES, Candido. A.; SANTANA, Edna. U. **Escola e polícia em três países**: vinho novo em odres velhos ou a crise das instituições. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 21, n. 81, p. 685-710, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/8FZMtyVQXXs3v68BfcczqWx/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: junho de 2021

CERVO, Amado L., & BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Pearson, 6º ed., 2002.

CHARLOT, B. A. **Os jovens e o Saber**: perspectivas Mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CYBERBULLYING: O que é e como pará-lo. **Unicef Brasil**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-eh-e-como-para-lo> Acesso em: janeiro de 2024.

DAMIANI, Magda F. *et al.* **Discutindo pesquisas do tipo intervenção**. Cadernos de educação, Pelotas, nº45, p. 57-67, jul./ago., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/3822/3074> Acesso em: julho de 2023.

DEBARBIEUX, Eric. **A violência na escola francesa**: 30 anos de construção social do objeto (1967-1997). Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, nº 1, p. 163-193, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hvTPxbVrdZxqksQBvsbXN5h/?format=pdf&lang=pt> acesso em: junho 2021

DEMO, Pedro. **Questões para a teleducação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: estudo de sociologia. Tradução Monica Stahel – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência escolar e implicações para o currículo**: o

Projeto Pela vida, Não à Violência – tramas e traumas. São Paulo, 2009.

FERNANDES, A. V. M; PALUDETO, M. C. **Educação e direitos humanos**: desafios para a escola contemporânea. Cad. Cedes, v. 30, n. 81, p. 233-249, 2010.

FONTES, Virginia. Apontamentos para pensar as formas atuais de exclusão. IN: BOCAYUVA, P. C. C. **Afinal, que país é este?** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. Cadernos de pesquisa, n. 116, p. 21-39, 2002.

GALVÃO, Afonso. et al. **Violências escolares**: implicações para a gestão e o currículo. Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação, v. 18, n. 68, p. 425-442, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/VZYbhcqh8NgPyQynCq5M94G/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: nov de 2021

GIOVEDI, Valter Martins. **Violência curricular na escola pública**: Conceito e manifestações. Revista Teias v. 14, n. 33, 121-137: Dossiê Especial. São Paulo, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antônio Carlos Gil – 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. **A escolarização da criança brasileira no século XIX**: apontamentos para uma reescrita. Revista Educação em Questão, v. 28, n. 14, p. 121-146, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/index/> Acesso em: janeiro de 2023.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência Urbana**: um problema social. São Paulo: Revista Tempos Soc. 10(1), 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/pMb4BC73bgvqnrw6X9DQzWNR/> Acesso em: novembro de 2021

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9ª ed. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2011 9 (Coleção questões de nossa época; vol. 14).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf> Acesso em: 12 jun. 2022.

KRUG, E. et al. **Relatório Mundial sobre Violência e Saúde**. Geneva: OMS, 2002.

LIMA, Alice D.; FERRO, Sthefanny M. **Tráfico de drogas e educação**: o papel da escola. Repositório UFC, 2016.

LIMA, Doracy Gomes Pinto. **Violência na escola**: a concepção de professores e alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Área Itaquí-Bacanga. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Maranhão, curso de Mestrado em Educação, 2012.

MACIEL, Milena Ataíde. **Representações sociais de violência na escola**: um diálogo com alunos e professores da Paraíba. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

MALLMANN, Elena Maria. **Pesquisa-ação educacional**: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. Cadernos de Pesquisa v.45 n.155 p.76-98 jan./mar. 2015. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/issue/view/289> Acesso em: março de 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Organização e introdução Oswaldo Coggiola – 1 ed. Revista – São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da Economia Política. Livro 1: O processo de Produção do Capital, v. II, 21ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar**: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola. São Paulo: Annablume, 2007.

MICHAUD, Ives. A violência. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, p. 61-77, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. A violência dramatiza causas. In: MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E. R. (Org.). **Violência sob o olhar da saúde**: a intrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

MOUREIRA, Flávio B; CANDAU, Vera M. **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf> Acesso em: 15 de abril de 2022.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, A. (org.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf) Acesso em: jun. de 2021

O QUE O COMPORTAMENTO VIOLENTO DOS ANIMAIS DIZ SOBRE OS SERES HUMANOS. **TERRA**, 5 out 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/o-que-o-comportamento-violento-dos-animais-diz-sobre-os-seres-humanos,4baca65d63201241fd484688fc70be3414efnijx.html> Acesso em: dezembro de 2022.

OLIVEIRA, Josi. R; GOMES, Magda. A. **Bullying**: reflexões sobre a violência no contexto escolar. Educação Por Escrito, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/7947/7475>  
Acesso em: nov. de 2021

OLIVEIRA, Bruna S.; SANTOS, Jacques F.; SANTOS, Vinicius S. **A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO ESCOLAR**: A transformação da sala de aula em um tribunal de exclusões nos vereditos do juízo professoral. Revista Científica da FASETE 2017.3. Disponível em: [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/14/a\\_violencia\\_simbolica\\_no\\_contexto\\_escolar.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/14/a_violencia_simbolica_no_contexto_escolar.pdf) Acesso em: abril de 2022.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo César Rocha da. **Sociologia para Jovens do século XXI**. 4. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

OMS: 1 em cada 5 adolescentes enfrenta problemas de saúde mental. **NAÇÕES UNIDAS BRASIL**. 10 out 2018. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/81282-oms-1-em-cada-5-adolescentes-enfrenta-problemas-de-sa%C3%BAde-mental> Acesso em janeiro de 2024.

PACIEVITCH, Thais; EYNG, Ana Maria. **Currículo e Violências nas escolas**: Perspectivas Moderna E Pós-Moderna. Anais do X Congresso Nacional de Educação – Educere. Curitiba: Champagnat, CD 1, v. 1, p. 2630-2642, 2011.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores**: formação e profissionalização. 2ª ed. Araraquara – SP: Junqueira & Marin, 2005.

PENA, A. C. **Diálogo, alteridade e agir ético na educação**: um encontro entre Martin Buber, Mikhail Bakhtin e Paulo Freire. Educação e Filosofia, v. 31, n.62, p. 751-781, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/32727> Acesso em: março de 2023.

PEREIRA, Antônio. **Pesquisa de intervenção em educação**. Salvador: Eduneb, 2019.

PINHEIRO, Ana. **Violência é direitos humanos**. Repositório da PUC. Goiás, 2018. Disponível em: <https://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17681/material/VIOL%C3%8ANCIA%20E%20DIREITOS%20HUMANOS%20-%20ARTIGO.pdf>  
Acesso em: dezembro de 2023.

PRIOTTO, Elis Palma. **Violência escolar**: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ªed. Universidade Feevale – Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, 2013.

RIBAS, Eliana Ribeiro de Souza; RIBAS JÚNIOR, Fábio Barbosa. **Prevenção da**

**violência e educação para a paz:** um guia para reflexão e ação. São Paulo: Prattein, 2004. Disponível em: [https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/Educacao/Cartilha\\_Violencia\\_e\\_Paz\\_-\\_Prattein.pdf](https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/Educacao/Cartilha_Violencia_e_Paz_-_Prattein.pdf) Acesso em: fevereiro de 2023

RICHARDISON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas/** Roberto Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al.) – 3ª ed. – 8ª Reimpr. – São Paulo; Atlas, 2008.

RISTUM, Marilena. **Violência na Escola, da Escola e contra a Escola.** IN: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p. ISBN 978-85-7541-330-2.

RODRIGUES, Leila Oliveira. **VIOLÊNCIA ESCOLAR E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:** Estudo Em Escola Pública De Goiânia. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiânia. Pós graduação da Faculdade de Educação, 2011.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania:** Sistema de Proteção Escolar, São Paulo, 2009.

SACRÍSTAN, J.G. e GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: ArtMed, 2009. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/sacristancompreender-e-transformar-o-ensino-d2nvx83gkr4k> Acesso em: 20 de março de 2022.

SACRISTÁN, J. Governo. **O currículo:** uma reflexão sobre a prática. São Paulo: Artmed, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Formação de professores:** Aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação,14(40), 143-155, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000100012> Acesso em: junho de 2022

SCHON, D. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Andressa Lima da; MATIAS, Juliana Cândido; BARROS, Josemir Almeida. **Pesquisa em Educação por meio da pesquisa-ação.** Rev. Eletrônica Pesquiseduca. Santos, V.13, N. 30, p.490- 508, maio-ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca> Acesso em: março de 2023.

SILVA, Joyce M. A. P.; SALLES, Leila M. F. A. **Violência na escola:** abordagens teóricas e propostas de prevenção. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n especial 2, p. 217 – 232, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/58prxNcd4bFt6cLF9swktFL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: dezembro de 2023.

SILVA, Soraya S. G. T; GUZZO, Raquel S. L. **Escola, Família e Psicologia:**

diferentes sentidos da violência no Ensino Fundamental. São Paulo: Psicol. Esc. Ed. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/xYrqr6ZWJsvqGct3yFNrQGC/?lang=pt#> Acesso em: agosto de 2022.

SILVA, Tomás Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, A. S. **A Autoridade do Professor e a Função da Escola**. Revista: Educação & Realidade, v. 37, n. 3, p. 841-861, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/GShxJwq4xTB8m9M4wjWYQdj/?lang=pt> Acesso em: novembro de 2022

SOUZA, Ludmilla. **Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista**. Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contra-professores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista> Acesso em: maio de 2021

TANURI, L. M. (2000). **História da formação de professores**. Revista Brasileira de Educação, s./v. (14), 62-89.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 7<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TIGRE, Maria das Graças Espírito Santo. **Escola, juventude e violência**: um estudo no Ensino Médio. Tese de Doutorado (UFSCar) - São Carlos: UFSCar, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2313/5373.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: fevereiro de 2023

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Regimento nº 04/2019/PPGEEB/UFMA**: Altera o Regimento que estabelece normas, critérios e condições de Projeto de Pesquisa, Exame de Qualificação e Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB, 2019. Disponível em: [https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/documentos\\_stricto.jsf?lc=pt\\_BR&idPrograma=1381&idTipo=2](https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/documentos_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381&idTipo=2) Acesso em 11.mar.2023.

\_\_\_\_\_. **Instrução normativa nº 04/2020/PPGEEB/UFMA**: Formas Metodológicas de apresentação do Produto Educacional na dissertação durante o período de distanciamento social do novo coronavírus (sars-cov-2/covid-19). 2020. Disponível em: [https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/documentos\\_stricto.jsf?lc=pt\\_BR&idPrograma=1381&idTipo=2](https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/documentos_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1381&idTipo=2) Acesso em 11 de março de 2023.

VITURIANO, Hercilia M. De M. **Formação contínua em uma concepção crítico-reflexiva**: desafios aos coordenadores-formadores de professores nas

escolas da Rede Municipal de São Luís. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, Mestrado em Educação Brasileira, 95 f., 2008.

WACQUANT, Loic. **Prisões da miséria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WAISELFISZ, J. J. **MAPA DA VIOLÊNCIA 2016**: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro: FLASCSO BRASIL, 2016. Disponível em: [https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf) Acesso em: 14 de outubro de 2019.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. Tradução e Notas: Marco Antônio Casanova – São Paulo: Martin Claret, 2015.

PRIOTTO, Elis P.; BONETTI, Lindomar W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189115658012.pdf> Acesso em: janeiro de 2024.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Org.). **Cidadania e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000. p. 11-25. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/trabalhos-academicos-de-direito/2149237> Acesso em: janeiro de 2024.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

## APÊNDICES



## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS COLABORADORES DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO  
DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
(PPGEEB)



### CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA Questionário de levantamento de dados para pesquisa científica

**Prezado participante,**

Como professora da educação básica - o Ensino Médio - mais precisamente nesta escola, entendemos que as instituições educativas se constituem como ambiente socializador, um espaço de interação social, onde diferentes grupos convivem ou deveriam conviver de forma humanizada.

Sabemos que na escola estamos cercados pela diversidade cultural e múltiplos contextos e, portanto, podem surgir divergências de opiniões e, conseqüentemente conflitos e até discordâncias, o que pode culminar em eventos de violência. Nesse sentido, é preciso discutir e ampliar o debate sobre o papel da escola, do professor e de toda a comunidade escolar acerca da necessidade de enfrentamento às situações de violência no contexto das instituições de ensino. Para tanto, estamos desenvolvendo uma investigação sobre essa questão – violência na escola e seu processo de enfrentamento. Como professora do Ensino Médio, constatamos a necessidade de aprofundar essa problemática, o que nos conduziu, no ano de 2021, ao Mestrado em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) na Universidade Federal do Maranhão.

Diante dos desafios que essa temática impõe – **violência na escola e seu processo de enfrentamento** – compreendemos a necessidade de fazermos um recorte quanto aos tipos de violência que tem sido recorrente na escola, em que atuam os participantes/sujeitos dessa investigação. Para esta definição é importante dialogar com os sujeitos escolares sobre qual/quais tipos de violência identificam como um problema urgente de ser aprofundado pela comunidade escolar, a fim de buscarem possibilidades para o enfrentamento a este problema.

Dessa forma, o objetivo central desse instrumento – questionário – é possibilitar um

diálogo com os sujeitos da pesquisa, desde a definição do tipo, ou tipos de violência que serão priorizadas neste estudo. Qual o tipo de violência que podemos investigar em nossa pesquisa de Mestrado de modo que contemple as necessidades da escola? Esperamos que a sua participação nesse momento da pesquisa, possa fornecer resposta a questão mencionada. Portanto sua participação é importante, pois revela de forma mais clara, o que de fato a escola e seus sujeitos percebem como necessidade investigativa e que pode contribuir para qualificar o trabalho educativo desenvolvido por todos na escola investigada.

Sendo assim, faz-se necessário que sua participação ocorra de acordo com as normas previstas para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, por isso, antes de você iniciar com o questionário é importante assinar o que denominamos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual tem como finalidade explicar o objetivo da pesquisa e, por sua vez, evidenciar como as informações prestadas por você serão sistematizadas e publicizadas.

Vale destacar que as informações geradas a partir do questionário poderão auxiliar na elaboração de propostas para prevenir e abordar a violência escolar, além de orientar nossas atividades didático-pedagógicas. Nenhuma questão poderá ficar sem resposta. Todos os dados coletados são sigilosos, e terão finalidade exclusivamente didática e científica. O anonimato dos participantes será preservado.

Agradecemos a sua participação!

Profa. Andréa Maia Maciel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica  
(PPGEEB/UFMA)

## QUESTIONÁRIO

**Nome completo:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Sexo:** ( ) feminino ( ) masculino

**Qual o seu grau de escolaridade:**

- |                            |                          |                         |
|----------------------------|--------------------------|-------------------------|
| ( ) Sem escolaridade       | ( ) Fundamental completo | ( ) Superior incompleto |
| ( ) Fundamental Incompleto | ( ) Médio incompleto     | ( ) Superior completo   |
|                            | ( ) Médio completo       |                         |

**Nesta Instituição de Ensino, qual sua função?**

- aluno(a)
- professor(a)
- apoio
- coordenador(a) pedagógico(a)
- gestor(a)
- funcionário(a)

**Quanto tempo de serviço você possui nessa função?**

---

---

**Quanto tempo de serviço você possui nesta instituição?**

---

---

## APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA OS COLABORADORES DA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO  
DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
(PPGEEB)



### CARTA CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA Roteiro da entrevista de levantamento de dados para pesquisa científica

**Prezado participante,**

Como professora da educação básica - o Ensino Médio - mais precisamente nesta escola, entendemos que as instituições educativas se constituem como ambiente socializador, um espaço de interação social, onde diferentes grupos convivem ou deveriam conviver de forma humanizada.

Sabemos que na escola estamos cercados pela diversidade cultural e múltiplos contextos e, portanto, podem surgir divergências de opiniões e, conseqüentemente conflitos e até discordâncias, o que pode culminar em eventos de violência. Nesse sentido, é preciso discutir e ampliar o debate sobre o papel da escola, do professor e de toda a comunidade escolar acerca da necessidade de enfrentamento às situações de violência no contexto das instituições de ensino. Para tanto, estamos desenvolvendo uma investigação sobre essa questão – violência na escola e seu processo de enfrentamento. Como professora do Ensino Médio, constatamos a necessidade de aprofundar essa problemática, o que nos conduziu, no ano de 2021, ao Mestrado em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) na Universidade Federal do Maranhão.

Diante dos desafios que essa temática impõe – **violência na escola e seu processo de enfrentamento** – compreendemos a necessidade de fazermos um recorte quanto aos tipos de violência que tem sido recorrente na escola, em que atuam os participantes/sujeitos dessa investigação. Para esta definição é importante dialogar com os sujeitos escolares sobre qual/quais tipos de violência identificam como um problema urgente de ser aprofundado pela comunidade escolar, a fim de buscarem possibilidades para o enfrentamento a este problema.

Dessa forma, o objetivo central desse instrumento – questionário – é possibilitar um diálogo com os sujeitos da pesquisa, desde a definição do tipo, ou tipos de violência que serão priorizadas neste estudo. Qual o tipo de violência que podemos investigar em nossa pesquisa de Mestrado de modo que contemple as necessidades da escola? Esperamos que a sua participação nesse momento da pesquisa, possa fornecer resposta a questão mencionada. Portanto sua participação é importante, pois revela de forma mais clara o que de fato a escola e seus sujeitos percebem como necessidade investigativa e que pode contribuir para qualificar o trabalho educativo desenvolvido por todos na escola investigada.

Sendo assim, faz-se necessário que a sua participação ocorra de acordo com as normas previstas para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, por isso, antes de você iniciar com o questionário é importante assinar o que denominamos de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual tem como finalidade explicar o objetivo da pesquisa e, por sua vez, evidenciar como as informações prestadas por você serão sistematizadas e publicizadas.

Vale destacar que as informações geradas a partir do questionário poderão auxiliar na elaboração de propostas para prevenir e abordar a violência escolar, além de orientar nossas atividades didático-pedagógicas. Nenhuma questão poderá ficar sem resposta. Todos os dados coletados são sigilosos, e terão finalidade exclusivamente didática e científica. O anonimato dos participantes será preservado.

Agradecemos a sua participação!

Profa. Andréa Maia Maciel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica  
(PPGEEB/UFMA)

## **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

**Pergunta 1:** Como você define a violência?

**Pergunta 2:** Você identifica algum tipo de violência no ambiente escolar? Se sim, quais tipos?

**Pergunta 3:** Você consegue identificar possíveis causas de violência no ambiente escolar?

**Pergunta 4:** Na sua opinião, o que tem contribuído para a presença da violência na escola?

**Pergunta 5:** Quais sujeitos devem estar envolvidos diretamente no enfrentamento a violência na escola?

**Pergunta 6:** Qual o papel da escola, do estado e da sociedade civil em relação ao enfrentamento a violência na escola?

**Pergunta 7:** Na sua opinião, qual é o papel do professor/coordenador/ gestor diante da violência e do seu enfrentamento na escola?

**Pergunta 8:** Você considera importante estudar sobre essa questão? Já participou na escola de algum encontro em que o tema da violência foi abordado?

**Pergunta 9:** Você entende por meio de encontros de formação que abordem esse tema, os professores e as escolas, poderiam abordar de forma consciente a violência no ambiente escolar e seu enfrentamento?

**Pergunta 10:** Como poderia ser organizada essas formações na escola em relação aos seguintes aspectos: tipos de conteúdos a serem abordados? Quem deveria participar? Quem deve se constituir como formador desses espaços?

**Pergunta 11:** Você acha que há a possibilidade de dialogar com outros sujeitos exteriores a escola para enfrentamento da violência? Se responder sim, quais seriam?

**Pergunta 12:** Gostaria de acrescentar algo mais sobre a violência na escola e o seu processo de enfrentamento?

## APÊNDICES C – O PRODUTO EDUCACIONAL

ANDRÉA MAIA MACIEL

**ORIENTAÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO  
À VIOLÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE  
ENSINO MÉDIO:**

SUBSÍDIOS PARA A FORMAÇÃO NA ESCOLA



ANDRÉA MAIA MACIEL

# A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA

possibilidades para o enfrentamento à violência em  
instituições de Ensino Médio no Maranhão.



**PPGEEB**

São Luís  
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva (Reitor)  
Prof. Dr. Leonardo Silva Soares (Vice-Reitor)

**AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO (AGEUFMA)**

Profa. Dra. Flávia Raquel Fernandes do Nascimento

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)**

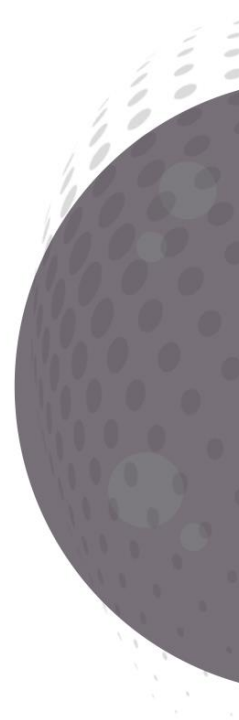
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Hercília Maria de Moura Vituriano (Coordenadora)  
Prof. Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes  
(Vice-coordenador)

**ORIENTADORA DA PESQUISA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Hercília Maria de Moura Vituriano

**AUTORA**

Andréa Maia Maciel





“

“Na escola, lugar de aprendizado e paz,  
A violência não tem vez, jamais!  
É um grito que ecoa em meu ser,  
Contra o mal que nos faz sofrer.  
Nas carteiras e corredores,  
Deveria reinar o amor e os valores.  
Mas às vezes, a tristeza invade,  
Quando a violência se multiplica e não acaba.  
Professores que ensinam com dedicação,  
Alunos que buscam a transformação,  
Mas há aqueles que não entendem,  
Que a violência só nos ofende.  
Bullying e agressões sem sentido,  
Causam feridas profundas no íntimo e no sentido.  
Não podemos fechar os olhos a essa realidade,  
É hora de unir forças e combater essa maldade”

Erick Obj

”

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>3 MULTIDIMENSIONALIDADE DA VIOLÊNCIA</b> .....	<b>13</b>
<b>3.1 O QUE É VIOLÊNCIA</b> .....	<b>14</b>
<b>3.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE</b> .....	<b>15</b>
<b>3.3 OUTRAS FORMAS ESPECÍFICAS DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE</b> .....	<b>19</b>
<b>3.4 VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS</b> .....	<b>21</b>
3.4.1 Mapeamento dos diferentes tipo de violência nas escolas .....	<b>22</b>
<b>4 ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA</b> .....	<b>25</b>
<b>4.1 O QUE É ENFRENTAMENTO?</b> .....	<b>26</b>
<b>4.2 ESTRATÉGIAS PARA O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA</b> .....	<b>27</b>
<b>5 CULTURA DE PAZ</b> .....	<b>29</b>
<b>5.1 O QUE É CULTURA DE PAZ?</b> .....	<b>30</b>
<b>5.2. PRÁTICAS PARA A PROMOÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ NAS ESCOLAS</b> .....	<b>31</b>
<b>6 OUTRAS POSSIBILIDADES</b> .....	<b>33</b>
<b>6.1 FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA</b> .....	<b>34</b>
6.1.1 Porque formação continuada nesse contexto? .....	<b>34</b>
6.1.2 Qual o conteúdo de formação nesse contexto? .....	<b>36</b>
6.1.3 Quem são os formadores nesse contexto? .....	<b>38</b>





<b>6.2 ATIVIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO: ABORDANDO O TEMA VIOLÊNCIA NAS AULAS</b> .....	<b>39</b>
6.2.1 Aula 1 .....	<b>39</b>
6.2.2 Aula 2 .....	<b>43</b>
6.2.3 Aula 3 .....	<b>50</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>59</b>
<b>SOBRE A AUTORA E ORIENTADORA</b> .....	<b>63</b>

# 1 APRESENTAÇÃO



**Prezado(a) Leitor(a),**

Este guia engloba informações, ideias e sugestões levantadas a partir do estudo e pesquisa feitos para dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB/UFMA, intitulada: A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA: possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão. Esta pesquisa foi fruto das minhas inquietações, enquanto professora da rede pública Estadual do Maranhão, a respeito da violência, no qual vivenciamos inúmeras situações de violência na escola e na maioria dos casos observamos que os professores se sentem desamparados e perdidos diante desse problema, o que traz sérias implicações para o trabalho docente e para a prática pedagógica;

O objetivo deste guia é fornecer conteúdos informativos, orientações e estratégias para enfrentar a violência nas escolas. Diante disso, compreendendo a relevância de possibilitar um ambiente escolar seguro e acolhedor, este material busca auxiliar professores, gestores escolares e demais profissionais da educação a lidar com os desafios relacionados a este fenômeno.

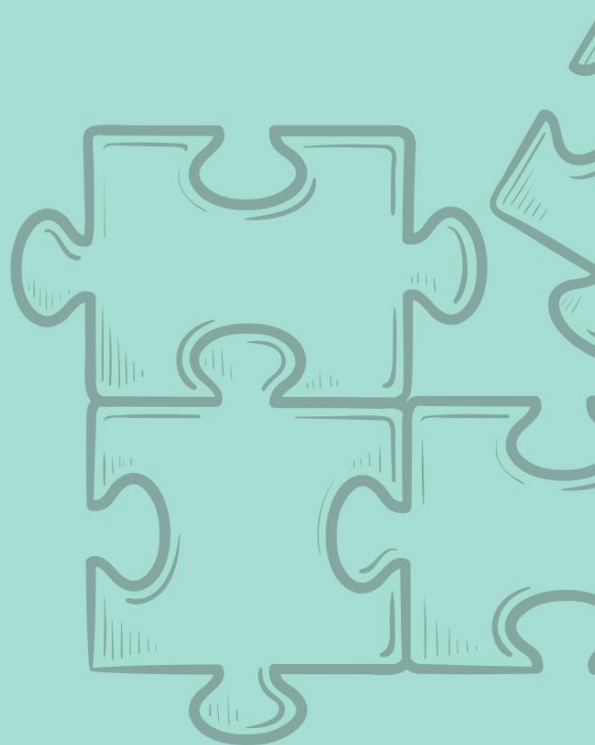


Nesse sentido, é importante aliar o conhecimento sobre violência na escola e o seu processo de enfrentamento, em especial, para que os professores em contexto escolar possam compreender esse fenômeno e, ao mesmo tempo, pensar em perspectivas para a sua prevenção, tais como, investimento em processos de formação continuada, atividades, palestras, projetos e parcerias que favoreçam o desenvolvimento de valores, pensamento crítico e o respeito às diversidades, gerando assim, condições para uma Cultura de Paz nas escolas.

Esperamos contribuir, significativamente, com este material para propiciar e/ou ampliar o debate acerca desta temática, bem como, lançar possibilidades para o combate e prevenção a violências nas escolas.



## 2 INTRODUÇÃO





Compreender as questões referentes à violência no contexto de instituições de ensino no Brasil, constitui-se como um desafio para toda a comunidade escolar: estudantes, professores, gestores, administrativos, familiares, entre outros, especialmente, na etapa do ensino médio, visto que é uma problemática real que passou a fazer parte do cotidiano escolar, em especial de escolas públicas que, em geral, atende grande parte de um público em situação de vulnerabilidade social (Maciel, 2015).

Entendemos que a escola não tem possibilidades de resolver essa problemática de forma isolada, entretanto, sendo uma instituição com uma função social importante, precisa dialogar sobre as diversas questões que fazem parte da vida dos sujeitos. Afinal, estudar a questão da violência na escola, envolve a compreensão de muitos aspectos e dimensões, sobretudo, percebê-la como um fenômeno complexo e que não se limita a simplesmente definir e categorizar os tipos de violência, mas situá-la em suas múltiplas origens e por sua vez, as consequências desse processo para a sociedade como um todo.

Sendo assim, Assis e Mariel (2010), descrevem que é preciso fazer uma análise dos diferentes tipos de violências e sobre àqueles presentes no contexto escolar, bem como, o papel da escola e por sua vez, do professor como mediador de conflitos, intervindo nessas situações ocorridas em sala de aula e na escola. É preciso discutir e ampliar o debate sobre o papel da escola, do professor e dos demais funcionários no processo de enfrentamento à violência na escola. Para tanto, é urgente refletir sobre que saberes/conhecimentos devem ser mobilizados nesse contexto para pensar em perspectivas de enfrentamento a esta problemática.



A intenção aqui não é responsabilizar o professor, nem tão pouco a escola, por resolver essa problemática. Na verdade, compreender que é fundamental situar a função da escola e de seus sujeitos diante dessa questão.

Diante desse pensamento, traçamos um processo de intervenção pedagógica e assim, construímos este guia que apresenta orientações teórico-metodológicas e atividades a serem utilizadas ou adaptadas a cada realidade escolar.

Este material está organizado em seções que compartilham análises científicas a respeito da violência, sobretudo da sua ocorrência em contexto escolar; a compreensão do seu processo de enfrentamento, ou seja, o que foi pensado, discutido e executado em busca desse processo; a ideia de uma Cultura da Paz, que é uma meta a ser alcançada para diminuição de casos de violência nas instituições de ensino e, as possibilidades que viabilizamos, neste contexto, em prol do combate e prevenção da violência. Por fim, na última parte, temos as considerações finais, referências e informações sobre a autora e a orientadora da pesquisa.

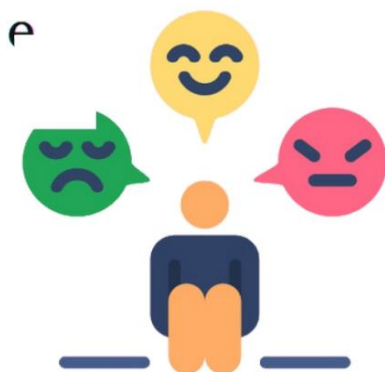


## 3 MULTIDIMENSIONALIDADE DA VIOLÊNCIA

A violência e a exclusão social tornaram-se fenômenos que prejudicam os indivíduos a alcançarem uma vida digna, sobretudo de viver saudavelmente. Assim, ela torna-se, aos poucos, parte integrante das relações sociais, o que é preocupante do ponto de vista do entendimento por parte da sociedade, e muitas vezes de aceitá-la como algo natural. Dessa forma, é preciso ampliar o debate acerca deste tema e sobretudo, entender que é um fenômeno multidimensional, o qual se manifesta em diversas formas e contextos, afetando profundamente a vida das pessoas em todos os lugares, criando um complexo emaranhado de desafios e impactos.



### 3.1 O QUE É VIOLÊNCIA?



Por mais que pareça ser simples o seu entendimento, definir violência não é algo tão fácil, por isso, é importante compreendermos a partir das análises de alguns autores, visto que as reflexões variam de acordo com a sociedade estudada e o tempo histórico, ou seja, deve-se pontuar o estudo da realidade em um comparativo com outras realidades e o seu contexto histórico (Marra, 2007), para que, assim, haja um melhor esclarecimento sobre essa temática.

O vocábulo violência vem do latim *violentia*, relacionada a *vis* e *violare*, e em seu sentido etimológico significa força em ação, força física, potência, essência, ademais algo que viola, profana, transgrede ou destrói. Dessa forma, *violentia* também pode sugerir uma ideia de vigor, ou força que leva à transgressão, ou à destruição de uma ordem dada, ou mesmo, dita como natural (Michaud, 1989).

Ainda nesse sentido, de acordo com Michaud (1989, p. 7), a violência é definida como "o fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra sua vontade empregando força ou intimidação; (...) ato que exerce violência; (...) expressão brutal dos sentimentos; (...) caráter brutal de uma ação". Logo, conceituar a violência torna-se uma difícil tarefa, pois se percebe acima que existem diferenças nos sentidos do uso e no significado etimológico do termo.



Fonte: Google

### 3.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE

Os preceitos sobre a violência chegam à razão de se configurar como um problema social bastante complexo, por suas diversificadas formas de materialização. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), na publicação do Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (Krug, 2002), são evidenciadas e caracterizadas algumas das formas de expressão da violência, tais como: a violência física, a violência psicológica, a violência sexual, a privação; a negligência; o abandono; a violência de gênero; a violência contra a mulher, entre outros. A seguir, breve análise sobre algumas das formas de violência consubstanciadas nos estudos de Minayo (2007):

**Violência física** - significa o uso da força física para machucar, traumatizar, ferir, causar dores, ou incapacitar outra pessoa;

**Violência psicológica** – desenvolve-se por meio de agressões verbais, ou gestuais com o intuito de aterrorizar, rejeitar e diminuir a vítima, limitar a liberdade, ou ainda de a restringir do convívio social;

**Violência sexual** – é o ato sexual que pode acontecer nas relações tanto hétero, quanto homossexuais, e tem a pretensão de estimular a vítima, ou usá-la para obter excitação sexual, ou práticas eróticas, pornográficas e sexuais, impostas em forma de aliciação, violência física, ou ameaças. Este tipo de violência também pode ocorrer por meio do abuso sexual, que varia entre relações sexuais, carícias, manipulação dos órgãos genitais, relações sexuais com, ou sem penetração oral, vaginal, ou anal;

**A privação ou negligencia (violência)** – é a omissão de dispor as necessidades básicas a alguém, tais como; alimentação, moradia, segurança e educação.

Fonte: Minayo, 2007.



**Sugerimos que você leia as referências abaixo que nos inspirou para trazer estas informações**

<https://books.scielo.org/id/3www26/pdf/minayo-9786557081150-04.pdf>

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA:** possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão.



Fonte: Google

Além dessas especificações, destaca-se algumas características das formas de violência apontadas no Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania (2009)[1]. No referido documento há uma preocupação relacionada a sua efetivação com crianças e adolescentes. Nesse estudo, a violência se efetiva nas formas de:

- Negligência** - entendida como omissão as necessidades básicas para o crescimento e desenvolvimento, por parte dos pais ou responsáveis
- Abandono** - como a carência dos pais, ou responsáveis da criança, ou do adolescente, abandonando-o sem moradia e perante a qualquer risco;
- Física** - sendo o uso de força intencional pelo agressor adulto que, geralmente, pode ser o pai, ou o responsável pela criança, ou o adolescente;
- Sexual** - a qual se trata do aproveitamento sexual, prostituição, pornografia infantil.

- Violência de Gênero** - é a conduta, ameaça, ou ação que se baseia no gênero, gerando danos físicos, psicológicos ou sexual. Tal violência pode ser classificada como uma violência interpessoal, ou seja, que ocorre entre indivíduos conhecidos ou não, a qual pode ocorrer tanto no âmbito familiar, quanto em ambientes públicos com pessoas desconhecidas.
  
- Violência contra a Mulher** - ela se efetiva mais precisamente nas formas física, sexual e psicológica. Em geral aplicada por parte dos parceiros da vítima. Outras formas mais específicas, e mais efetivadas contra as mulheres são: o estupro, o abuso sexual, o assédio no âmbito do trabalho, contra sua orientação sexual, o tráfico de mulheres, o turismo sexual, contra sua etnia, ou discriminação racial, a omissão ou ação praticada pelo Estado, a mutilação dos órgãos genitais, o estupro em massa.



**Sugerimos que você leia as referências abaixo que nos inspirou para trazermos estas informações**

<http://file.fde.sp.gov.br/portalfde/Arquivo/DocRedeEnsino/ManualProtecao.pdf>



### 3.3 OUTRAS FORMAS ESPECÍFICAS DE VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE

Existem outras formas específicas de violência na sociedade que são pouco discutidas e exploradas, mas que são perceptíveis no cotidiano, são elas: violência social, econômica e estrutural. A violência social se manifesta através da exclusão, discriminação, marginalização e desigualdades estruturais que afetam grupos sociais inteiros com base em características como raça, gênero, orientação sexual, classe social e origem étnica. Essa forma de violência perpetua injustiças e amplifica as disparidades sociais, criando um ciclo de desigualdade e injustiça. Já a violência econômica está relacionada às condições socioeconômicas precárias enfrentadas por muitas pessoas, incluindo pobreza, desemprego, exploração no local de trabalho e falta de acesso a serviços básicos como saúde e educação.

**Sugerimos que você leia as referências abaixo que nos inspirou para trazermos estas informações**

<https://www.scielo.br/j/rk/a/NjdC6hTRLjTDqvmPzHsQbYy/?format=pdf&lang=pt>



**Violência social: o que é, quais as causas e como prevenir**  
 Você sabia que o Brasil é considerado um dos países mais violentos do mundo? Descubra quais são as causas e como prevenir a violência social.  
 Instituto Aurora | Dec. 6, 2023

Essa forma de violência contribui para a perpetuação do ciclo de pobreza e marginalização, privando as pessoas de oportunidades e dignidade. E a violência estrutural refere-se aos padrões de organização social, políticas institucionais e estruturas de poder que perpetuam desigualdades e injustiças em níveis sistêmicos. Isso inclui políticas discriminatórias, sistemas legais injustos, corrupção e outras formas de opressão que impedem o acesso igualitário aos direitos e recursos (Barroso, 2021; Souza, 2023).

Observa-se que a violência é de fato um fenômeno complexo que se manifesta de diferentes formas. Nesse cenário, ela tem adentrado no âmbito escolar, constituindo-se por vezes como parte da cultura, ganhando espaço e se tornando corriqueiro nos debates acerca dos fenômenos sociais (Charlot, 2001). Por isso, há a necessidade de uma compreensão mais ampla de sua ocorrência nas escolas, para que haja uma busca pelo seu enfrentamento e a promoção de uma Cultura de Paz.



**Você sabia que do mesmo modo que não há um único tipo de violência, também não há uma única causa para sua ocorrência? Então se ligue nos principais fatores que podem gerar violência na sociedade**

- Desigualdades sociais que geram o desencantamento quanto ao futuro, em particular entre jovens em situação de maior pobreza e vulnerabilidade.
- Desemprego e precarização das condições de trabalho.
- Vida cotidiana dos jovens marcada por limites estruturais que afetam sua sobrevivência, reduzem suas chances de inserção adequada no mercado de trabalho e pioram sua qualidade de vida.
- Fragilização das famílias.
- Exposição de fatos violentos na mídia de forma predominantemente sensacionalista ou sem um correspondente esforço de divulgação de formas de enfrentamento do problema.
- Reduzida oportunidade de acesso de grande parte da população a bens culturais e oportunidades de lazer.
- Crescimento do ócio sem uma correspondente construção de referenciais de vida.
- Permanência do racismo e de formas variadas de preconceitos contra subgrupos sociais.
- Ação de gangues.
- Tráfico de drogas.
- Sentimento de impunidade.

**Para saber mais, acesse:**

[https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/Educacao/Cartilha\\_Violencia\\_e\\_Paz\\_-\\_Prattein.pdf](https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/Educacao/Cartilha_Violencia_e_Paz_-_Prattein.pdf)



### 3.4 VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS



A violência escolar se manifesta quando alguém, seja por meio de ações ou omissões, provoca danos à escola, à comunidade escolar ou a qualquer um de seus membros (Unesco, 2019). Por conseguinte, pode ser considerada uma construção social, pois ela varia de acordo com a realidade em que a escola e os atores escolares estão inseridos (Abromovay; Rua, 2002).

Esta percepção contribui para entender a escola como um lugar, onde as diferenças se encontram e, conseqüentemente, propício para a ocorrência de conflitos, já que há uma diversidade de pensamentos, valores, religiões, culturas, entre outros. Neste cenário de diferenças, o desafio maior é promover espaços, nos quais as divergências possam se constituir como ponto de encontro e de formação, e da não efetivação da intolerância, e por sua vez da violência. A escola é uma realidade que deve acolher as diferenças, caso contrário, pode se tornar um ambiente de medição de forças, tornando-se frutífero para a instauração da violência.

### 3.4.1. Mapeando os diferentes tipos de violência nas escolas

Mapear os tipos de violências mais recorrentes no ambiente escolar é um passo importante para compreender a realidade e os desafios que ela nos impõe, além de elaborar planos eficazes de enfrentamento, pois nos oferece uma visão mais ampla da diversidade de ações violentas que podem ocorrer nas escolas.

<p><b>1</b> <b>violência verbal</b></p> <p>Consiste na reprodução de xingamentos, apelidos, ofensas;</p>	<p><b>2</b> <b>violência física</b></p> <p>Envolve condutas como empurrar, bater e chutar, podendo, inclusive, gerar um homicídio;</p>
<p><b>3</b> <b>violência psicológica</b></p> <p>Inclui os ofensas, insultos, ameaças, preconceitos, discriminações, humilhações e exclusão social.</p>	<p><b>4</b> <b>violência patrimonial</b></p> <p>engloba atos como furtos, roubos, destruição de bens, vandalismo e depredação.</p>
<p><b>5</b> <b>Bullyng</b></p> <p>Abuso de poder físico ou psicológico entre pares, envolvendo dominação, prepotência, por um lado, e submissão, humilhação, conformismo e sentimento de impotência, raiva e medo, por outro. As ações abrangem formas diversas, como colocar apelidos, humilhar, discriminar, bater, roubar, aterrorizar, excluir, divulgar comentários maldosos, excluir socialmente, dentre outras (Ristum, 2010).</p>	<p><b>6</b> <b>Cyberbullyng</b></p> <p>É o bullying realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. É o comportamento repetido, com intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas (Unicef Brasil, s.d.).</p>

<b>7</b>	<b>Violência Institucional</b>	<b>8</b>	<b>Violência simbólica</b>
	<p>Regras de convivência, normas de funcionamento, burocracias e políticas internas, que se mal utilizadas, podem se constituir como formas de materialização da violência institucional. Além dessas, a privação do acesso às condições para estar e permanecer na escola, como por exemplo, a falta de recursos materiais, físicos e humanos, bem como, a precariedade do ensino público que se molda como uma privação de direitos e, por sua vez, uma forma de violência (Assis, Mariel, 2010).</p>		<p>É a violência sutil que se encoberta nas relações de poder que regem a sociedade global, pois o poder simbólico é exercido com a cumplicidade daqueles que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (Bourdieu, 2006). Ou seja, a falta de empatia nas relações de poder entre professores e alunos, a ausência de acolhimento e atenção para com os estudantes que enfrentam dificuldades, a prática de segregação ao designar uma "sala dos mais fracos" para os alunos com desempenho inferior, e um ensino que não leva em consideração os interesses individuais dos jovens são alguns exemplos de situações que contribuem para existência dessa violência.</p>

Fonte: Ristum, 2010; Unicef Brasil, s.d.; Assis; Mariel, 2010; Bourdieu, 2006

É importante frisar que professores, alunos, administrativos, gestão, a família e demais funcionários, podem ser vítimas ou autoras de violência no ambiente escolar, bem como, a escola é autora, quando utiliza práticas abusivas ou quando negligencia alguma situação de violência e é vítima quando sofre algum tipo de depredação e vandalismo, externo ou interno. E ainda pode ocorrer por fatores externos, como por exemplo, se uma pessoa não pertencente invade a escola para cometer algum ato violento, seja ele, contra uma pessoa ou contra a própria instituição.

Diante disso, constata-se a necessidade de implementar discussões, debates, projetos e atividades na comunidade escolar sobre aspectos que possam contribuir para o enfrentamento dessa problemática.



**Você sabia que diferentes fatores podem influenciar a ocorrência de violência no ambiente escolar? Os principais fatores são:**

- Crescimento da violência dentro e fora da escola sem que ela descortine meios de lidar com o problema, o que a torna sitiada e fragilizada.
- Carência de um maior diálogo e de relações de confiança mais efetivas entre profissionais da educação, alunos e comunidade.
- Falta de regras claras de convivência no âmbito escolar ou de postura equitativa na aplicação das regras existentes.
- Desconhecimento, por parte da escola e dos adultos, da cultura e dos códigos culturais das crianças e adolescentes.
- Despreparo da escola para lidar com estudantes que cometeram atos infracionais, que apresentam conduta anti social mais ostensiva ou que foram vitimizados por violências graves, e para mobilizar as respectivas famílias como parceiras de um processo de orientação.
- Descuido com a estrutura física e os equipamentos da escola.
- Distanciamento entre os conteúdos curriculares e a vida cotidiana.

Fonte: Ribas; Ribas Júnior, 2004



## 4 ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA



Discutir sobre diversidade e inclusão pode ser um caminho para reforçar medidas de prevenção a diversos tipos de violência, buscando a instauração de uma cultura de paz na escola, por meio do reconhecimento da identidade e diferença de cada um.

#### 4.1. O QUE É ENFRENTAMENTO



No contexto da escola, enfrentamento é entendido como uma série de ações e estratégias que visem a prevenção e o combate a violência no ambiente escolar. Ou seja, pode ser compreendido como um processo eficiente, dialético e, envolve a busca pela alteração dos cenários externos com a mudança do pensamento e também a sua condução a respeito desses cenários (Silva Júnior; Cunha, 2022).

O ponto principal desse conjunto de ações é assegurar um local seguro e acolhedor para todos os alunos, professores e funcionários, garantindo o bem-estar e o desenvolvimento saudável de toda a comunidade escolar.

Mas para que isso aconteça, é necessário se pensar em ações de enfrentamento aos diferentes tipos de manifestações da violência no ambiente escolar, tais como, a valorização dos adolescentes, encorajando-os a empreenderem e terem a capacidade de agirem por meio de ações responsáveis, respeitando a sua autonomia, bem como, criar espaços de discussões sobre a violência e casos de conflitos presentes (Ribas; Ribas Júnior, 2004).

Essas discussões são importantes e devem ser ampliadas nos espaços escolares, e os adolescentes são pertencentes a sociedade e não se pode estudar a violência fora dela, logo ela é gerada e desenvolvida por fatores econômicos, políticos, culturais, históricos e sociais. Todavia, Minayo (2003) nos mostra que a violência se modifica de acordo com as épocas, os locais, as circunstâncias e, acaba adquirindo cada vez mais formas complexas, simultaneamente, articuladas e fragmentadas.

Assim, a educação é fundamental e auxilia na vida dos adolescentes, com ações que possam intermediar uma possível proteção a violência e a busca de cultura de paz. Portanto, segundo Priotto (2011), o professor precisa estar preparado para de certa forma, propiciar condições necessárias a resistência às violências e situações no dia a dia dos adolescentes dentro do contexto escolar.





#### **4.2. ESTRATÉGIAS PARA O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA**

A prevenção da violência é um esforço coletivo que requer o envolvimento de todas as pessoas que fazem parte do ambiente escolar - diretores, professores, alunos, funcionários e pais. Juntos, podemos construir relações sociais mais solidárias, cooperativas e gratificantes. Além disso, é crucial que as escolas recebam apoio de todas as esferas do governo, incluindo o poder legislativo e judiciário, bem como da sociedade civil. Somente unindo forças e trabalhando em conjunto podemos criar um ambiente seguro e acolhedor para todos.

Existem diversas maneiras de realizar estratégias para o enfrentamento à violência nas escolas.

Veja a seguir alguns exemplos:

**Implementação de políticas de prevenção e combate à violência, como a criação de códigos de conduta e regras específicas de convivência;**

**Realização de atividades de conscientização e educação sobre a violência, abordando temas como bullying, discriminação e violência doméstica;**

**Realização de atividades de conscientização e educação sobre a violência, abordando temas como bullying, discriminação e violência doméstica;**

**Criação de espaços de diálogo e mediação de conflitos, onde os estudantes possam expressar suas opiniões e resolver problemas de forma pacífica;**

**Parcerias com instituições e organizações da comunidade para fortalecer o trabalho de prevenção e combate à violência;**

Promover uma postura de todos os membros da Comunidade escolar contra a desinformação e os discursos de ódio, tanto dentro da escola quanto por meio de mídias sociais;

Criação de ações junto aos governos, especialistas, organizações sociais e escolas para implementar ações de assistência à saúde mental nas escolas;

Reorganização dos currículos escolares inserindo ações intencionais e sistemáticas de melhoria de convivência escolar, bem como, adequá-lo para uma abordagem crítica e transversal de temas relacionados ao discurso de ódio.

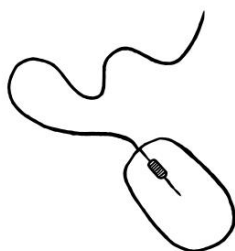
Fonte: Ribas; Ribas Júnior, 2004; Sebastião, 2009; Anunciação; et al, 2022; Brasil, 2023.

**Sugerimos que você leia as referências abaixo que nos inspirou para trazer estas informações**

[https://www.prattein.com.br/home/imagens/stories/230813/Educacao/Cartilha\\_Violencia\\_e\\_Paz\\_-\\_Prattein.pdf](https://www.prattein.com.br/home/imagens/stories/230813/Educacao/Cartilha_Violencia_e_Paz_-_Prattein.pdf)

Fonte: Ribas; Ribas Júnior, 2004; Sebastião, 2009; Anunciação; et al, 2022; Brasil, 2023.

<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>



## 5 CULTURA DE PAZ

No cenário atual da sociedade, a violência cada vez mais está presente no contexto escolar nas mais diversas manifestações, o que prejudica substancialmente no ensino aprendizagem dos alunos, por isso é preciso refletir maneiras de minimizá-las, através de ações de prevenção. Uma maneira significativa de fortalecer a prevenção da violência nas escolas é através de projetos e programação que buscam promover relações sociais mais saudáveis entre os estudantes entre os estudantes, como a Cultura de Paz (Monteiro; Lima; Asinelli-Luz, 2019).



## 5.1 O QUE É CULTURA DE PAZ

A cultura de paz nas escolas abrange uma série de práticas, valores e atitudes que incentivam a convivência harmoniosa, o respeito mútuo, a resolução pacífica de conflitos e a defesa dos direitos humanos. Seu objetivo é estabelecer um ambiente escolar seguro, inclusivo e acolhedor, onde cada membro da comunidade se sinta respeitado e apreciado. Portanto, “construir a paz significa aderir novas atitudes: valorização de princípios de construção do coletivo, novas formas de se relacionar baseadas na empatia e no real respeito pelo outro, ver adversidade como necessária, diálogo e cooperação são pontos positivos e relevantes” (Monteiro; Lima; Asinelli-Luz, p.74-75, 2019).

Para isso, entendemos que a escola, enquanto uma instituição formal, simboliza um ambiente diverso de construção e aprendizagem, que engloba uma variedade de funções, ideias, normas, valores e regras que são regadas de diferenças, embates e problemas. Assim, ela não é apenas um lugar físico, fixo, geograficamente localizado, mas também um ambiente social, político e cultural, onde os indivíduos ali inseridos se configuram por meios de práticas desenvolvidas neste local, além das interações entre os indivíduos possíveis dentro e fora da sala de aula. A escola é um ambiente onde crianças e os adolescência frequentam boa parte de sua vida, estabelecendo as primeiras relações sociais, além das ligações familiares, o que o indica como um lugar também de relações (Soares, 2012).

Portanto, pensamos a educação como uma promotora de transformação social, capaz de direcionar ou mesmo provocar um pensamento crítico, rompendo com comportamentos e pensamentos desviantes. É nesse sentido que a Educação, como prática social, pode ajudar no desenvolvimento de relações mais positivas e para a superação ou transformação dos desafios que surgem de conflitos familiares, escolares, da comunidade e sociais (Freire, 1987).



## **5.2 PRÁTICAS PARA A PROMOÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ NAS ESCOLAS**

Para promover a cultura de paz nas escolas, é essencial engajar toda a comunidade escolar, contando com a participação da direção, dos professores, dos funcionários, dos alunos e dos pais. É fundamental conscientizar sobre a importância da cultura de paz, oferecer formações e capacitações para os professores, proporcionar espaços para diálogo e resolução de conflitos, além de incentivar a participação dos alunos em projetos e atividades voltadas para a paz.

Diversas práticas podem ser adotadas para fomentar a cultura de paz nas escolas, tais como:

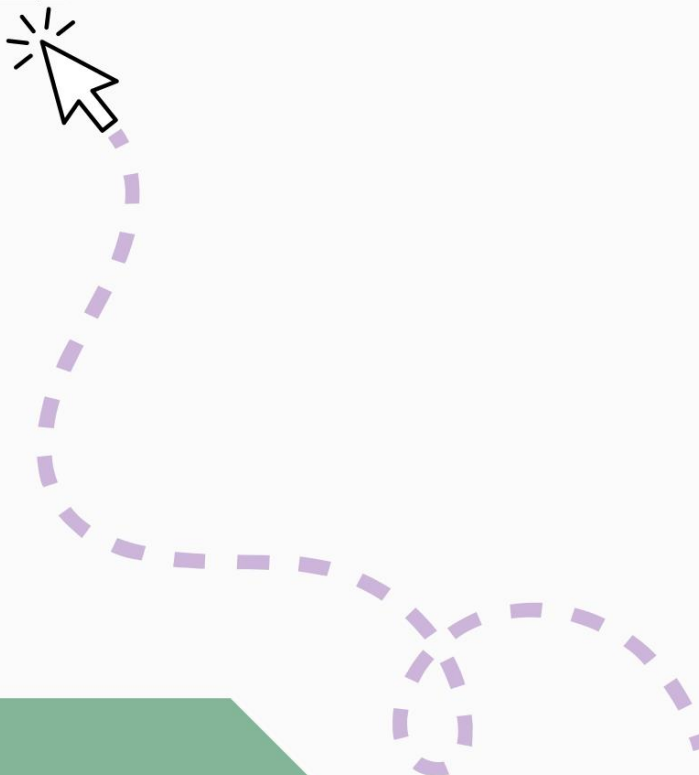
- **Estabelecer regras claras de convivência e respeito mútuo;**
- **Promover a resolução pacífica de conflitos, por meio de diálogo e mediação;**
- **Incentivar a participação dos alunos em projetos de solidariedade e responsabilidade social;**
- **Realizar atividades de reflexão e discussão sobre temas relacionados à paz, como direitos humanos, diversidade e igualdade;**
- **Criar espaços de diálogo e escuta ativa, onde os alunos possam expressar suas opiniões e sentimentos;**
- **Valorizar a diversidade e combater qualquer forma de discriminação ou violência;**
- **Incluir a educação para a paz no currículo escolar, abordando temas como respeito, tolerância e não violência;**
- **Promover relações interpessoais que auxiliem no desenvolvimento humano adequado para crianças e adolescentes, a partir da organização do ambiente escolar através da prática pedagógica;**

- Criação de programas de prevenção e mecanismos que privilegiam a Cultura da Paz nas escolas;
- Refletir sobre o papel da escola enquanto transformação social. Logo, ela é um espaço de formação humana, de busca por espaços de prevenção às violências, capazes de permitir o diálogo, o respeito, a diversidade, a inclusão, espaços de relações transparentes e sem opressão.

**Sugerimos que você leia as referências abaixo que nos inspirou para trazer estas informações**

<https://periodicos.uninove.br/dialogia/articula/view/13630/7073>

<https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>



## 6 OUTRAS POSSIBILIDADES

Ampliar os conhecimentos acerca da violência é entendê-la em diferentes pontos de vista, assim como, a partir dessa compreensão e o aprimoramento da percepção do nosso papel dentro da escola, e também, o papel da escola para a sociedade, podemos pensar em alternativas de combate-la e preveni-la. Nesse sentido, trazemos aqui possibilidades de caminhos a serem percorridos em busca do enfrentamento, por parte da escola. Porém, cabe salientar que não é uma função somente da escola, mas de toda a sociedade e do poder público, mas compete a nós, professores, coordenadores, gestores e escola fazermos a nossa parte.



## **6.1 FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA**

Refletir sobre a maneira de lidar com a violência nas escolas envolve aliar o conhecimento sobre o assunto com estratégias eficazes para enfrentá-lo. É importante que os professores compreendam esse fenômeno para lidarem de forma mais humanizada. Investir em programas de formação continuada nas escolas é uma das possibilidades de confrontar com esse desafio. Essa abordagem não apenas amplia o conhecimento sobre os diferentes tipos de violência, mas também forme os professores a desempenharem um papel ativo na comunidade escolar, implicando-se nesse processo.

### **6.1.1 Porque formação continuada nesse contexto?**

É essencial considerar a importância de proporcionar formações contínuas e explorar outras abordagens que possam ajudar no desenvolvimento e aprofundamento do tema em questão. Isso se alinha com as ideias defendidas por Imbernón (2011), Nóvoa (1992), Shön (2000), Pappi (2005) e André (2016), que destacam a formação do professor como um processo que visa prepará-lo para uma prática educativa socialmente crítica e reflexiva. Acreditamos que a formação continuada é fundamental para ampliar o conhecimento do professor e pode também contribuir para lidar com questões relacionadas à violência no contexto educacional.



Além disso, consideramos que a formação continuada desempenha um papel significativo na adaptação e no aprimoramento dos profissionais da educação. Foi nesse sentido que, ao longo do tempo, o conceito de formação docente passou por várias transformações devido às mudanças históricas e sociais. Atualmente, reconhecemos a importância de uma abordagem mais crítica e reflexiva, centrada no professor e em sua prática educativa. Tardif (2002) explora a complexidade da formação docente, ressaltando a necessidade de estabelecer uma ligação entre teoria e prática desde o início da formação inicial. Além disso, destaca-se a importância da formação contínua, que deve promover a autonomia e a capacidade de adaptação do professor diante das diversas demandas do contexto educacional, incluindo questões como a violência.

Destacamos, assim, que uma das possibilidades de lidar com a violência é através de uma formação que aborde essa questão. É essencial que os professores compreendam e se apropriem sobre questões mais amplas, pois estão inseridos em um ambiente cultural, social e economicamente diversificado. É fundamental promover o respeito e a valorização de todos os envolvidos.



### 6.1.2 Qual conteúdo de formação nesse contexto



Dialogando sobre a importância de uma formação para professores baseada em uma concepção crítico-reflexiva, entendemos que ao observar seu próprio trabalho e do ambiente escolar, os professores podem identificar algumas necessidades e quais temas precisam ser abordadas nesses encontros. Nesse sentido, quais conteúdos podem ser trabalhados?

Por meio de pesquisa empírica, inferimos que, é preciso aprofundamento acerca de temáticas pouco debatidos nas escolas, que são considerados temas delicados de se trabalhar, porém necessários. Por isso, exemplificamos alguns conteúdos para aperfeiçoamento como: os diferentes tipos de violência, dando ênfase ao bullying, direitos e deveres, valores, sexualidade, gênero, ansiedade, depressão, preconceito, entre outros.

Por conseguinte, debater esses temas é uma carência, em boa parte das escolas, pois é necessária uma maior compreensão no que diz respeito a violência e o seu enfrentamento, visto que houve um maior destaque, pelas mídias, a casos de violência nesse ambiente nos últimos anos, sobretudo de casos recentes à ataques em escolas, como a chacina em Blumenau[2], em uma creche e em São Paulo, na Escola Sapopemba[3], ocorrido durante o ano de 2023.

[2] Relembre este fato: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-a-creche-em-blumenau-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml>

[3] Relembre este fato: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/23/policia-atende-ocorrenda-de-disparo-de-arma-de-fogo-dentro-de-escola-na-zona-leste-de-sp.ghtml>

Nesse sentido, compreendemos que a formação continuada precisa ser desenvolvida considerando as adversidades de cada lugar, para que sirva como uma ferramenta que possibilite uma transformação do professor e possibilite formar um ser autônomo e atuante. Por isso, é necessário, de acordo com Vituriano (p.38, 2008), que "(...) as instituições promotoras organizem os processos formativos em perspectivas de continuidade, considerando a experiência dos educadores, suas práticas cotidianas e seu contexto de trabalho como ponto de partida da formação".



### 6.1.3 Quem são os formadores nesse contexto?

Entendemos que toda comunidade escolar pode participar, incluindo as famílias nesse contexto. Bem como, os estudantes, que também devem participar dessa formação em busca de um melhor entendimento e análise da questão investigada. Isso nos remete a uma reflexão, de que é preciso trazer para o foco da investigação, o aluno, pois ele faz parte desse processo, ou como autor ou como vítima. A esse respeito, Lima (p.90, 2012) discorre que “atualmente, nas pesquisas acadêmicas, há uma preocupação de se ouvir o que os alunos têm a dizer sobre violência e não somente dando ênfase ao olhar do professor”.

Assim, de acordo com o PeNSE (2019) e o Atlas da Violência (2023), os casos mais recorrentes de violência nas escolas é o bullying. Com isso, entendemos que formar os professores é ampliar conhecimentos, pois “(...) é fundamental garantir bons formadores” (Vituriano, p. 38, 2008) para que eles sejam autônomos e atuantes mediante as adversidades do cotidiano escolar.

Nesse sentido, quem poderia se constituir como formador? Compreendemos que a Formação Docente seja uma das alternativas de combate à violência nas escolas, mas que não se esgota somente nela. É preciso pensar outras possibilidades, aliadas a políticas públicas nesse enfrentamento. Contudo, podemos unir forças nessa empreitada, por isso, precisamos pensar em parcerias também, tais como, psicólogos, psiquiatras, pedagogos, psicopedagogos, policiais de diferentes instancias e, dentro do contexto escolar, podem ser formadores, os professores, coordenadores ou mesmo a gestão, desde que tenham entendimento acerca desta temática.

## 6.2 ATIVIDADES DE CONSCIENTIZAÇÃO: ABORDANDO O TEMA VIOLÊNCIA NAS AULAS.

Diante das possibilidades, na qual a escola pode auxiliar no enfrentamento à violência, pontuamos outras alternativas, tais como, o planejamento de aulas, em diferentes componentes curriculares, voltadas para esta temática. Ressaltamos que as atividades a seguir, foram elaboradas baseadas em dados obtidos e em conjunto com os colaboradores da pesquisa de mestrado, que resultou neste produto em questão.

### 6.2.1 Aula 1

<b>Título da aula</b>	Vamos conversar sobre Bullying?
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender o conceito de bullying e suas consequências, além de desenvolver um pensamento crítico a ser trabalhado em textos dissertativos-argumentativos, utilizando mídias como recurso pedagógico;</li> <li>• Identificar tema;</li> <li>• Inferir uma informação implícita.</li> </ul>
<b>Componente Curricular</b>	Língua Portuguesa
<b>Série</b>	1º/ 2º/ 3º ano do Ensino Médio
<b>Habilidades da BNCC</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• EM13LP05: Analisar, em textos argumentativos, os posicionamentos assumidos, os movimentos argumentativos (sustentação, refutação/contra-argumentação e negociação) e os argumentos utilizados para sustentá-los, para avaliar sua força e eficácia, e posicionar-se criticamente diante da questão discutida e/ou dos argumentos utilizados, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários</li> </ul>

**Habilidades da BNCC**

- EM13LP54: Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico -, e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, fanfics, fanclipes etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

**Recursos**

- Data show;
- Caixa de som;
- Quadro;
- Papel;
- Caneta.

**Orientações**

**Etapa 1:** Introdução sobre o Bullying

**Tempo:** 2 aulas (100 min): 10 min – apresentação; 90 min - exibição do filme.

*Orientações iniciais:* Apresente o tema da aula e os objetivos propostos para os alunos.

- Faça uma breve discussão, os questionando sobre o que eles entendem por bullying, se já presenciaram ou foram vítimas de situações de bullying;
- Finalize a discussão apresentando o conceito de Bullying e suas consequências

**Para saber mais:**

BRASIL, Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Criminalização do Bullying e Cyberbullying. Brasília, 12 jan. 2024. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2024/Lei/L14811.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14811.htm).

Acesso em: fev. de 2024.

OLIVEIRA, Josi. R; GOMES, Magda. A. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. Educação Por Escrito, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/7947/7475> Acesso em: fev de 2024.

PORTIFIRIO, Francisco. Bullying. Brasil Escola, © 2024. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm> . Acesso em: fev de 2024.

SOUZA, Thiago. Bullying e suas consequências. Toda Matéria, © 2011 – 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bullying/>, Acesso em: fev de 2024.

### Etapa 2: Exibição do filme

**Tempo:** 90 min

*Orientações iniciais:* Projete um filme que promova a reflexão sobre esse tema. (Sugestões: “Extraordinário”; “Valente”; “O menino do pijama listrado”; “Um grito de socorro”)



- Inicie a exibição do filme;
- Peça aos alunos que observem as situações de bullying apresentadas no filme e reflitam sobre as consequências para as vítimas e agressores.

### Etapa 3: Roda de Conversa

**Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientações iniciais:* Esse é o momento em que farão um debate sobre a temática estudada relacionando-a com o filme.

- Organize a sala em círculo, distribua de forma aleatória papéis com os seguintes questionamentos:

- O que você sentiu ao assistir esse filme?
- Você identificou alguma situação de bullying no filme?
- Se fosse com você, o que faria?
- O que faria para que o bullying não ocorresse?

- Em seguida, inicie a roda de conversa abordando o tema, utilizando os questionamentos distribuídos aos alunos, logo depois, abra a discussão para a participação de toda a turma.

**Etapa 4:** Atividade escrita**Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientações iniciais:* No intuito de verificar a aprendizagem dos alunos, desenvolva uma atividade de produção textual para que expressem seu entendimento de opiniões acerca do tema trabalhado.

- Nesse momento, os alunos irão produzir textos dissertativos-argumentativos relacionando à temática bullying.

**Atividade: Redija um texto um texto dissertativo-argumentativo baseado no tema Bullying, podendo utilizar o filme exibido na aula anterior ou outras fontes como repertório de seu texto.**

- Ao final, faça uma breve reflexão sobre o tema e peça para que os alunos compartilhem seus entendimentos e como pretendem agir diante de situações de Bullying.

**Para saber Mais:**

COLTRIN, Caroline. Dicas essenciais de como fazer uma boa dissertação. Aprova Total. 25/10/2023. Disponível em: <https://aprovatotal.com.br/texto-dissertativo-argumentativo/>. Acesso em: fev. de 2024.

**AVALIAÇÃO**

A avaliação será diagnóstica, formativa e somativa, através das atividades executadas ao longo do processo, bem como, a participação ativa nas discussões; qualidade das reflexões e argumentações apresentadas; coerência e clareza nos textos dissertativos argumentativos.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Criminalização do Bullying e Cyberbullying. Brasília, 12 jan. 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2024/Lei/L14811.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14811.htm). Acesso em: fev. de 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: jan de 2023.



COLTRIN, Caroline. Dicas essenciais de como fazer uma boa dissertação. Aprova Total. 25/10/2023. Disponível em: <https://aprovatotal.com.br/texto-dissertativo-argumentativo/>. Acesso em: fev. de 2024.

OLIVEIRA, Josi. R; GOMES, Magda. A. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. Educação Por Escrito, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/7947/7475> Acesso em: fev de 2024.

PORTIFIRIO, Francisco. Bullying. Brasil Escola, © 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm> . Acesso em: fev de 2024.

SOUZA, Thiago. Bullying e suas consequências. Toda Matéria, © 2011 – 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bullying/> , Acesso em: fev de 2024.

### 6.2.2. Aula 2

<b>Título da aula</b>	Diga não ao Preconceito!
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar e discutir as diferentes formas de preconceito, racismo, discriminação, intolerância e estigma, como resultado das relações e práticas sociais estabelecidas historicamente.</li> <li>• Compreender alguns conceitos, tais como: de raça, etnia, etnicidade e suas inter-relações através da discussão sobre ações afirmativas.</li> <li>• Despertar a sensibilidade e percepção social quanto às desigualdades presentes em nossa sociedade.</li> </ul>
<b>Componente Curricular</b>	Sociologia/História
<b>Série</b>	1º/ 2º/ 3º ano do Ensino Médio

**Objeto de conhecimento:**

- Preconceito, discriminação e segregação.
- Teorias raciais;

**Habilidades da BNCC:**

- EM13CHS101: Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
- EM13CHS103: Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
- EM13CHS601: Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.

<b>Recursos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Data show;</li> <li>• Caixa de som;</li> <li>• Quadro;</li> <li>• Papel;</li> <li>• Caneta;</li> <li>• Cartolina ou Papel 40 kg.</li> </ul>
<b>Tempo:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 4 aulas (50 min cada)</li> </ul>

## ORIENTAÇÕES

**Etapa 1:** Aula expositiva

**Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientações iniciais:* Inicie a aula os questionando sobre PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO e SEGREGAÇÃO. Se eles conhecem ou sabem diferenciar e peça exemplos de episódios de cada um deles;

- Faça uma aula expositiva, pontuando as teorias e contextualizando-as com o cotidiano.

### Sugestões de materiais:



#### Aula em PDF

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:c43727e1-837a-4531-bc4c-6a5d470ee08a>



#### Vídeo-aula no Youtube:

Preconceito e Discriminação  
<https://www.youtube.com/watch?v=vPtQRr9t2zc>

**Para saber mais:**

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:21ac7f03-e9e4-40f0-817a-52b39c88947e>

**Etapa 2:** Música e debate

**Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientação inicial:* Nesse momento, você irá utilizar das mídias sociais para auxiliar no estudo do tema.

- Comece a aula recapitulando, brevemente, os conceitos trabalhados na aula anterior;
- Coloque uma música relacionada ao tema, de preferência disponibilize a letra da música aos alunos, ou exiba em data show.

**Sugestões de Músicas**

Negro Drama (Racionais Mc's)

Link do Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=lvIB2G4WkVQ>



A voz da Resistência (Wd, Negra Li)

Link do Youtube:

[https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp\\_HYsbl](https://www.youtube.com/watch?v=QJ8Zp_HYsbl)  
<https://www.youtube.com/watch?v=USpvAgvDaaA>



A carne (Elza Soares)

Link do Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=xjNpNxPjeMQ>



Boa Esperança ( Emicida)

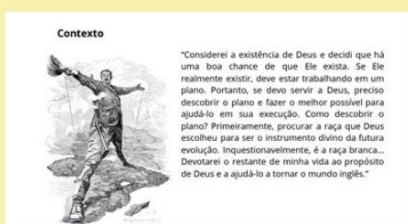
Link do Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=MNdJA4MEGHO>

- Após a finalização da música, dê início ao debate, refletindo sobre Preconceito, discriminação e segregação, a partir da letra da música exibida.

**Etapa 3: Teorias raciais do século XIX****Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientações iniciais:* Nesta etapa você irá introduzir o tema da aula para os alunos. Para isso, os alunos deverão realizar uma análise de um texto e uma charge, de Cecil Rhodes, mostrando o discurso da superioridade racial branca que embasava as missões imperialistas da Europa nos continentes africano e asiático durante o século XIX.



Fonte: RHODES, Cecil. In Erik Horner. Vozes do imperialismo.

**Link para acesso ao texto:** <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/ZUbZdtHUXm3Gkf2sckPy6rBPw3wpBwx5VcgazT3f8zPybaUA4yAZx8GrT7/his8-23und02-fonte-contexto.pdf>

- Distribua o material para os alunos e organize-os em grupos de até quatro membros;
- Guie os grupos na análise das fontes, conduzindo-os através de um estudo dirigido. É essencial que você instrua os alunos a identificarem o teor racista do discurso de Rhodes e a relacioná-lo ao contexto histórico estudado.
- Reforce aos alunos que o discurso reflete as características do darwinismo social e das teorias do chamado "racismo científico", que eram prevalentes durante o século XIX. Também destaque a presença da ideia do "retorno do mito civilizatório", que serviu como justificativa para as conquistas imperialistas da Europa durante o neocolonialismo
- Seguidamente, abra para discussão e/ou dúvidas.

**Para saber mais:**

ALVES, Alexandre. Conexões com a história. 3º ed. São Paulo: Moderna, 2016. Disponível em:

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:e194036c-3556-450a-87a6-30a112f0d203> Acesso em: jan. de 2023.

BRAICK, Patrícia Ramos. História: das cavernas ao terceiro milênio. 4º ed. São Paulo: Moderna, 2016. Disponível em:

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:12c750f2-36a2-4bcc-aeb5-82c72a057a02> . Acesso em: jan de 2023.

**Etapa 4:** Campanha Publicitária**Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientações Iniciais:* Este será um trabalho em equipe, cuja intenção é aguçar a criatividade a uma melhor compreensão do tema abordado ao longo das aulas anteriores. Além disso, desenvolver um pensamento crítico junto aos seus pares e a busca de combater preconceitos, sobretudo, violências dentro e fora da escola.

- Divida os alunos em equipes;
- Faça o sorteio dos temas das campanhas de combate aos preconceitos; (Sugestões de temas: Racial, Cultural, Social, Religioso, de Gênero, de Orientação Sexual, Deficiências e Linguísticas)
- Em seguida, os orientem a elaborar as campanhas dando algumas sugestões, tais como: Elaboração de cartazes; Criação de vídeos para as mídias sociais; Criação de panfletos, podcasts e/ou mini palestras;



- Os alunos terão 30 minutos para a elaboração de um roteiro para a campanha;
- Ao final da aula, organize com os alunos como e quando será a exibição das campanhas.
- (Sugestões: Pode ser marcado um dia específico na escola (como um projeto), em um espaço adequado para a exposição das campanhas ou pode ser passado de sala em sala. Já para os vídeos, poderão serem expostos nas mídias sociais oficiais da escola).

### **AVALIAÇÃO**

A avaliação será diagnóstica, formativa e somativa, através das atividades executadas ao longo do processo, bem como, a participação ativa nas discussões; qualidade das reflexões e argumentações apresentadas; criatividade e responsabilidade.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Alexandre. Conexões com a história. 3º ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BRAICK, Patrícia Ramos. História: das cavernas ao terceiro milênio. 4º ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: jan de 2023.

CORREA, Júlia Bittencourt B. Plano de aula: As teorias raciais do século XIX e o racismo na sociedade atual. Nova Escola. © 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/historia/as-teorias-raciais-do-seculo-xix-e-o-racismo-na-sociedade-atual/5560> Acesso em: fev. 2024.

SILVA, Afrânio; et al. Sociologia em movimento. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

RHODES, Cecil. In Erik Horner. Vozes do imperialismo. Disponível em: <http://pos-aula.blogspot.com/2012/02/vozes-do-imperialismo.html>. Acesso em: fev. de 2024

## 6.2.3 Aula 3

<b>Título da aula</b>	Sociologia da Violência
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordar de forma crítica a violência no contexto brasileiro, priorizando, para isso, o reconhecimento da existência de diferentes dimensões e formas de violência;</li> <li>• Identificar e distinguir o que é violência física, psicológica e simbólica, assim como, de outras formas por meio das quais ela se manifesta.</li> </ul>
<b>Componente Curricular</b>	Sociologia
<b>Série</b>	1º/ 2º/ 3º ano do Ensino Médio
<b>Objeto de conhecimento:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indivíduo, sociedade e cultura: tipos de violências nas estruturas e relações sociais</li> <li>• Sociologia da Violência e Desigualdades.</li> </ul>
<b>Habilidades da BNCC:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• EM13CHS503: Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.</li> <li>• EM13CHS502: Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.</li> </ul>



<b>Recursos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Data show;</li> <li>• Caixa de som;</li> <li>• Quadro;</li> <li>• Papel;</li> <li>• Caneta;</li> <li>• Cartolina ou Papel 40 kg.</li> </ul>
<b>Tempo:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 4 aulas (50 min cada)</li> </ul>

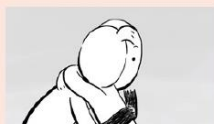
## ORIENTAÇÕES

**Etapa 1:** apresentação e debate

**Tempo:** 1 aula (50 min)

**Orientações iniciais:** Nesta etapa, você irá fazer uma breve apresentação do tema das aulas e os seus objetivos.

- Apresente algumas imagens que promovam uma reflexão sobre a temática violência;
- Realize um breve debate sobre o tema e a importância de se debater sobre esses assuntos;
- Sugestões: Link para o material: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:12eed301-8a83-4bd1-848f-79ea2ba765f> )
- Em seguida, projete um vídeo para refletir;



Animação - Música: Paz ( Yon Natan)

Link do Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=xlyKfy57yIk>



Animação contra bullying

Link do Youtube:

[https://www.youtube.com/watch?v=\\_qSwCuQnjgQ](https://www.youtube.com/watch?v=_qSwCuQnjgQ)



Não confunda amor com abuso

Link do Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=4FK13w5MFIg>

- Após o término do vídeo, inicie o debate questionando-os sobre, quais mensagens o vídeo quer mostrar?;
- Finalize o debate com um pensamento acerca do tema.

### **Etapa 2:** Aula expositiva: Violência e Desigualdade Social

**Tempo:** 2 aulas (50 min)

*Orientações Iniciais:* Escolha 1(um) ou 2(dois) cartazes da aula anterior para fazer uma introdução, aproveitando para destacar os objetivos de estudarmos sobre violência e desigualdade social na teoria, em busca de uma melhor compreensão de sua ocorrência no contexto social.

- Elabore ou adapte uma aula expositiva, contendo, os conceitos de violência, os tipos de violências e sobre a Sociologia da Violência;



Aula em PDF:

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:e09c7daf-9172-46f7-b0f5-46c409583454>



Vídeo-aula no Youtube:

SOCIOLOGIA AULA 11 - Violência (Profa Marcela)  
[https://www.youtube.com/watch?v=RkH-6cH\\_LIs](https://www.youtube.com/watch?v=RkH-6cH_LIs)

### **Para saber mais:**

SILVA, Afrânio; et al. Sociologia em movimento. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2016.

Link

do

material:

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:21ac7f03-e9e4-40f0-817a-52b39c88947e>

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo César Rocha da. Sociologia para jovens do século XXI. 4ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

Link do material: <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:733e1825-bbed-4cc3-895c-3ce188a6f702>

### **Etapa 3:** Violência nas escolas

**Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientações iniciais:* Nessa etapa, você irá discutir sobre violência, do ponto de vista, de sua manifestação na escola, diferenciando a violência da escola, na escola e contra a escola.

- Utilize o texto a seguir, para realizar uma leitura dirigida com os alunos:

#### ESCOLA: LUGAR DE PAZ

A violência nas escolas é um problema social que se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. É lamentável que uma instituição que tem como objetivo formar a ética e a moral dos sujeitos, como também transformar a sociedade e torná-la mais justa, instruindo o aluno para que ele consiga edificar uma boa carreira no mercado de trabalho, ainda sofra com atitudes violentas.

Infelizmente, a violência está presente em diversas esferas da sociedade, como nas ruas das cidades, no ambiente doméstico e em crimes de colarinho branco. Diante disso, é comum observar jovens desacreditados em uma sociedade justa e igualitária, o que pode levar ao comportamento violento. No entanto, a escola é um ambiente de amizade, harmonia e integração entre todos os agentes. Em vez de guerrear contra a violência, precisamos promover o diálogo, estabelecer regras claras e objetivas, não favorecer apenas um determinado grupo de alunos e oferecer apoio psicológico àqueles que precisam.

Além disso, também é importante promover atividades artísticas, sociais, esportivas e gincanas que aumentem o diálogo e o contato de todos com a diversidade de gênero, estilos e gostos que encontramos em uma escola. Assim, a instituição se torna ainda mais em um ambiente agradável, onde os alunos criam uma identidade e passam a ter mais respeito e apreço pela escola e por tudo que existe nela.

Logo, com essas ações, podemos tornar a instituição em um ambiente agradável e valoroso aos pais, alunos e funcionários. Todos os agentes da escola se tornarão melhores cidadãos, reconhecendo a importância do respeito em nossas vidas. Afinal, diminuindo a violência na escola em todos os seus aspectos físicos e psicológicos, garantimos que os alunos tenham acesso à educação e se tornem cidadãos cada vez mais conscientes e engajados em uma sociedade mais justa e igualitária. E você, está pronto para contribuir para uma escola de paz? Reflita.

*Texto: Tudo Sala de Aula, 2023*

Fonte: Tudo Sala de Aula, 2023.

#### Link para acesso ao texto:

<https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:VA6C2:06117e81-71d1-4aa0-8641-fe587385a419>

#### Para saber mais:

RISTUM, Marilena. Violência na Escola, da Escola e contra a Escola. IN: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p. ISBN 978-85-7541-330-2.

TIGRE, Maria das Graças Espírito Santo. Escola, juventude e violência: um estudo no Ensino Médio. Tese de Doutorado (UFSCar) - São Carlos: UFSCar, 2013. Disponível: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2313/5373.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: fevereiro de 2023



Leia também a dissertação

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA:** possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão.

**Etapa 4:** Preparação para os Seminários**Tempo:** 1 aula (50 min)

*Orientações iniciais:* Este será um trabalho em grupo, com o intuito de aprofundarmos mais sobre os diferentes tipos de violência urbana e na escola, bem como, suas principais consequências e as formas de prevenção. Além disso, possibilitará o desenvolvimento de um pensamento crítico e uma reflexão acerca das atitudes individuais.

Divida os alunos em equipes, a depender do quantitativo, explore os tipos mais recorrentes;

- Faça o sorteio dos temas;
- (Sugestões dos tipos de violências: Física, psicológica, verbal, sexual, de gênero, institucional. Bullying/cyberbullying, doméstica, contra a mulher e violência simbólica);
- Em seguida, oriente os alunos a elaborar um roteiro de apresentação, destacando a importância de conter nas apresentações: o que é; como ocorre; exemplos; quais as consequências; de que maneira podemos evitá-las e combatê-las.
- Durante esse processo de construção do roteiro, perpassa por todas as equipes, observando seus roteiros, auxiliando-os no que for preciso;
- Finalize com os combinados para as apresentações, tais como: data, tempo mínimo e máximo de apresentação, recursos que serão utilizados e os materiais para pesquisa.

**AVALIAÇÃO**

A avaliação será diagnóstica, formativa e somativa, através das atividades executadas ao longo do processo, bem como, a participação ativa nas discussões; qualidade das reflexões e argumentações apresentadas; disposição e criatividade.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, Lei nº 14.811, de 12 de janeiro de 2024. Criminalização do Bullying e Cyberbullying. Brasília, 12 jan. 2024. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2024/Lei/L14811.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14811.htm).

Acesso em: fev. de 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: jan de 2023.

COLTRIN, Caroline. Dicas essenciais de como fazer uma boa dissertação. Aprova Total. 25/10/2023. Disponível em: <https://aprovatotal.com.br/texto-dissertativo-argumentativo/> . Acesso em: fev. de 2024.

OLIVEIRA, Josi. R; GOMES, Magda. A. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. Educação Por Escrito, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/7947/7475> Acesso em: fev de 2024.

PORTIFIRIO, Francisco. Bullying. Brasil Escola, © 2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm> . Acesso em: fev de 2024.

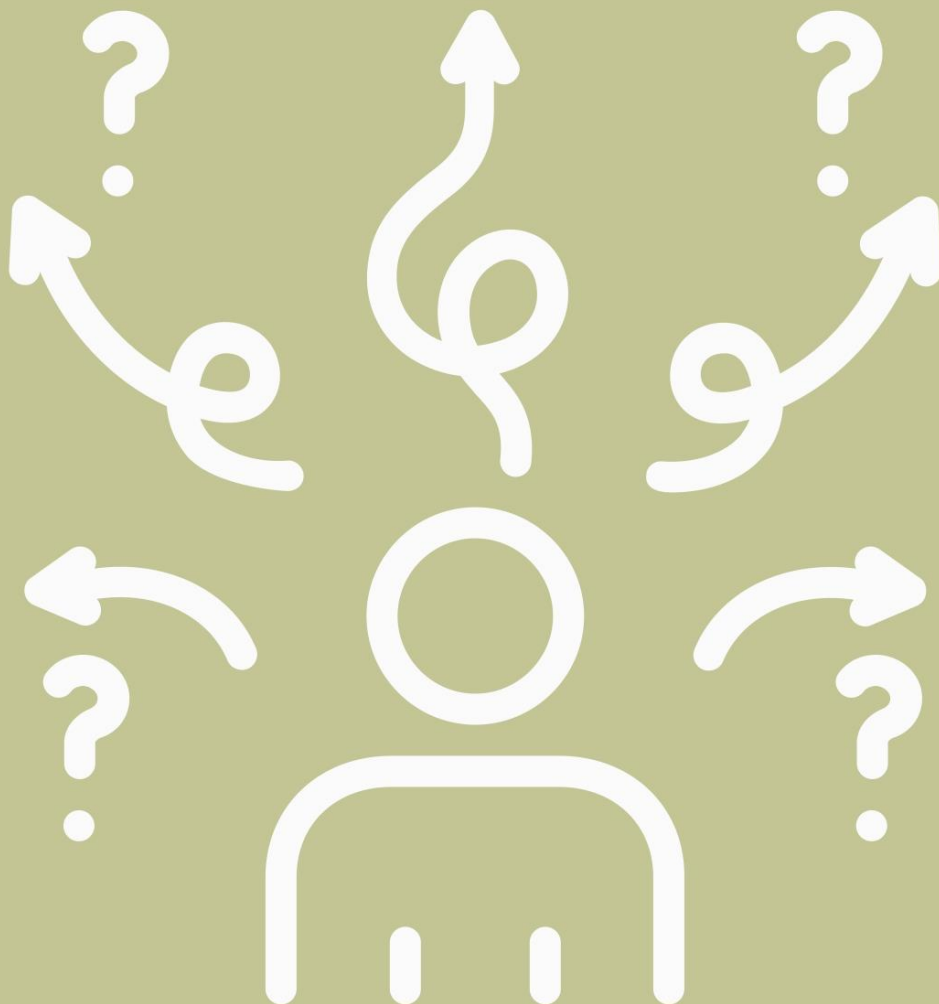
SOUZA, Thiago. Bullying e suas consequências. Toda Matéria, © 2011 – 2024. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bullying/> , Acesso em: fev de 2024.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-claude. A Reprodução: Elementos Para Uma Teoria Do Sistema De Ensino. Rio De Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia Da Violência: Pesquisas De Antropologia Política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

KRUG, E. G. Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. Brasília: OMS/Opas/UNDP/Secretaria De Estado Dos Direitos Humanos, 2002.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS



O fenômeno da violência urbana é uma questão complexa e social, que interfere no convívio harmônico em sociedade. Nesse contexto, temos a escola que não está imune a esses acontecimentos, tão pouco, também pode praticar, o que prejudica de forma substancial o processo de aprendizagem dos nossos alunos, o convívio entre pares, o trabalho docente e uma gestão de qualidade. Desta forma, precisamos ampliar nossos olhares acerca desse fenômeno, no sentido, de buscar uma melhor compreensão do que é e de sua dimensionalidade.

Por isso, elaboramos este caderno de orientações didático-pedagógicas, com vistas a colaborar com saberes/conhecimentos teóricos e práticos, relativos a violência e o seu processo de enfrentamento na escola. Assim, propomos o (re) conhecimento das diversas manifestações de violência que podem ocorrer dentro e fora do ambiente escolar, bem como, entender nosso papel, do ponto de vista, do combate e prevenção de suas ocorrências e o desenvolvimento de uma Cultura de Paz nas escolas.

Desta forma, entendemos que a partir dessa compreensão mais ampla, podemos pensar em possibilidades para o enfrentamento desse fenômeno social. Logo, a nossa contribuição também é significativa, juntamente às ações que o poder público implementar e executar. Pois, sabemos que o professor, o coordenador, o gestor ou a escola, sozinhos não conseguem resolver tal questão, mas sim, auxiliar nesse processo.

Assim, sugerimos a formação docente para subsidiar o entendimento da violência nas escolas; sequências didáticas que auxiliem o professor a trabalhar a temática em sala de aula e uma reflexão acerca das possíveis parcerias que podemos estabelecer para combater e prevenir essas manifestações.

Portanto, compreendemos que, para superar ou amenizar as dificuldades relacionadas à violência na sociedade e que refletem diretamente nas escolas, precisamos dessa colaboração de toda a sociedade e comunidade escolar que vivencia essa realidade. Assim, consideramos que todos necessitam conhecer essa multidimensionalidade da violência, para construirmos, juntos, uma Cultura de Paz.



**REFERÊNCIAS**

ABRAMOVAY, M; RUA, M.G. Violência nas escolas. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ALVES, Alexandre. Conexões com a história. 3º ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso (Org.). Práticas inovadoras na formação de professores. Campinas, SP: Papyrus, 2016.

ANUNCIAÇÃO Leilane L.; CARVALHO Rosely C.; SANTOS José Eduardo F.; MORAIS Aisiane C.; ALMEIDA Vivian R. S.; SOUZA Sinara L. Violência contra crianças e adolescentes: intervenções multiprofissionais da Atenção Primária à Saúde na escola. Rio de Janeiro: Saúde Debate, v. 46, nº Especial 3, p. 201-212, NOV 2022.

ASSIS, Simone G; MARRIEL, Nelson de S. M. Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola. IN: Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. / Organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf> Acesso em: julho de 2022.

ATAQUE a creche em Blumenau: o que se sabe e o que falta esclarecer. Portal G1 SC, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/04/05/ataque-a-creche-em-blumenau-o-que-se-sabe-e-o-que-falta-esclarecer.ghtml> . Acesso em: fev. de 2024.

ATAQUE a tiros em escola estadual na Zona Leste deixa uma estudante morta e outros três feridos. Portal G1 SP, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/23/policia-atende-ocorrencia-de-disparo-de-arma-de-fogo-dentro-de-escola-na-zona-leste-de-sp.ghtml> . Acesso em: fev. de 2024

BARROSO, Milena F. Violência estrutural: mediações entre “o matar e o morrer por conta”. R. Katál., Florianópolis, v.24, n. 2, p. 397-406, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/NjdC6hTRLjTDqvmPzHsQbYy/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: fev. 2024.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-claude. A Reprodução: Elementos Para Uma Teoria Do Sistema De Ensino. Rio De Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRAICK, Patrícia Ramos. História: das cavernas ao terceiro milênio. 4º ed. São Paulo: Moderna, 2016.



\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf> Acesso em: jan. 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: jan de 2023.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2023. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>. Acesso em: jan. de 2023.

CHARLOT, B. A. Os jovens e o Saber: perspectivas Mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia Da Violência: Pesquisas De Antropologia Política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CORREA, Júlia Bittencourt B. Plano de aula: As teorias raciais do século XIX e o racismo na sociedade atual. Nova Escola. © 2023. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/historia/as-teorias-raciais-do-seculo-xix-e-o-racismo-na-sociedade-atual/5560> Acesso em: fev. 2024.

CYBERBULLYING: O que é e como pará-lo. Unicef Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-eh-e-como-para-lo> Acesso em: janeiro de 2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1cITN2W1U1VX8GRmp9rxegVVQuA2p0\\_0s/view](https://drive.google.com/file/d/1cITN2W1U1VX8GRmp9rxegVVQuA2p0_0s/view) Acesso em fev. 2024.

IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 9ª ed. Trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2011 9 (Coleção questões de nossa época; vol. 14).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf> Acesso em: dez. de 2023.

KRUG, E. G. Relatório Mundial sobre Violência e Saúde. Brasília: OMS/Opas/UNDP/Secretaria De Estado Dos Direitos Humanos, 2002.

LIMA, Doracy Gomes Pinto. Violência na escola: a concepção de professores e alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da Área Itaquí-Bacanga. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Maranhão, curso de Mestrado em Educação, 2012. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/228> . Acesso em: jan. de 2023.

MACIEL, Milena Ataíde. Representações sociais de violência na escola: um diálogo com alunos e professores da Paraíba. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

MICHAUD, Ives. A violência. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. A violência dramatiza causas. In: MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E. R. (Orgs.). Violência sob o olhar da saúde: a intrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

\_\_\_\_\_. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, p. 61-77, 2007.

MONTEIRO, Michele P.G.; LIMA, Tatiane, D.; ASINELLI-LUZ, Araci. A escola como expressão da violência ou locus da cultura da paz? São Paulo: Dialogia, n.32, p. 65-80, mai/ago, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/13630/7073>. Acesso em fev. 2024.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (org.) Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf) Acesso em: dez. de 2023

OLIVEIRA, Josi. R; GOMES, Magda. A. Bullying: reflexões sobre a violência no contexto escolar. Educação Por Escrito, v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/7947/7475> Acesso em: fev de 2024.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo César Rocha da; Sociologia para jovens do século XXI. 4ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. Professores: formação e profissionalização. 2º ed. Araraquara – SP: Junqueira & Marin, 2005.

PIERRE, Bourdieu. O poder simbólico. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

PORTIFIRIO, Francisco. Bullying. Brasil Escola, [s.d.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm> . Acesso em: fev de 2024.

PRIOTTO, Elis Palma. Violência escolar: políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

RHODES, Cecil. In Erik Horner. Vozes do imperialismo. Disponível em: <http://pos-aula.blogspot.com/2012/02/vozes-do-imperialismo.html>. Acesso em: fev. de 2024

RIBAS, Eliana Ribeiro de Souza; RIBAS JÚNIOR, Fábio Barbosa. Prevenção da violência e educação para a paz: um guia para reflexão e ação. São Paulo: Prattein, 2004. Disponível em: [https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/Educacao/Cartilha\\_Violencia\\_e\\_Paz\\_-\\_Prattein.pdf](https://www.prattein.com.br/home/images/stories/230813/Educacao/Cartilha_Violencia_e_Paz_-_Prattein.pdf) Acesso em: fevereiro de 2023

RISTUM, Marilena. Violência na Escola, da Escola e contra a Escola. IN: ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p. ISBN 978-85-7541-330-2.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania: Sistema de Proteção Escolar, São Paulo, 2009.

SEBASTIÃO, J. Violência na escola: uma questão sociológica. Revista Interações, [S. l.], v. 5, n. 13, 2009. DOI: 10.25755/int.396. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/396> . Acesso em: jan. 2024.

SCHON, D. Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: Ações para combater a Violência nas Escolas. Tudo Sala de Aula, 2023. Disponível em: [https://www.tudosaladeaula.com/2023/04/sequencia-didatica-acoes-para-combater-a-violencia.html#google\\_vignette](https://www.tudosaladeaula.com/2023/04/sequencia-didatica-acoes-para-combater-a-violencia.html#google_vignette) . Acesso em: jan de 2023.

SOUZA, Thiago. Bullying e suas consequências. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bullying/> , Acesso em: fev de 2024.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 7º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TIGRE, Maria das Graças Espírito Santo. Escola, juventude e violência: um estudo no Ensino Médio. Tese de Doutorado (UFSCar) - São Carlos: UFSCar, 2013. Disponível: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2313/5373.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: fevereiro de 2023

UNESCO. Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092> Acesso em: jan. 2024.

VITURIANO, Hercília M. De M. Formação continuada em uma concepção crítico-reflexiva: desafios aos coordenadores-formadores de professores nas escolas da Rede Municipal de São Luís. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Ceará, Mestrado em Educação Brasileira, 95 f., 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3045> . Acesso em: jan. de 2024

### **SOBRE A AUTORA**

#### **Andréa Maia Maciel**



Mestranda em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) com investigação voltada para o tema Violência Escolar e a questão da Formação Docente para o enfrentamento da violência na escola, pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Docência no Ensino superior pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Atualmente é Professora da rede Estadual de Ensino do Maranhão atuando em turmas do Ensino Médio com a disciplina Sociologia e Projeto de Vida. Desenvolveu atividades na Educação Infantil, no ano de 2011 pela Associação das Donas de Casa da Cohab (ADCC) como professora titular. Desenvolveu atividades como Coordenadora Pedagógica (2013-2015) por meio da Fundação Sôsândrade de Apoio ao Desenvolvimento da UFMA (FSADU), no Projeto Federal Esporte e Lazer das Cidades desenvolvido no Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

### **SOBRE A ORIENTADORA**

#### **Profa. Dra. Hercília Maria de Moura Vituriano**



Possui graduação em Pedagogia - Universidade Estadual do Maranhão (1999); Mestrado em Educação - Universidade Federal do Ceará (2008) e doutorado em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016). Atualmente é estatutária da Universidade Federal do Maranhão. Atua junto ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no Departamento de Educação I e ainda junto ao Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica/PPGEEB. Coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino da Leitura, Escrita e Formação Docente/GELEF. Desenvolve estudos nas seguintes áreas/campos: Formação de Professores (inicial e continuada); Formação de Formadores; Linguagem Escrita na Educação Infantil e Ensino da Leitura/Escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

**ANEXOS**

## ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO  
MARANHÃO

---

### CARTA DE APRESENTAÇÃO DE PESQUISADOR

Prezado(a) Sr(a) Gestor(a)  
Josenildo Saldanha Nogueira  
Centro Educa Mais Domingos Vieira Filho

Venho através desta solicitar a V.S<sup>a</sup> que nos conceda a autorização de contato com a sua instituição de ensino para coleta de dados a fim de materializar pesquisa de Mestrado Profissional, a ser realizada pela mestranda *Andréa Maia Maciel* (**matrícula** 2021107559), regularmente matriculado no Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, sob a minha orientação. Informo que os dados que precisamos devem ser obtidos por meio de informações adquiridas no contato direto com a instituição (na figura do/a coordenador/a pedagógico/a, de professores/as e alunos/as) e se referem a situações do processo de ensino e aprendizagem desenvolvidos na escola. Ressaltamos que o anonimato dos participantes será rigorosamente respeitado, e em nenhuma situação serão divulgados nomes ou outras informações não autorizadas. Na certeza de contarmos com a colaboração desta instituição de ensino, agradecemos antecipadamente a atenção, e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessário

São Luís (MA), 26 de outubro de 2022.

Profa Dra Hercília Maria de Moura Vituriano  
Orientadora/Pesquisadora GELEF (Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino da Leitura,  
Escrita e Formação Docente)

Assinatura e Carimbo d(a) destinatário (Favor datar o recebimento deste documento)

Em: / / 2022.

## ANEXO B – TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO – TLCE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.182, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Comitê de Ética em Pesquisa

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, (nome, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, RG)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

estou sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado de **“A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NA ESCOLA: possibilidades para o enfrentamento à violência em instituições de Ensino Médio no Maranhão.”**, cuja a justificativa é: propor uma investigação para aliar o conhecimento sobre violência na escola e o seu processo de enfrentamento em especial, para que os professores em contexto escolar possam compreender esse fenômeno e, ao mesmo tempo, pensar em perspectivas para o seu enfrentamento, como, processos de formação continuada no contexto escolar, além de promover conhecimentos sobre os tipos de violência, e tornar o professor ainda mais consciente daquilo que pode fazer na sua comunidade escolar, ou seja, implicar-se nesse processo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de compreender que saberes/conhecimentos relativos ao enfrentamento a violência em instituições de ensino médio podem constituir-se como base teórica e metodológica para fomentar o processo de formação continuada de professores.

Fui informado sobre alguns benefícios que posso esperar dessa pesquisa, tais como: **a elaboração de um guia de orientações didático-pedagógicas, para organização do trabalho formativo no contexto de uma instituição de ensino médio em Paço do Lumiar - MA.**

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo. **Assim, consideramos, então, que esta pesquisa apresentará possibilidade de risco desprezível.**

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não serei prejudicado à assistência que venho recebendo.



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.



## Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

## Comitê de Ética em Pesquisa

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são *Andréa Maia Maciel* (*andrea.maciel@discente.ufma.br*) e *Hercília Maria de Moura Vituriano* (*hercilia.maria@ufma.br*) e com eles poderei manter contato pelos telefones (98) 981345196 e (98) 981105005, respectivamente.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Fui informado também que receberei uma via deste termo, devidamente assinado.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: *depósito em conta-corrente*. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

São Luís, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Professor Participante

\_\_\_\_\_  
*Andréa Maia Maciel*  
(Pesquisadora responsável)

\_\_\_\_\_  
*Hercília Maria de Moura Vituriano*  
(Orientadora)

Em caso de dúvida quanto aos seus direitos e o estudo, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa do CEPUFMA: Avenida dos Portugueses S/N, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho, PPPG, Bloco C Sala 07 – São Luís/MA; Telefone: 3272-8708; e-mail: cepufma@ufma.br.

## ANEXO C – CIRCULAR DA ATIVIDADE PROPOSTA PELA SUPERVISÃO DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL – SUPCETI



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SEDUC  
SECRETARIA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E INTEGRAL - SAEPI  
SUPERVISÃO DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL - SUPCETI

CI CIRCULAR Nº 068/2023 – SUPCETI/SEDUC      São Luís, 18 de abril de 2023

### Supervisão dos Centros de Educação em Tempo Integral - SUPCETI

**Para:** Trio Gestor dos Centros Educa Mais.

**Assunto:** Reunião sobre orientações para prevenção e combate da violência no espaço escolar.

De ordem,

Prezados(as) Gestores(as),

Cumprimentando-os cordialmente, a Supervisão dos Centros de Educação em Tempo Integral – SUPCETI vem por meio desta convocar todos os Centros Educa Mais para uma reunião sobre orientações para prevenção e combate da violência no espaço escolar.

- Data: Quarta-feira, 19 de abril;
- Horário: 09h30;
- Link da videochamada: <https://meet.google.com/bnz-tpfs-vcd>; Ou disque: (US) +1 440-834-2838 PIN: 694 412 789#

Certos da constante parceria e empenho de todos na participação desta ação, renovamos nossos sinceros votos de estima e certos do fortalecimento da Cultura de Paz em nossos Centros Educa Mais.

Atenciosamente,

**Diulinda Pavão Costa**

**Coordenadora TGE/SUPCETI**

**ANEXO D – MANUAL DE ORIENTAÇÕES PARA PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

MANUAL DE ORIENTAÇÕES  
PARA PREVENÇÃO DE  
VIOLÊNCIA NA ESCOLA



SEDUC  
Secretaria de Estado  
da Educação



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO MARANHÃO**

Felipe Camarão

**SECRETARIA ADJUNTA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E INTEGRAL**

Delmar Matias Júnior

**SUPERVISÃO DOS CENTROS DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL**

Bruno Emanuel Moraes Barros Santos

**EQUIPE DE ELABORAÇÃO**

Ana Helena Souza Carmo

Bruna Amaral de Medeiros

Bruno Emanuel Moraes Barros Santos

Célia Maria Pinheiro Andrade

Daniel Araújo dos Santos

Daniele Pinho Coêlho

Diulinda Pavão Costa

Hebbglaydson Luís Silva do Nascimento

Hurda Camila do Nascimento Leitão

Isaque Matheus de Jesus Cutrim

Jaqueline de Jesus Matos Alencar

Luiza Pires Fujiara Guerino

Maria Temis Lopes da Silva

Mariana Chaves de Miranda

Morgana Conceição Araújo Pimentel Almeida

Patrícia Rabêlo Boguea de Matos

Priscila da Conceição Viegas



SEDUC  
Secretaria de Estado  
da Educação



## INTRODUÇÃO

Diante do cenário nacional de violência direcionada às escolas e à comunidade escolar se faz necessário a observação de algumas orientações socioemocionais e de rotinas importantes visando a prevenção e o acompanhamento de situações que emergem no ambiente escolar.

A escalada dos ataques e de denúncias de intenções contra a comunidade escolar em nosso País registrados nas últimas semanas e amplamente divulgados na mídia nacional, revelam uma onda de violência que vem se agravando nos últimos dias. Em nosso Estado, notícias de ataques nas escolas, motivadas por discurso de ódio nas redes sociais, têm se propagado em larga escala. Diante disso, a SUPCETI por meio da análise e avaliação de riscos vem propor a adoção de protocolos de segurança que busquem minimizar os impactos dessa ameaça.

O papel da escola vai além da disseminação do conhecimento, pois ela também contribui na prática para a formação de uma geração mais esclarecida e consciente. Logo, a formação interdimensional e sua relação com a racionalidade, afetividade, corporeidade e espiritualidade deve ser desenvolvida para que o espaço escolar, além de ser agradável, também estimule a escuta ativa, o acolhimento e o convívio saudável entre todos.

Os Centros Educa Mais desenvolvem variadas ações pedagógicas que consolidam a **formação interdimensional**, as competências para o século XXI e o protagonismo juvenil, de forma que as orientações dadas nesse documento vêm agregar às práticas e metodologias de êxito que diariamente apoiam na prevenção de conflitos e proteção do ambiente escolar, buscando, sobretudo, o fortalecimento da Pedagogia da Presença.



Contudo, para compartilhar ou abrir espaço para uma gestão participativa, faz-se necessário que o trio gestor sensibilize toda a comunidade escolar, mostrando que o bem-estar de todos e a busca de resultados satisfatórios e soluções viáveis e efetivas para o que se propõe, necessitam do envolvimento e do apoio coletivos....

Dessa forma, a gestão da escola assume uma “autoridade compartilhada”, na qual se delega poder aos representantes da comunidade escolar, que por sua vez assumem responsabilidades em conjunto. Sendo assim torna-se necessário à implementação de uma proposta efetiva de enfrentamento à violência, através de ações colaborativas no exercício de suas funções enquanto Gestor Geral, Gestor Pedagógico e gestor Administrativo e Financeiro.

Para tanto, orientamos o trio gestor acerca de estratégias preventivas que possam promover uma proteção a comunidade escolar, reforçando as medidas de segurança e utilizando estratégias pedagógicas e socioemocionais. Abaixo listamos algumas medidas ou ações importantes de serem observadas e efetivadas.



## AÇÕES DIRECIONADAS PELO TRIO GESTOR:

### AO GESTOR GERAL COMPETE:

- Manter um diálogo aberto com toda comunidade escolar no intuito de manter a calma e um espaço acolhedor e de bem estar;
- Articular com a ronda escolar e o conselho escolar a realização de palestras com temáticas abrangentes de prevenção a qualquer tipo de violência;
- Ficar ciente das atribuições específicas do GP e GAF frente a prevenção à violência no espaço escolar e fortalecer as reuniões de fluxo com pauta relativa a esse contexto;
- Fortalecer a rotina de reunião com lideranças estudantis (Conselho de líderes, Presidentes de Clubes de Protagonismo, Grêmio Estudantil) no intuito de instruir os mesmos quanto a comunicação direta para a gestão de casos relacionados a violência;
- Instruir toda a comunidade escolar a não propagação de notícias relacionadas violência escolar em grupos virtuais (Facebook, Instagram, Whatsapp...), no intuito de não propagar o medo e a instabilidade emocional nos jovens e adultos;
- Manter atualizados os contatos de viaturas e do comandante do batalhão da polícia militar responsáveis pela localidade, no intuito de otimizar a comunicação, principalmente nos locais que não são cobertos por Ronda Escolar;
- No caso do município que possuir Ronda Escolar, manter atualizado os contatos dos comandantes e policiais militares dessa equipe, assim como solicitar, ronda preventivas na entrada e saída dos estudantes, e caso necessário, a visita dos mesmos dentro do espaço escolar;
- Viabilizar parcerias com a Polícia Civil, Conselho Tutelar, Associação de Moradores dos Bairros, e outros representantes ou instituições que possam auxiliar a escola no combate a violência;
- Informar com antecedência os órgãos competentes e esta supervisão em casos específicos de planejamento de atos de violência que possam inviabilizar o dia letivo;
- Formalizar através de boletins de ocorrência ações de planejamento ou ato de violência registrado no ambiente escolar;
- Comunicar e solicitar presença do Conselho Tutelar em mediações de conflito referentes a atos de violência que envolvam estudantes;
- Comunicar e solicitar a presença de familiares dos estudantes que manifestam sinais de alerta para casos de violência (vide sinais descritos pela Frente Socioemocional, abaixo descritos);
- Realizar reunião com familiares no intuito de alinhar ações preventivas e socioemocionais descritas neste Manual e na Nota Pública do SINEPE/MA em anexo.
- Garantir a supervisão das ações/reuniões dos clubes de protagonismo.

### AO GESTOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO COMPETE:

- Manter postura de calma e de perseverança frente às equipes de ASG, portaria e copa;
- Dialogar com suas equipes a necessidade da não propagação de informações e desinformações que circulem nas mídias sociais referentes a atos de violência, principalmente quanto ao desconhecimento da veracidade;
- Manutenção do atendimento externo apenas com agendamento, visando a diminuir o fluxo de entrada de pessoas estranhas na escola;
- Informar os familiares da impossibilidade de atendimento na entrada e saída dos estudantes, de forma a não comprometer a segurança nesses momentos;
- Comunicar e supervisionar a ação dos porteiros no controle do fluxo de entradas e saídas de alunos, funcionários e visitantes, informando-os que deve ser mantido trancado os portões de acesso, até a eventual liberação pela gestão;
- Orientar os agentes de portaria para manter-se atentos a movimentação de pessoas suspeitas na entrada e saída da escola;
- Orientar todo grupo de ASGs sobre a importância de ficarem atentos a movimentações estranhas na escola e informar de imediato o(a) GAF em casos que necessitem de intervenção;
- Realizar o monitoramento de estudantes que possam ser indicativos de questões como depressão, automutilação ou distúrbios de ordem emocional;
- Incentivar a obrigatoriedade do uso de uniformes pois este facilita a formação de uma identidade estudantil, promovendo a noção de pertencimento a uma comunidade onde todos possuem os mesmos direitos e obrigações;
- Disponibilizar, em espaços de circulação interna, urnas ou links de formulários google para recolhimento de informações sobre ameaças, situações de violência em curso, denúncias de bullying, racismo, homofobia ou qualquer tipo de relato que ajude a escola a tomar medidas de proteção;
- Formar um grupo de WhatsApp com policiais militares e civis, bombeiros e guardas municipais, especialmente designados por suas corporações, para troca de informações sobre segurança e conselhos na área;
- Fortalecer a rede de apoio e canal de comunicação imediata dos funcionários de ASG, copeiras e demais terceirizados com a equipe gestora, tendo em vista que estes colaboradores são importantes parceiros e porta vozes dos acontecimentos do ambiente escolar;
- Intensificar o fluxo de reunião semanal com ASG's, copeiras e demais terceirizados para orientação quanto ao olhar atento a quaisquer comportamentos que chamem a atenção dos mesmos.
- Estar atento aos horários de aulas e ao fluxo dos profissionais que estão na instituição;
- Garantir a inspeção constante das dependências da escola;
- Planejar o acolhimento diário dos estudantes de forma que não comprometa a segurança na entrada dos mesmo;



### AO GESTOR PEDAGÓGICO COMPETE:

- Organizar dentro do cronograma de formação em serviço, estudo de material, vídeos e artigos sobre problemas relacionados à violência e formas de identificação, além de utilizar este espaço, de planejamento, para elencar textos que possam ser utilizados em tertúlias literárias voltadas para abertura de diálogo sobre o problema em questão;
- Manter uma postura de calma e de perseverança frente a equipe de docentes;
- Dialogar com suas equipes a necessidade da não propagação de informações e desinformações que circulam nas mídias sociais referentes a atos de violência, principalmente quanto ao desconhecimento da veracidade;
- Solicitar aos docentes a identificação de alterações de comportamento dos jovens, como interesse incomum por assuntos violentos e atitudes violentas, agressividade e uso de expressões discriminatórias de qualquer tipo e exaltação a ataques em ambientes educacionais;
- Estimular o corpo docente a intensificar a Pedagogia da Presença, estando atentos a possíveis problemas socioemocionais que possam desencadear crises psicológicas ou episódios de violência na escola, e informando sempre que necessário a gestão (vide sinais de alerta no campo socioemocional);
- **Nas aulas de projeto de vida**, por ser o ambiente e momento escolar onde o estudantes e docentes costumam ter mais liberdade em suas falas e exposição de seus sentimentos, o professor deve ficar atento a comportamentos muito evasivos ou falas que demonstram ódio, rancor ou preconceito para que este estudante venha a ser observado com mais cuidado pela gestão escolar;
- **Nas aulas de tutoria** - organizar dentro do cronograma anual das aulas momentos onde possam ser discutidos a cultura de paz e o sentimento de pertencimento à comunidade escolar, podendo ser utilizado estratégias com tertúlias com texto que sirvam de abertura do diálogo sobre o tema violência e sua prevenção;
- **Nas aulas de projeto de corresponsabilidade social** - desenvolver em parcerias com os estudantes o "Movimento Escola Acolhedora", com projetos que visem abordar várias formas de trabalhar a cultura de paz, não somente dentro da escola, mas também na comunidade, tornando o ambiente escolar um porto seguro na comunidade;

## AÇÕES DIRECIONADAS PELOS ESTUDANTES

### AOS LÍDERES DE TURMA SUGERE-SE:

- Realizar um momento de acolhida e partilha interna nas salas de aula. Os líderes de turma organizarão um mini acolhimento em sua sala, podendo ser no começo do dia ou nos horários pós lanche e almoço, a ser realizado nos moldes do acolhimento diário.
- Praticar a escuta ativa e olhar atento no dia a dia das vivências em sala de aula ou em plataformas digitais, percebendo atitudes suspeitas e possíveis atos de auto isolamento social por parte de algum jovem que pode estar praticando ou sendo vítima de: RACISMO, VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, AGRESSÕES FÍSICAS E VERBAIS, LGBTFOBIA entre outros. Levantar o grau de preocupação desses casos e informar a equipe gestora para que as medidas necessárias possam ser tomadas para prevenir que essas atitudes não culminem em nenhum ato de violência.

### AOS CLUBES DE PROTAGONISMO SUGERE-SE:

- Levantar as temáticas trabalhadas nos clubes de protagonismo e os parceiros que podem contribuir para realização de oficinas e rodas de conversas para a prevenção de possíveis situações de violência nas escolas.
- Realizar rodas de conversa nos encontros dos Clubes de Protagonismo juvenil para fomentar a cultura de paz nos Centros.
- A partir da temática de cada clube de protagonismo devem construir uma apresentação (peças, danças, eventos de esporte beneficente, rodas de conversa e etc...) ou um material concreto para exposição na escola (cartazes, murais, cartilhas, árvores dos sonhos e etc...). Com o tema: **Sou Educa Mais, eu escolho PAZ.**

### AO GRÊMIO ESTUDANTIL SUGERE-SE:

- Auxiliar a gestão na supervisão da realização das atividades propostas para os líderes de turma e clubes de protagonismo, de acordo com as secretarias das quais o grêmio é composto, idealizar e auxiliar que estas ações sejam bem sucedidas e que os estudantes internalizem a proposta da cultura de paz.
- Propor, junto a gestão geral da escola, articulações com instituições e grupos da comunidade que pautam ações de prevenção e conscientização em relação à violência na escola para realizarem debates e oficinas com os estudantes do Centro.
- Publicizar nas paredes do centro os números de emergência que devem ser acionados em caso de urgência, fomentar por meio de rodas de conversa e debates junto aos líderes de turma a importância de acionar esses contatos apenas em casos de emergência EX: polícia militar 190, defesa civil 199, delegacia da mulher 180, disque racismo 138, bombeiros 193, SAMU 192, conselho tutelar 125, centro de valorização a vida 141, guarda municipal 153, prevenção ao suicídio 188.
- Praticar a liderança servidora através da escuta ativa e olhar atento, visando identificar possíveis casos no cotidiano da escola, encaminhar para equipe gestora qualquer caso identificado por membros do grêmio de algum jovem que pode estar praticando ou sendo vítima de: RACISMO, VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, AGRESSÕES FÍSICAS E VERBAIS, LGBTFOBIA entre outros, para que as medidas necessárias sejam tomadas. Confiando inteiramente no Protagonismo autêntico, solidário e competente dos nossos jovens, e crendo que estes momentos difíceis irão passar, esperamos que estas ações ajudem na implementação de uma cultura de paz cada dia mais harmônica e orgânica pelos corredores de todos os Centros Educa Mais e que nenhum sonho/projeto de vida seja interrompido.

## ORIENTAÇÃO SOBRE INTERVENÇÃO SOCIOEMOCIONAL

A todos que fazem educação, primeiramente sintam-se acolhidos. É compreensível que haja dúvidas em meio ao cenário de violência que tem se apresentado contra algumas escolas do nosso País.

Ressaltamos que cada um de vocês são agentes de Promoção, Prevenção e Intervenção também na educação socioemocional, promovendo saúde mental para nossos estudantes. Faz-se necessário propiciar mais tempo e espaço no cotidiano escolar para dialogar sobre emoções com respeito, afeto e acolhimento, consolidando um vínculo de segurança.

Orientamos ainda que estejam atentos aos Sinais de Alerta para identificação mesmo em casos de ameaças veladas ou ditas como “brincadeira” e posteriormente analisar o padrão dessa pessoa envolvida (quem é esse estudante, seu histórico, quem são seus amigos, como é sua relação com familiares, qual a sua frequência e interações na escola e a possível motivação para o atentado).

Orientações com ações, intervenções e mediação em como proceder, com:

- Famílias e/ou Responsáveis dos estudantes;
- Estudantes fragilizados emocionalmente com as ocorrências;
- Sinais comportamentais importantes de serem percebidos nos jovens;

Segue abaixo o material para suporte de acordo com as diferentes demandas de cada grupo, citado acima.



## **FAMILIAS E/OU RESPONSÁVEIS**

Orientamos a importância do diálogo entre os estudantes e seus responsáveis, no intuito de uma escuta sensível às demandas do(a) aluno(a), reconhecendo o grau de proximidade do jovem, se presenciou, se foi vítima ou se está distante do caso, apenas soube informações do ocorrido. Após esse diagnóstico prévio, inicie o diálogo com o estudante de maneira respeitosa e acolhedora, como por exemplo:

### **Você soube algo sobre a sua escola?**

Compreenda que nossos estudantes possuem acesso à informação, por isso seja claro e objetivo acerca da notícia, para evitar fake news e suposições.

Ressaltamos a importância em preservar o emocional do estudante, não exponha detalhes, nem o compartilhamento de imagens e/ou vídeos da violência, pois ao expormos nossos estudantes a detalhes dos atentados, essa prática potencializa e naturaliza a ocorrência de casos contra a vida, principalmente de adolescentes que vulneráveis emocionalmente e suscetíveis a imitar ações agressivas dentro e fora do espaço escolar, buscando uma visibilidade e atenção que são facilmente alcançadas na mídia e comunidade em situações como essa.

Escute atentamente o jovem e direcione sua interação para identificar como verdadeiramente se sente e como lida com a emoção do medo e o possível sentimento de impotência em casos de violência na escola, no bairro ou mesmo dentro da família.

Reiteramos que o fortalecimento da relação de confiança e comunicação com a escola seja realizado. Orientem os familiares para que, se possível, reestruturem suas rotinas diárias para acompanharem os estudantes nos momentos de entrada e/ou saída escolar e utilizem os mecanismos de comunicação com a escola para sanar dúvidas.

Orientem os responsáveis a verificar cotidianamente as mochilas e monitorar as redes sociais dos filhos, como esforço coletivo para evitar qualquer tipo de ameaça à segurança de todos ou mesmo para evitar a aliciação dos jovens em prol de atos violentos.

### **ESTUDANTES FRAGILIZADOS EMOCIONALMENTE COM AS OCORRÊNCIAS:**

Faz-se necessário que os professores e gestores compreendam a necessidade do estudante em ser acolhido e percebido nas suas reais sensações diante das informações ao qual foi exposto, com o objetivo de suportar, acolher e assimilar a experiência.

Acolha as emoções e sensações manifestadas pelo estudante para que ele se sinta em um espaço seguro, tendo em vista, que essas reações são fisiológicas e naturais de serem sentidas quando deparamos com experiências de dor coletiva e caótica. Esse momento de promoção de um espaço seguro e acolhedor é de fundamental importância para efetivação da escuta sensível com os estudantes fragilizados.

Cada estudante vivencia esse momento de forma diferente e isso está ligado a cultura, crenças, forma de ver e interpretar a vida e precisa ser respeitado o momento de cada um e o tempo de processamento e elaboração do conteúdo.

Após o acolhimento e a escuta sensível, observar quais necessitam da rede de apoio e fazer os devidos encaminhamentos.



## SINAIS COMPORTAMENTAIS QUE DEVEM SE OBSERVADOS

A prevenção é a melhor estratégia para evitar atos violentos na escola, assim citamos abaixo alguns sinais de alerta que podem antecipar ações interventivas na comunidade escolar:

- Ameaças mesmo que veladas realizadas na escola, ambientes externos ou nas redes sociais;
- Relatos e discursos de ódio direcionados à escola, ou à estudantes e professores;
- Fascínio por armas e artigos militares (obsessão com armamento) ligado aos extremismo;
- Relatos detalhados em trabalhos da escola, desenhos ou qualquer ilustração de atividades associadas à violência, como por exemplo: descrever em uma redação planejamento ou ações futuras de agressão e/ou atentados;
- Vítima e/ou Praticante de Bullying;
- Isolamento social;
- Mudanças de comportamento e oscilações de humor;
- Timidez em excesso;
- Intolerância e agressividade;

Diante de algum sinal de alerta acima descrito é importante ser mantido o sigilo do nome do(a) estudante envolvido, e a mediação ser sempre realizada com olhar atento e escuta generosa e caso necessário ser realizado reuniões junto aos responsáveis.

Frisamos ainda a importância de uma rede de apoio ao trabalhar com os nossos estudantes, compreendendo que a responsabilidade de uma situação tão complexa não seja atribuída em uma única instituição.



### PORTAIS DE COMUNICAÇÃO PARA APOIO EMOCIONAL

- CVV - Centro de Valorização da Vida, Apoio Emocional e Prevenção do Suicídio, ligue 188;
- Centro Atendimento Psicossocial (CAPS) locais;
- Unidades Básicas de Saúde locais.

### PORTAIS ONLINE DE COMUNICAÇÃO PARA DENUNCIAR INCITAÇÃO DE VIOLÊNCIA

- [www.denuncie.org.br](http://www.denuncie.org.br)
- [www.mpf.mp.br/sac](http://www.mpf.mp.br/sac)
- [www.gov.br/mj/pt-br/escolasegura](http://www.gov.br/mj/pt-br/escolasegura)

**Observação:** Informamos que este Manual de Orientações para Prevenção da Violência nas Escolas será posteriormente ampliado, visto que nesse momento o Governo do Estado está realizando várias reuniões de alinhamento entre diversas Secretarias de Estado no intuito de criar um comitê específico e com diretrizes mais amplas que promovam a integração de ações em diversas frentes de trabalho com objetivo de intervir em atos de violência contra os ambientes educacionais.